



<http://militaryreview.army.mil>

PB-100-15-5/6

Headquarters, Department of the Army

PIN: 105223-000

Approved for public release; distribution is unlimited

Military Review

REVISTA PROFISSIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA

MAIO-JUNHO 2015

Garantias na Europa p3

Gen Div Donald M. Campbell Jr. e Maj Michael T. Whitney, Exército dos EUA

Uma Rússia Mais Poderosa é Realmente Algo Tão Ruim? p16

George Michael

Tradução e Interpretação Militar Brasileira p68

Cap Israel Alves de Souza Júnior, Exército Brasileiro

CENTRO DE ARMAS COMBINADAS, FORTE LEAVENWORTH, KANSAS

3 Garantias na Europa Por que as Relações Importam

Gen Div Donald M. Campbell Jr. e
Maj Michael T. Whitney, Exército dos EUA

Desde o início da Operação Atlantic Resolve, o Exército dos EUA na Europa recebeu muitos visitantes, e todos saíram com o entendimento de que as tropas norte-americanas baseadas permanentemente na Europa são, e continuarão a ser, vitais para responder a desafios como os recentes acontecimentos na Ucrânia. Apenas forjando fortes laços de confiança e conexões, o USAREUR pode ter a esperança de estabelecer os tipos de parcerias que se mostram resistentes contra a incerteza.

10 O Conceito de Aprendizado do Exército de 2015 está em Andamento

Oficial Técnico John Robinson, Exército
dos EUA e CC (Res) Brian Davis, Fuzileiros
Navais dos EUA

A forma pela qual nossas Instituições de Ensino evoluem para ajudar a criar esses líderes e pensadores adaptáveis está esquematizada no Conceito de Aprendizado do Exército de 2015 (conhecido como ALC 2015). A Escola de Carreira de Oficiais Técnicos do Exército dos EUA (USAWOCC) já é pioneira na implantação da orientação sobre metodologias pedagógicas e de currículo do ALC 2015.

16 Uma Rússia Mais Poderosa é Realmente Algo Tão Ruim?

George Michael

Com a ameaça persistente do islamismo militante e o crescente poder econômico e militar da China, uma Rússia forte é algo essencial para a segurança nacional de longo prazo dos EUA e do mundo ocidental.

34 Desafios à Defesa Nacional no Mundo Contemporâneo

Cel (R1) Reinaldo Nonato de Oliveira
Lima, Exército Brasileiro

O presente artigo tem o propósito de despertar a atenção para desafios difusos ou velados que se apresentam à Defesa Nacional em um mundo marcado por inflexões geopolíticas neste alvorecer do século XXI.



Foto da Capa: Observadores de fogos conjuntos do 503^a/173^a Bda Aeroterrestre, e um controlador de ataque da Letônia (à direita), participam de um evento regional de adestramento na Base Militar Adazi, na Letônia, 27-28 Mai 14.

(Foto do Exército dos EUA, Cb Seth LaCount, Guarda Nacional do Estado de Michigan)

48 Como Ganhar a Confiança Sob Fogo

Ten Cel Aaron A. Bazin, Exército dos EUA

Frequentemente, as forças militares buscam ações positivas para tranquilizar aliados, influenciar neutros e dissuadir adversários potenciais. Influenciar uma nação ou grupo cultural depende da obtenção da confiança daqueles que podem influenciar outros. Como tal, qualquer militar que não consiga ganhar a confiança dos influenciadores-chave corre o risco de não conseguir cumprir a missão.

58 O Repositório Central de Dados de Simulação e Adestramento

Uma Ferramenta de Planejamento e Montagem de Exercícios na Guarnição

Cel (Res) David G. Paschal e Maj (Res) Alan L. Gunnerson, Exército dos EUA

Este artigo demonstra como a ferramenta para montagem de exercícios do repositório central de dados de simulação e adestramento — denominada Training Brain Repository-Exercise Design Tool (TBR-EDT) — confere ao comandante a capacidade de aumentar a complexidade, o realismo e a profundidade do ambiente real, virtual ou construtivo de um exercício, com uma velocidade e fidelidade antes impossíveis.



85

Military Review

THE PROFESSIONAL JOURNAL OF THE U.S. ARMY

Maio-Junho 2015 Tomo 70 Número 3
Professional Bulletin 100-15-5/6
Authentication no. 1511903

Comandante, Centro de Armas Combinadas: General Robert B. Brown
Editora-Chefe da Military Review: Coronel Anna R. Friederich-Maggard
Editor-Chefe das Edições em Inglês: William M. Darley
Editor-Chefe, Edições em Línguas Estrangeiras: Miguel Severo
Gerente de Produção: Major Efreem Gibson
Administração: Linda Darnell

Edições Ibero-Americanas

Assistente de Tradução: vago
Diagramador/Webmaster: Michael Serravo

Edição Hispano-Americana

Tradutora/Editora: Albis Thompson
Tradutor/Editor: Ronald Williford

Edição Brasileira

Tradutor/Editor: Shawn A. Spencer
Tradutora/Editora: Flavia da Rocha Spiegel Linck

Assessores das Edições Ibero-americanas

Oficial de Ligação do Exército Brasileiro junto ao CAC/EUA e Assessor da Edição Brasileira: Cel Luiz Henrique Pedroza Mendes
Oficial de Ligação do Exército Chileno junto ao CAC/EUA e Assessor da Edição Hispano-Americana: Ten Cel Jorge León Gould

Military Review – Publicada pelo CAC/EUA, Forte Leavenworth, Kansas, bimestralmente em português, espanhol e inglês. Porte pago em Leavenworth Kansas, 66048-9998, e em outras agências do correio.

A correspondência deverá ser endereçada à Military Review, CAC, Forte Leavenworth, Kansas, 66027-1293, EUA. Telefone (913) 684-9338, ou FAX (913) 684-9328; Correio Eletrônico (E-Mail) usarmy.leavenworth.tradoc.mbx.military-review-public-em@mail.mil.

A Military Review pode também ser lida através da internet no Website: <http://www.militaryreview.army.mil/>. Todos os artigos desta revista constam do índice do Public Affairs Information Service Inc., 11 West 40th Street, New York, NY, 10018-2693.

As opiniões aqui expressas pertencem a seus respectivos autores e não ao Departamento de Defesa dos EUA ou seus elementos constituintes, a não ser que a observação específica defina a autoria da opinião. A Military Review se reserva o direito de editar todo e qualquer material devido às limitações de seu espaço.

Military Review Edição Brasileira (US ISSN 1067-0653) (UPS 009-356) is published bimonthly by the U.S. Army, Combined Arms Center (CAC), Ft. Leavenworth, KS 66027-1293.

Periodical paid at Leavenworth, KS 66048, and additional mailing offices. Postmaster send corrections to Military Review, CAC, Truesdell Hall, 290 Stimson Ave., Ft. Leavenworth, KS 66027-1293.

Raymond T. Odierno—General, United States Army Chief of Staff

Official: 

Gerald B. O'Keefe—Administrative Assistant to the Secretary of the Army

68 Tradução e Interpretação Militar Brasileira em Missões de Paz da ONU

A Relevância de um Serviço Especializado

Cap Israel Alves de Souza Júnior, Exército Brasileiro

Há uma crescente demanda por enviar tropas para o exterior a fim de prover o apoio requisitado pela ONU aos países que solicitam tal intervenção. Diante das dificuldades de comunicação apresentadas no teatro de operações, tornou-se imperativo o emprego de tradutores e intérpretes militares nessas operações militares. Entretanto, nota-se, ainda, um despreparo técnico em sua seleção e utilização, uma vez que deveriam ser profissionais da linguagem com experiência sólida, formação adequada e aptidão para o exercício da arte de traduzir e interpretar em prol da paz mundial.

79 Como Preparar os Militares para a Incerteza

Ten Cel Jonathan Due, Maj Nathan Finney e Maj Joe Byerly, Exército dos EUA

Os comandantes sabem que precisam preparar as tropas para enfrentar a incerteza ao longo de toda a gama de operações militares. Este artigo examina como realizar esse preparo, de modo que as tropas do Exército dos EUA estejam aptas a prevalecer nos conflitos armados.

85 As Realidades do Programa de Resposta e Prevenção ao Assédio e Agressão Sexual

Perspectivas sobre Como Lidar com a Prioridade Número Um do Exército dos EUA

Ten Cel (Res) Peter D. Fromm, Exército dos EUA

Há relativamente poucos trabalhos ou artigos que examinem o andamento das iniciativas do Programa de Resposta e Prevenção ao Assédio e Agressão Sexual de maneira crítica. Ao lidar com as questões envolvidas, o Exército dos EUA ainda tem dificuldades em identificar qual é a cultura que precisa ser modificada e o que deve ser feito, exatamente, para corrigir o problema.



Um paraquedista da 173ª Brigada de Combate Aeroterrestre presenteia com um distintivo a Presidente lituana Dalia Grybauskaitė durante uma cerimônia de boas-vindas na Base Aérea Siauliai, na Lituânia, 26 Abr 14. A presidente cumprimentou cada um dos *Sky Soldiers* ao desembarcarem da aeronave.

(Sgt A.M. LaVey, Com Soc da 173ª Brigada de Combate Aeroterrestre)

Garantias na Europa

Por que as Relações Importam

Gen Div Donald M. Campbell Jr. e
Maj Michael T. Whitney, Exército dos EUA

Durante a Conferência de Adestramento Combinado do Exército dos EUA na Europa (USAEUR), de 2014, em Oberammergau, Alemanha, perguntaram ao comandante, Gen Div Donald M. Campbell Jr., como os Estados Unidos da América (EUA) foram capazes de reagir com tanta rapidez à crise na Ucrânia¹. Sua resposta foi simples:

relacionamentos. Como costuma dizer o Gen Ex Philip M. Breedlove, Comandante do Comando Europeu dos EUA (USEUCOM) e aliado supremo da OTAN na Europa: “Não se pode fazer uma ‘escalada’ de confiança”.

Desde o início da Operação *Atlantic Resolve*, o USAEUR recebeu muitos visitantes, e todos saíram com o entendimento de que as tropas norte-americanas

baseadas permanentemente na Europa são, e continuarão a ser, vitais para responder a desafios como os recentes acontecimentos na Ucrânia. A resposta do USAREUR a acontecimentos imprevisíveis só pôde ser coordenada e reproduzida em tempo hábil (conforme demonstrou a Operação *Atlantic Resolve*) devido aos relacionamentos, à confiança e ao acesso que possui em virtude de suas bases avançadas na Europa. O Gen Bda Almantas Leika, Comandante das Forças Terrestres lituanas, ecoou esse sentimento na seguinte observação sobre a *Atlantic Resolve*: “Nesta situação complicada, acreditamos que não estamos sozinhos. Isso é extremamente importante”.

Uma Presença Contínua

À luz da intervenção russa na Ucrânia, os EUA estão demonstrando seu comprometimento contínuo com a segurança coletiva, por meio de uma série de ações destinadas a reafirmar aos aliados e parceiros da OTAN, seu compromisso em relação à paz e à estabilidade duradouras na Europa. Como parte dessa missão de presença continuada, que fez a transição para a Operação *Atlantic Resolve*, as forças da USAREUR estão executando exercícios de garantia de forças terrestres e apoio expedicionário e planejando oportunidades futuras de adestramento bilateral².

Os líderes do USAREUR acreditam que isso só é possível em virtude dos relacionamentos desenvolvidos ao longo dos anos de posicionamento permanente na Europa. O USAREUR, o Exército componente do USEUCOM, possui a capacidade singular para utilizar as amizades formadas por meio de mais de mil eventos e exercícios anuais de cooperação em segurança. Um exemplo perfeito dos fatores que facilitaram os relacionamentos pessoais e profissionais é como a missão em apoio à Operação *Atlantic Resolve* se desenvolveu.

As relações desenvolvidas pelo USAREUR com os países afetados permitiram que os líderes superiores fizessem chamadas telefônicas iniciais aos chefes de Defesa da região báltica para preparar o terreno para o que, na época, era chamado de presença contínua. Essas chamadas telefônicas foram logo seguidas pelo oficial de operações do USAREUR, o Gen Bda Darryl A. Williams, viajando a todos os Estados bálticos e a Polônia para preparar o caminho para a missão de garantia. Depois de concluir a coordenação inicial, o Subcomandante do USAREUR, Gen Bda Richard C.

Longo, viajou à Polônia, Estônia, Letônia e Lituânia para acompanhar o processo com as lideranças desses países. Ele participou de uma cerimônia conjunta de boas-vindas para as forças iniciais da 173ª Brigada de Combate Aeroterrestre, os *Sky Soldiers*, ou “Soldados do Céu”, sediada em Vicenza, na Itália, para iniciar a missão de presença contínua. Depois da chegada de todas as forças, o Gen Div Campbell viajou a cada país e se encontrou com seus líderes-chave para garantir que o USAREUR satisfizesse as expectativas das nações anfitriãs. Essas visitas, realizadas pela liderança superior do USAREUR com importantes autoridades militares e políticas, demonstraram um comprometimento resolutivo com os parceiros e aliados. As visitas tiveram sucesso graças aos relacionamentos pessoais desenvolvidos ao longo de todo o ano, durante os exercícios e os eventos de adestramento multinacional. A perspectiva do USAREUR é de que as relações acima mencionadas são o resultado direto do fato de as Forças dos EUA estarem baseadas na Europa e do desenvolvimento de uma base de confiança por



meio de credibilidade. Essa confiança, por sua vez, possibilitou que o USAREUR obtivesse acesso aos líderes-chave da região afetada e respondesse com rapidez aos acontecimentos, quando cada segundo foi essencial para prover aos amigos a garantia da qual precisavam. A liderança do comando recebeu uma resposta pessoal impressionante dos líderes-chave desses países durante reuniões presenciais nas áreas afetadas, depois da chegada das Unidades do USAREUR. Esses líderes se maravilharam com o fato de o USAREUR ser capaz de reagir com tanta rapidez e de os oficiais de mais alto escalão dedicarem tempo para se reunir e trabalhar com eles, pessoalmente, com o intuito de estabelecer os alicerces da missão. Embora o USAREUR tenha exercido um papel importante na reação à situação na Ucrânia, o Comando acredita que a operação como um todo só foi possível graças ao esforço holístico da equipe do USEUCOM e dos setores de Operações Conjuntas e Interagências no fornecimento de uma resposta abrangente, em apoio aos objetivos dos EUA.



A Operação *Atlantic Resolve*

A capacidade de disponibilizar tropas — sem uma solicitação formal — para embarcar em uma aeronave tática na Itália, viajar por um pouco mais de duas horas, desembarcar e imediatamente começar o adestramento com uma força parceira, transmite uma poderosa mensagem de garantia a um país que vive sempre na sombra gigante de uma ameaça. A liderança do USAREUR acredita que essa resposta rápida não podia ser conduzida em outro local fora da Europa sem uma grande quantidade de coordenação entre países, permissões estrangeiras e comunicações através de vários fusos horários.

Entre 23 e 26 de abril de 2014, contingentes com efetivo de uma companhia de paraquedistas dos EUA, da 173ª Brigada de Combate Aeroterrestre, chegaram à Polônia, Letônia, Lituânia e Estônia para começar exercícios com as suas tropas. Em cada local, como parte da cerimônia conjunta de boas-vindas, o Gen Longo apareceu para fazer comentários sobre o compromisso resoluto do USAREUR com seus amigos e aliados. Os líderes desses países explicaram como tinham solicitado à OTAN e, especialmente aos EUA, apoio em um momento difícil. A resposta incluía aeronaves táticas no campo de aviação, com soldados norte-americanos ombro a ombro, em formação, com as suas próprias forças. Logo na chegada, os soldados do USAREUR sempre eram acolhidos pelas tropas do país anfitrião com apertos de mão e trocas de distintivos. Foram recebidos com braços abertos. O Gen Longo, um comandante com 34 anos de serviço, afirmou posteriormente: “Essa foi a melhor experiência da minha carreira militar”.

Há inúmeros outros exemplos do que essa mensagem de garantia significou para esses países: o presidente lituano apertou pessoalmente a mão de cada um dos *Sky Soldiers*, ao desembarcarem da aeronave; o presidente estoniano compartilhou uma refeição com três praças *Sky Soldier*, após seu discurso de boas-vindas; e dezenas de civis aproximaram-se do Gen Longo na cidade, para agradecer-lhe por ter trazido soldados para ajudar.

Oficiais superiores das nações participantes se reúnem para a cerimônia de encerramento do *Rapid Trident* 2014, em Yavoriv, na Ucrânia, 26 Set 14. O *Rapid Trident* é um exercício multinacional anual conduzido pelo USAREUR, liderado pela Ucrânia, para aprimorar a interoperacionalidade com nações aliadas e de parceiros, enquanto promove a estabilidade e segurança regionais.

(Cb Joshua Leonard, Exército dos EUA na Europa)

Durante a Conferência dos Exércitos Europeus, em 2013, o Gen Longo conheceu os chefes da Defesa dos quatro países e desenvolveu fortes relações profissionais com eles³. Essas amizades lhe abriram portas quando chegou aos seus países, antes das Forças do USAREUR. Foi convidado pessoalmente para almoçar com o chefe da Defesa de cada local e lhe foi concedida a oportunidade de assistir aos *briefings* de Inteligência interna de cada país. Depois, pôde expor suas observações aos subtenentes das companhias recém-chegados e enfatizar a importância das relações internacionais, as expectativas do USAREUR e o fato de que, se o USAREUR não agisse para fortalecer esses aliados bálticos, correr-se-ia o risco de uma mudança no equilíbrio de poder na região. Esse nível de acesso e as ações rápidas do USAREUR teriam sido extremamente difíceis para uma Força localizada nos EUA de cumprir no mesmo prazo, enfraquecendo o efeito e o nível de garantia fornecidos.

Outro bom exemplo vem do Cel Mike Foster, comandante da 173ª Brigada Aeroterrestre, e da sua ligação profissional com o Gen Bda Adam Joks, comandante da 6ª Brigada Aeroterrestre polonesa. Quando Foster visitou o quartel-general de Joks, no final de 2013, foram para a cidade natal do Papa João Paulo II, em Wadowice, na Polônia, e provaram as iguarias que o Papa comia todos os dias quando era menino, a caminho da escola primária. Foi em uma conferência de planejamento na Polônia que eles programaram as operações aeroterrestres bilaterais a serem executadas por suas duas Unidades, em fevereiro e maio de 2014. O Comando acredita que as oportunidades para a formação de relacionamentos são um dos grandes benefícios do Exército na Europa. A relação de confiança entre Foster e Joks é apenas um exemplo de como essa presença avançada possibilitou a Operação *Atlantic Resolve*.

Relacionamentos de Confiança Significam Acesso Estratégico

Posição e acesso são importantes. As tropas do Exército dos EUA na Europa vivem, se adestram e atuam todos os dias ao lado de muitos aliados e parceiros, oriundos de uma rede de bases estrategicamente localizadas e com o acesso necessário para responder a contingências no Levante, Oriente Médio, Norte da África, Europa e no mundo inteiro. As fronteiras da Europa proporcionam frequentemente conexões para

as regiões instáveis e imprevisíveis que são essenciais para os interesses de segurança nacional dos EUA.

A instabilidade predominante e o ambiente operacional imprevisível na extremidade do continente representam uma oportunidade para que as forças do USAREUR estejam totalmente acessíveis aos comandantes combatentes geográficos com uma postura de economia de forças centrada na Europa. O USAREUR permanece, acima de tudo, preparado para responder com rapidez às contingências. Consegue uma capacidade de responder, em tempo oportuno, às exigências dos comandantes combatentes geográficos devido às forças avançadas designadas, adestradas e prontas, com acesso operacional direto às contingências prováveis nesta região, como demonstrado pela Operação *Atlantic Resolve*. As tropas do USAREUR possuem uma série de capacidades militares especificamente adaptadas para atender às exigências operacionais de resposta, iniciais até que as forças baseadas no território continental dos EUA cheguem. O acesso, que continua sendo vital para a Operação *Atlantic Resolve*, é garantido por meio do contínuo fortalecimento das relações com os aliados e parceiros, alicerçados em uma base de confiança. Os relacionamentos são commodities valiosos que permitem acesso, algo que não pode ser obtido no último minuto, sendo a base de tudo que o USAREUR busca realizar na Europa.

Outra capacidade que ajuda a reforçar o acesso vem do conceito de forças regionalmente alinhadas⁴. A experiência do USAREUR mostra que as forças regionalmente alinhadas oferecem um meio para reforçar as relações existentes e permitem acesso, ao mesmo tempo que oferecem capacidades especificamente adaptadas às regiões geográficas. Essas forças reforçam as capacidades das forças avançadas preposicionadas e servem para fortalecer as amizades já estabelecidas em regiões onde houver incerteza. Esse conceito ilustra, ainda, como as parcerias, construídas com base no entendimento compartilhado, obtido quando se adestra, convive e trabalha junto, levam à confiança e à compreensão para o futuro. O acesso também proporciona uma forma de lidar com os desafios dos incertos ambientes de segurança que surgem no mundo inteiro. A Operação *Atlantic Resolve* oferece um excelente exemplo de forças avançadas preposicionadas que fornecem a resposta inicial às crises, ao mesmo tempo que estabelecem as condições para que futuras tropas possam agregar maior capacidade e flexibilidade, obtendo uma presença dinâmica.

Os EUA, seus aliados e seus parceiros têm o interesse comum em conservar uma Europa que seja segura, protegida e próspera, e o acesso do USAREUR tem forjado laços de confiança para enfrentar, de forma conjunta, um futuro incerto. Ainda se observam os benefícios desse conceito, demonstrado, em primeira mão, na Operação *Atlantic Resolve*. Os parceiros e os aliados dos EUA desejam garantias durante tempos difíceis, e as relações resultantes das forças preposicionadas do USAREUR as oferecem, por meio da confiança. Os relacionamentos e acesso irão continuar a ser fundamentais em um futuro incerto, e são o caminho para superar os ambientes de segurança indefinidos.

Conviver, Adestrar e Enfrentar Adversidades Juntos

Esse conceito simples está no cerne do que o USAREUR busca fazer com seus aliados e parceiros europeus: estabelecer parcerias e praticar juntos. Apenas forjando fortes laços de confiança e conexões, o USAREUR pode ter a esperança de estabelecer os tipos de parcerias que se mostram resistentes contra a incerteza, como demonstrado pela Operação *Atlantic Resolve*. O USAREUR aproveita cada oportunidade para conduzir uma instrução sobre parceria em todos os níveis, particularmente nos Centros Conjuntos de Adestramento e Prontidão de Manobras em Grafenwoehr e Hohenfels, na Alemanha. Isso cria um



Paraquedistas do Exército dos EUA designados à 173ª Brigada de Combate Aeroterrestre conduzem um exercício aliado de adestramento junto com soldados da Brigada de Infantaria das Forças Terrestres da Letônia na Área de Adestramento Adazu, na Letônia, 25 Mai 14. Aproximadamente 600 paraquedistas da 173ª Brigada de Combate estão na Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia como parte da Operação *Atlantic Resolve* para demonstrar comprometimento com as obrigações da OTAN e sustentar a interoperacionalidade com as forças aliadas.

(Sgt Alonzo Werner, Relações Públicas da 173ª Brigada de Combate Aeroterrestre)

alicerce que permite que o USAREUR treine para trabalhar conjuntamente e construa uma interoperacionalidade por toda a sua equipe multinacional. Isso é, também, a chave para o desenvolvimento de um conjunto de habilidades que se concentram em permitir que a equipe do USAREUR se integre harmoniosamente quando solicitada, ou desembarque de uma aeronave e imediatamente comece o adestramento em parceria.

O USAREUR gera prevenção e proteção, como integrante de uma equipe maior. Como o Exército componente do USEUCOM, ele é separado da OTAN, embora exerça um papel essencial na transformação das forças de seus parceiros. A sua meta é ser uma manifestação do comprometimento constante dos EUA com a estabilidade no continente europeu, enquanto oferece uma variedade de capacidades singulares para apoiar os objetivos da OTAN.

Tirar proveito do quadro de pessoal do USAREUR, das Forças designadas a ele e das parcerias existentes de longo tempo, é a forma que o USAREUR se utiliza para manter a interoperacionalidade através dos vários domínios operacionais — uma interoperabilidade que foi desenvolvida pelos anos de investimento nas operações combinadas no Afeganistão e no mundo inteiro. A

OTAN é um dissuasor de uma agressão viável e muitos dos países, não integrados ao órgão, a veem como uma segurança. A localização do USAREUR, junto com as grandes capacidades do Centro Conjunto de Adestramento de Prontidão, proporciona um caminho disponível para se alcançar essa meta compartilhada. Cada país com o qual o USAREUR atualmente tem Unidades atuando dentro da Operação *Atlantic Resolve* participou, no mínimo, em um evento de adestramento do USAREUR em uma área do Comando Multinacional Conjunto de Adestramento, ou em um exercício do USAREUR que foi executado em outro país.

Este Comando (USAREUR) acredita que parceria, adestramento e trabalho com integrantes, e não integrantes da OTAN, irão levar ao objetivo comum de se prover um ambiente seguro e estável e dar a capacidade para responder às crises quando for necessário. A Operação *Atlantic Resolve* demonstra por que o U.S. Army Europe acredita que relacionamentos são importantes e continuarão a ser assim em um futuro incerto e desafiador. Nunca se esqueça de que os empreendimentos envolvendo organizações são sempre sobre pessoas e com pessoas — são os relacionamentos que realmente importam. ■

O Gen Div Donald M. Campbell Jr., do Exército dos EUA, é o antigo Comandante do Exército dos EUA na Europa, sediado em Wiesbaden, na Alemanha. Passou sua juventude em bases do Exército por todos os EUA e é graduado militar com distinção da Kansas State University, onde ele foi comissionado como oficial de blindados em maio de 1978. O Gen Campbell já desempenhou várias funções em todos os níveis de estado-maior e de comando no Exército, desde comandante de pelotão de blindados até comandante de Corpo de Exército. Ele é graduado pelo U.S. Army Command and General Staff College e pelo U.S. Army War College e mestre em Administração pela Central Michigan University.

O Maj Michael T. Whitney, do Exército dos EUA, é integrante do Grupo de Iniciativas do Comandante do Exército dos EUA na Europa. É bacharel pela Santa Clara University e mestre em Administração de Empresas pela University of West Florida. Suas designações incluem rodízios na Europa e no Oriente Médio e desdobramentos em apoio às Operações Iraqi Freedom e Enduring Freedom.

Referências

1. A Conferência sobre Adestramento Combinado (Combined Training Conference) é bianual e planejada para sincronizar e prover recursos para os exercícios multinacionais e eventos de adestramento do USAREUR e promover maior interoperacionalidade

com os aliados da OTAN e das nações contribuintes de tropas. A conferência é organizada pelo USAREUR, em parceria com o Comando de Forças Conjuntas da OTAN, em Brunssum. Realizou-se de 17 a 19 de junho de 2014, com a presença de mais

de 150 participantes de 32 nações.

2. Os exercícios de garantias da presença continuada das forças terrestres são os primeiros de uma série de atividades de adestramento de forças terrestres dos EUA na Polônia e na região báltica, ocorrendo ao longo nos próximos meses e além. Os exercícios, conduzidos pelos soldados do USAREUR e das forças da nação anfitriã, são uma demonstração do comprometimento dos EUA com a OTAN e com nossas responsabilidades de defesa coletiva, por meio de uma crescente presença terrestre, aérea e naval. A intenção dos exercícios suplementares é assegurar aos aliados da OTAN que os EUA estão resolutamente comprometidos com suas obrigações do Artigo 5. Consequentemente, o USAREUR desdobrou contingentes no valor de uma companhia de paraquedistas dos EUA, da 173ª Brigada Aeroterrestre na Polônia, Lituânia, Estônia e Letônia — mais ou menos 600 soldados ao total — para conduzir e ampliar o adestramento das forças terrestres. Essa ação é decorrente das solicitações dos governos das nações anfitriãs.

3. A Conferência dos Exércitos Europeus ocorreu em Wiesbaden, na Alemanha, de 30 de setembro até 2 de outubro de 2013.

O objetivo da conferência era aprimorar esse interesse comum e apoiar uma base para as relações fortes e compartilhadas na região. Os líderes superiores das forças terrestres discutiram soluções para muitas das preocupações comuns de segurança e reforçaram seu comprometimento mútuo. A conferência incluía líderes superiores das forças terrestres como o Gen Raymond T. Odierno, Gen Philip M. Breedlove, e outros oficiais superiores de mais 35 países. O tema da conferência foi: “Oportunidades de Abordar Problemas Comuns de Segurança”.

4. Segundo o Manual de Campanha 3-22 — Apoio do Exército em Cooperação de Segurança (FM 3-22 — Army Support to Security Cooperation), de 2013, as forças regionalmente alinhadas são as que proporcionam ao comandante combatente uma força-tarefa conjunta com capacidades escalonáveis e adaptáveis que podem permitir compreender o ambiente. São alocadas a um comando de combate e suas capacidades distribuídas e preparadas pelo Exército para as missões regionais do respectivo comando de combate.



Observadores de fogos conjuntos do 503^a/173^a Bda Aeroterrestre, e um controlador de ataque da Letônia (à direita), participam de um evento regional de adestramento na Base Militar Adazi, na Letônia, 27-28 Mai 14.

(Foto do Exército dos EUA, Cb Seth LaCount, Guarda Nacional do Estado de Michigan)

O Conceito de Aprendizado do Exército de 2015 está em Andamento

Oficial Técnico John Robinson, Exército dos EUA e CC (Res) Brian Davis, Fuzileiros Navais dos EUA

Nossos inimigos sempre estão aprendendo e adaptando-se. Eles não abordarão conflitos com conceitos ou entendimento semelhantes aos nossos. E eles nos surpreenderão.

— “O Ambiente Operacional Conjunto de 2010”

Em dezembro de 2012, o Comando de Instrução e Doutrina (TRADOC, da sigla em inglês) dos Estados Unidos da América (EUA) publicou o *Conceito Fundamental do Exército dos EUA*¹. Esse conceito descreve uma visão dos ambientes operacionais do futuro, o papel do Exército como parte da Força conjunta e as amplas capacidades requeridas pelas forças futuras do Exército. O conceito defende, ainda, que os adversários da nossa nação irão aumentar em número, desempenhar tarefas militares mais rapidamente e possuir capacidades militares significativas. Essas condições farão com que os ambientes operacionais sejam mais imprevisíveis e complexos, levando a uma maior desordem. O conceito afirma, também, que precisamos preparar nossos líderes para que consigam proficiência na adaptabilidade operacional, o que significa que precisamos instruí-los para que entendam seus ambientes operacionais e se adaptem a eles. A forma pela qual nossas Instituições de Ensino evoluem para ajudar a criar esses líderes e pensadores adaptáveis está esquematizada no *Conceito de Aprendizado do Exército de 2015* (conhecido como ALC 2015)².

O ALC 2015 inicia uma revisão geral de como o Exército dos EUA aborda o aprendizado institucional. Mais importante, embora o conceito fundamental descreva condições futuras, a implementação do ALC 2015 já está em andamento para que as Forças do Exército estejam preparadas para operações futuras. A Escola de Carreira de Oficiais Técnicos do Exército dos EUA (U.S. Army Warrant Officer Career College — USAWOCC) [formação sem equivalente no Exército Brasileiro — N. do T.], já é pioneira na implantação da orientação sobre metodologias pedagógicas e de currículo do ALC 2015. Seu foco em melhorias contínuas compatíveis com o ALC 2015 motivou o TRADOC a classificar a USAWOCC como uma instituição de aprendizado de excelência, em junho de 2014³.

Um Modelo para a Melhoria da Instrução e do Adestramento do Exército

O que diferencia nosso Exército dos de nossos adversários é a nossa capacidade de permanecer adaptável. E isso proporciona uma vantagem competitiva a qualquer força. Como declarado no ALC 2015, “A vantagem competitiva do Exército dos EUA está relacionada diretamente com sua capacidade de aprender e adaptar-se com mais rapidez do que os seus adversários”⁴.

Publicado em junho de 2011, o ALC 2015 estabelece a base de uma campanha para induzir mudanças nos modelos de ensino e de treinamento do Exército. Segundo o ALC 2015, “O modelo atual [com data de 2011] de aprendizado individual do Exército é inadequado” para satisfazer os desafios do Exército de ficar na dianteira de nossos adversários e cumprir nossa responsabilidade para com a Nação⁵.

Os antigos modelos de aprendizagem carecem de inovação e tendem a ser limitados por meios e tecnologias obsoletos. Quaisquer cursos que não satisfaçam as necessidades dos estudantes ou do Exército, incluindo palestras tradicionais centradas no instrutor que são baseadas mais no calendário acadêmico do que nos resultados necessários, são inimigos do *aprendizado adaptável* — definido pelo ALC 2015 como “um método que tente transformar o aluno de um recipiente passivo de informações em um colaborador no processo educativo”⁶.

O ALC 2015 lista mudanças específicas que os Estabelecimentos de Ensino podem implementar imediatamente para começar suas transições. Embora essas mudanças iniciais não sejam equivalentes a uma transformação total, são um bom começo:

- (1) Converter a maioria das experiências da sala de aula em eventos colaborativos de resolução de problemas, liderados por facilitadores (em vez de instrutores) que estimulem os estudantes para que pensem e entendam a relevância e o contexto do que aprendem.
- (2) Adaptar a instrução para as experiências e o nível de competência do estudante individual, com base nos resultados de uma prova ou uma análise anterior.
- (3) Reduzir muito ou eliminar as apresentações de slides lideradas pelo instrutor e começar a empregar uma abordagem de instrução que incorpore simulações virtuais e construtivas, tecnologias de jogos ou outra instrução transmitida pela tecnologia, de forma simultânea⁷.

Além disso, as orientações instrutivas do ALC 2015 declaram que todos os programas de ensino e treinamento do Exército devem integrar habilidades para trabalhar com culturas diversas e parceiros conjuntos, interagências, intergovernamentais e multinacionais; incorporar metas abrangentes de aptidão em todos

os cursos; desenvolver uma mentalidade flexível em todos os estudantes que incentivará a adaptabilidade para satisfazer todas as exigências operacionais; e usar as Competências do Soldado do Século XXI do ALC como parte integral de todos os resultados de aprendizagem⁸.

As competências listadas no ALC 2015 são:

- ◆ Caráter e responsabilidade;
- ◆ Aptidão abrangente;
- ◆ Adaptabilidade e iniciativa;
- ◆ Aprendizagem vitalícia (incluindo o domínio digital);
- ◆ Trabalho em equipe e colaboração;
- ◆ Comunicação e engajamento (oral, escrito, negociação);
- ◆ Pensamento crítico e resolução de problemas;
- ◆ Competência cultural, conjunta, interagências, intergovernamental e multinacional; e
- ◆ Competência tática e técnica (capacitada para a gama completa das operações)⁹.

Acreditamos que todas as aulas ministradas a cada militar pelos instrutores do Exército dos EUA devem ser vinculadas diretamente a essas competências essenciais.

Quando as aulas estão vinculadas com as competências, e os métodos de instrução comprovados são empregados, acreditamos firmemente que o Exército se moverá para o estado final desejado.

As Iniciativas de Aprendizado da Escola de Carreira de Oficiais Técnicos

A USAWOCC já atacou o problema de frente, implementando as orientações do ALC 2015, em 2011, logo após sua publicação. Coerente com o conceito, a escola adotou o modelo de aprendizagem vivencial¹⁰. Também reestruturou e reciclou seu corpo docente e implementou um currículo que leva aos resultados descritos pelo ALC 2015 como “rigorosos, relevantes e mensuráveis”¹¹. A USAWOCC instrui e educa mais de 3.800 estudantes anualmente por meio do Curso de Aspirante a Oficial Técnico (treinamento militar inicial para oficiais técnicos de nível 1), Instrução de Nível Intermediário de Oficiais Técnicos (instrução militar profissional para Oficiais Técnicos de nível 4) e Instrução de Serviço Superior de Oficiais Técnicos (instrução militar profissional para Oficiais Técnicos de nível 5).

Atualmente, a USAWOCC adapta o aprendizado à experiência e ao nível de competência do estudante individual. A escola está desenvolvendo a padronização dos resultados de aprendizagem para oficiais técnicos, e usa esses resultados juntamente com os objetivos e as áreas de aprendizado conjuntos da instrução de nível superior (fase I da instrução militar profissional conjunta, esquematizada na Instrução dos Chefes do Estado-Maior Conjunto [CJCSI] 1800.01) para definir os resultados relevantes, centrados na doutrina e no aluno, podendo ser medidos de forma objetiva¹².

As discussões sobre a Estratégia nas salas de aula de instrução militar profissional têm base na *Estratégia de Segurança Nacional* e na *Revisão Quadrienal da Defesa*¹³. Os estudantes identificam os interesses nacionais dos EUA nos conflitos internacionais, abordando-os por meio de uma síntese dos fins, métodos e meios empregados. Eles analisam, ainda, assuntos relacionados a liderança e a comunicações estratégicas conjuntas e seu lugar na História, demonstrando entendimento e aplicação, por meio de tarefas orais e escritas, além de exercícios práticos.

A USAWOCC utiliza as Competências do Soldado do Século XXI, do ALC 2015, como uma parte integral de todos os resultados de aprendizagem. Por exemplo, o

Comandante da USAWOCC, Cel Garry L. Thompson, é um proponente incansável do desenvolvimento de líderes e da aptidão abrangente. Além disso, ele defende diretamente o valor das experiências de aprendizado fora da sala de aula para os estudantes. Para esse fim, a USAWOCC estabeleceu programas piloto para alcançar estudantes por meio de vários tipos de mídia social, que angariaram reações positivas de estudantes atuais e antigos — os quais continuam ligados à escola, por meio de mídia social após a formação.

As iniciativas para estabelecer um ambiente virtual colaborativo para estudantes, instrutores e para a liderança do Exército atraíram atenção positiva do Centro de Armas Combinadas, do Centro de Integração de Capacidades do Exército e do Comandante do Exército. Esses esforços estimularam ainda mais reflexão interna sobre estratégias digitais e de comunicação no longo prazo. O corpo docente e o quadro de pessoal estão determinados a alcançar os estudantes no lugar em que, cada vez mais, eles passam a maior parte do seu tempo — na internet — e estender as experiências de aprendizagem aos oficiais técnicos além dos ambientes físicos.

Muitos estudantes que participam no novo modelo de aprendizagem elogiam os exercícios fundamentais na Instrução de Nível Intermediário de Oficiais



Aspirantes a oficial técnico completam uma marcha a pé na USAWOCC, no Centro de Instrução de Manobras Conjuntas no Camp Atterbury, na Indiana, em 28 Jul 11.

(Jill Swank/Gabinete de Relações Públicas do Camp Atterbury)

Técnicos e na Instrução de Serviço Superior de Oficiais Técnicos porque lhes compelem a pensar criticamente, cooperar com parceiros de operações combinadas e considerar completamente as consequências culturais das decisões essenciais de comando. Muitos estudantes relatam que desenvolvem um melhor entendimento das necessidades dos comandantes em relação a seus estados-maiores. Em pesquisas de opinião de pós-graduação (internas e não publicadas), os estudantes refletem como estão mais bem preparados para operar se comparados aos oficiais de estado-maior que são formados por outros programas de instrução de nível intermediário.

Dentro da sala de aula, a USAWOCC tem reduzido ou eliminado as apresentações de slides lideradas pelo instrutor, substituindo-as por *briefings* liderados por estudantes, exercícios práticos executados por estudantes e cenários operacionais orientados por estudantes. O corpo docente se transformou, de um “sábio no palco” em um “guia ao lado”, desafiando os estudantes com técnicas de inquérito do estilo socrático e direcionando delicadamente as conversas e debates iniciados por estudantes ao longo de caminhos que alcançam os resultados desejados de aprendizagem, embora por meio da iniciativa e da conclusão dos estudantes.

Os oficiais técnicos têm muito para contribuir com o aprendizado de seus colegas estudantes. Por exemplo, aqueles que possuem habilidades especiais raras ou muito procuradas estão frequentemente sendo desdobrados, de forma desproporcional se comparados a outros militares, ao longo dos últimos doze anos. Eles possuem uma abundância incomum de experiências operacionais para compartilhar com seus colegas estudantes.

O ALC 2015 lamenta: “O Exército designa, muitas vezes, instrutores de forma arbitrária, em vez de utilizar um processo de seleção que leve em conta a perícia na matéria ou a aptidão para facilitar a educação de adultos. As posições de instrutor não são percebidas como designações que melhoram a carreira”¹⁴. Para enfrentar esse desafio, a USAWOCC tem agressivamente recrutado instrutores com a melhor mistura possível de antecedentes operacionais e educacionais. Além disso, em 2014, a seleção de 100% dos integrantes do corpo docente elegíveis para promoção aos níveis 4 e 5 de oficial técnico, envia uma mensagem encorajadora de que os deveres de instrutor, se desempenhados bem, serão



Um oficial técnico desempenha uma inspeção pré-voos no rotor principal de um helicóptero UH-60 Black Hawk no Forte Bragg, na Carolina do Norte, 29 Ago 13.

(Timothy Hale, Comando da Reserva do Exército dos EUA)

recompensados de forma apropriada¹⁵. Mais importante do que isso, a combinação de educadores eficazes na área educacional e de operações com estudantes capacitados e experientes em combate, faz com que o ambiente de aprendizado seja muito estimulante.

A USAWOCC ampliou o número de eventos de resolução de problemas liderados por facilitadores. O Departamento de História Militar conduz visitas a sítios de batalhas históricas; o Departamento de Estudos Estratégicos Internacionais orienta estudos sobre o ambiente operacional; o Departamento de Operações Interagências, Conjuntas e Multinacionais orienta estudantes em atividades sobre o processo decisório militar; o Departamento de Sistemas de Comunicações e Administração lidera os estudos de gestão de programas; e o Departamento de Liderança e Desenvolvimento Profissional conduz estudos sobre dilemas éticos dos líderes superiores.

O corpo docente da USAWOCC continuamente cria oportunidades para que os estudantes possam utilizar suas habilidades de resolução de problemas em cenários realistas e complexos que exigem análise, síntese e métodos de defesa — incorporando fatores de análise da missão. Os facilitadores se concentram no que o ALC 2015 descreve como “adaptabilidade operacional, por meio de pensamento crítico”, deixando que os estudantes desenvolvam uma apreciação de risco e uma vontade de ajustar-se às situações que variam constantemente, com base em informações recebidas¹⁶.

Os facilitadores integram as considerações conjuntas, interagências, intergovernamentais e multinacionais, bem como fatores culturais e de Comando

de Missão, no currículo de cada departamento. Ao fazer isso, desenvolvem, nos estudantes, um nível de adaptabilidade que lhes permite satisfazer as exigências operacionais de suas posições de liderança e de estado-maior.

A Transição para o Conceito de Aprendizado do Exército de 2015 em todo o Exército

Em geral, o ALC 2015 foi planejado para ajudar o Exército a desenvolver os pensadores adaptáveis que precisa hoje e no futuro. Os métodos de instrução recomendados são comprovados pela pesquisa acadêmica, e suas iniciativas podem ser consideradas de senso comum. De fato, a implementação está em progresso não apenas na USAWOCC, mas em instituições de aprendizagem em todo o Exército, sendo provável que ainda haja um pouco de atraso na adoção desses métodos de aprendizagem comprovados — em ambientes institucionais e no campo. Não obstante, quaisquer instituições do Exército que não estejam trabalhando para alinhar seu conteúdo e sua técnica de transmissão do conhecimento aos princípios do ALC 2015 estão atrasadas. As Competências do Soldado do Século XXI talvez não sejam de conhecimento geral, ou os planejadores de currículo talvez não saibam integrar essas competências quando estabelecem os resultados

de aprendizagem esperados. No entanto, o ALC 2015 nos lembra, “A urgência de construir um modelo competitivo de aprendizagem do Exército não pode esperar até 2015. Precisa começar agora”¹⁷.

Portanto, encorajamos todos que ministram instrução e treinamento no Exército que examinem suas organizações e determinem se têm melhorado seus programas ao longo dos últimos anos. No mínimo, os comandantes dessas organizações devem prover oportunidades de desenvolvimento profissional a seu corpo docente para que possam aprender a aplicar os modelos de aprendizagem efetivos.

A transição da USAWOCC para o ALC 2015 ainda não está completa. Continuamos a revisar nosso currículo, a aprimorar nossos métodos de comunicação e a treinar nossos novos instrutores. De fato, considerando que a base de instrutores do Exército vem da Força operacional — composta de indivíduos treinados ou educados principalmente nos modelos de aprendizagem tradicionais — acreditamos que vamos ajudar os novos instrutores a fazer a transição por vários anos. A USAWOCC está formando oficiais técnicos do Exército que podem pensar de forma crítica e ajudar seus comandantes a resolver problemas complexos. Ficar sempre um passo à frente de nossos adversários, no campo de batalha e na sala de aula, manterá um Exército forte. ■

O Oficial Técnico 5 John A. Robinson, Exército dos EUA, é o Diretor do Departamento de Operações Conjuntas, Interagências e Multinacionais na Escola de Carreira de Oficiais Técnicos do Exército dos EUA. É graduado pelo U.S. Army Command and General Staff College (CGSC) e pela Escola de Estudos Militares Avançados, no Fort Leavenworth, Kansas. Possui os títulos de doutor em Educação pela Argosy University e mestre em Artes e Ciências Militares, Relações Internacionais e Sistema Penal. Exerceu, anteriormente, a função de planejador estratégico do Comando Central dos EUA.

O CC Brian J. Davis, Fuzileiros Navais dos EUA, Reserva Remunerada, é vice-diretor do Departamento de Operações Conjuntas, Interagências e Multinacionais na Escola de Carreira de Oficiais Técnicos do Exército dos EUA. É um ex-oficial de estado-maior do Comando Estratégico dos EUA e é graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior da Força Aérea dos EUA e pela Escola de Estado-Maior das Forças Conjuntas. É mestre em Administração de Recursos Humanos pela Webster University e está completando sua tese de doutorado em Educação pela University of the Cumberlands.

Referências

Epígrafe. "The Joint Operating Environment 2010", citado no TRADOC Pamphlet (TP) 525-8-2 (incluindo a "change 1"), *The U.S. Army Learning Concept for 2015* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 6 Jun. 2011): http://www.tradoc.army.mil/tpubs/pams/tp525-8-2_CH1.pdf.

1. TP 525-3-0, *The U.S. Army Capstone Concept* (Washington, DC: U.S. GPO, 19 Dec. 2012): <http://www.tradoc.army.mil/tpubs/pams/tp525-3-0.pdf>.
2. TP 525-8-2, p. 6.
3. A classificação como uma Instituição de Excelência ("Institution of Excellence") pelo TRADOC é obtida ao realizar uma pontuação de 95% ou acima durante uma visita de credenciamento pelo TRADOC.
4. TP 525-8-2, p. 6.
5. *Ibid.*, p. 6.
6. *Ibid.*, p. 62.
7. *Ibid.*, p. 10.
8. *Ibid.*, p. 26.
9. Para mais informações sobre as "Competências do Soldado do Século XXI" ("21st Century Soldier Competencies"), consulte TP 525-8-2.
10. David Kolb, *Experiential Learning: Experience as the Source*

of Learning and Development (New Jersey: Prentice Hall, 1984).

11. TP 525-8-2, p. 7.
12. Para os objetivos da Fase I da Instrução Militar Profissional Conjunta, consulte Chairman of the Joint Chiefs of Staff Instruction (CJCSI) 1800.01D (incorporating change 1), *Officer Professional Military Education Policy* (OPMEP) (Washington, DC: U.S. GPO, 5 Sep. 2012); http://www.dtic.mil/doctrine/education/officer_JPME/cjcsi1800_01d.pdf. Rascunhos dos objetivos de aprendizagem de oficiais técnicos aparecem em *Army Learning Coordination Council, General Learning Outcomes for Warrant Officers*, draft v.2.0 (30 Sep. 2013).
13. Consulte a *National Security Strategy* (Washington, D.C.: The White House, May 2010); http://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf; e *Quadrennial Defense Review* (Washington, D.C.: Department of Defense, 2014): http://www.defense.gov/pubs/2014_Quadrennial_Defense_Review.pdf.
14. TP 525-8-2, p. 8.
15. O U.S. Army Human Resources Command anunciou os escolhidos de 2014 para promoção em julho; veja <https://www.hrc.army.mil/>.
16. TRADOC Pamphlet 525-8-2, p. 11.
17. *Ibid.*, p. 9.



O ST Edward A. Bell, praça mais antiga do 3º Comando de Apoio (Expedicionário), participa na Aula de Desenvolvimento Profissional de Oficiais Técnicos do Campo de Aviação Bagram, no Afeganistão. Ele foi o orador convidado do evento, que abrange o tema "Interação entre os oficiais técnicos e os sargentos".

Sgt Justin Silvers, 3º Comando de Apoio (Expedicionário)



O Presidente russo Vladimir Putin segura um globo terrestre recebido de presente, durante um encontro com participantes de um fórum educacional, 29 Ago 14. Nele, o território russo parece incluir a Crimeia.

(Foto AP/RIA-Novosti, Serviço de Imprensa Presidencial, Mikhail Klimentyev)

Uma Rússia Mais Poderosa é Realmente Algo Tão Ruim?

George Michael

Alguns observadores temem que a incursão das Forças Armadas russas na península ucraniana da Crimeia, no final de fevereiro de 2014, tenha desencadeado uma sequência de acontecimentos que ameaça dismantelar a ordem pós-Guerra Fria,

que se presume estar baseada na integração global e no Estado de Direito internacional¹. Tais observações são exageradas e requerem uma análise aprofundada e crítica. Pode-se, com efeito, concluir que os acontecimentos em curso envolvendo a Rússia e Estados

fronteiriços sejam motivo de grave preocupação para os Estados Unidos da América (EUA), mas não pelas razões supostas inicialmente.

As tendências expansionistas recém-reavivadas da Rússia são o prenúncio de um plano secreto de conquistar o mundo ou indicam algo completamente diferente? Por que os EUA devem se preocupar? O fato é que os EUA devem se preocupar porque, no sistema mundial em evolução, os dois países precisarão — e muito — um do outro. Portanto, qualquer coisa que os EUA possam fazer para compreender melhor as motivações subjacentes da recente agressividade russa e para utilizar esse entendimento na criação de políticas destinadas a aplacar o atual ressentimento que a Rússia lhes dirige será de extrema importância para os interesses nacionais norte-americanos.

Mal ou bem, ambos os países enfrentam ameaças semelhantes à sua segurança de longo prazo e ao seu senso de identidade nacional. Assim, a política externa dos EUA deve ter como prioridade cultivar a Rússia como uma valiosa aliada, em vez de dar continuidade a inábeis esforços de humilhá-la publicamente com o intuito de submetê-la aos desejos norte-americanos, no cenário mundial, quanto a questões como seu relacionamento com a Ucrânia. Isso só tem servido, atualmente, para fazer com que a Rússia volte a se transformar em um adversário, como durante a Guerra Fria.

Sem dúvida, preservar a Ucrânia como um país independente e soberano deve ser um objetivo sério, o qual, na verdade, poderá ser conquistado mais facilmente com um esforço concentrado de enxergar a questão pelo prisma russo e de conciliar, na medida do razoável, suas preocupações e interesses.

O Retorno da Rússia como Grande Potência?

Um bom ponto de partida para qualquer análise crítica da ótica russa em relação aos acontecimentos na Ucrânia é considerar se a Rússia tem algum interesse particular legítimo naquele país. Do ponto de vista russo, definitivamente sim. Os interesses russos decorrem, em grande parte, das raízes históricas na Ucrânia. Os russos étnicos a veem como o lar ancestral dos fundadores da própria nação russa — o Principado ou Rus de Kiev. Em consequência, durante a maior parte do milênio, a Ucrânia foi considerada, por muitos russos étnicos, como parte integrante do território

russo² (cabe observar que a maior parte da população de etnia ucraniana parece discordar dessa premissa).

Em qualquer uma das duas perspectivas, não há dúvida de que, em função da proximidade geográfica e das inegáveis raízes étnicas e culturais eslavas em comum, a Ucrânia está, de maneira legítima, dentro da esfera de interesse cultural e estratégico da Rússia. Além disso, o único porto russo localizado em área de clima relativamente quente (em Sevastopol, na Crimeia) estava situado em território ucraniano (agora anexado à Rússia), o que o deixava vulnerável a constantes ameaças de fechamento durante períodos de tensão política regional ou internacional.

Se considerado nesse contexto, é compreensível que o ousado estratagema de Putin para se apossar de parte do território ucraniano tenha recebido tanto apoio dos russos étnicos dentro e fora da Rússia. Foi algo amplamente visto por eles como um passo positivo rumo a reafirmar a autoridade do Kremlin sobre um território que a maioria deles considerava ser, fundamentalmente, russo e sobre enclaves de etnia russa que, em vários momentos da história, haviam feito parte do Império Russo. Dessa ótica, pode-se entender, facilmente, por que as tropas russas foram recebidas tão calorosamente pelos habitantes de etnia russa da Crimeia, que enxergaram tal incursão como um resgate, que os salvava de supostas violações de seus direitos civis por um governo ucraniano cada vez mais nacionalista, que desejava distanciar-se da Rússia.

Da mesma forma, não surpreende que esse sentimento pan-russo haja se manifestado mais uma vez apenas dois meses após o envolvimento russo inicial na Crimeia, com um levante de milícias pró-Rússia, que se apoderaram de outras cidades com populações de etnia russa no leste de Ucrânia, assumindo o controle dos respectivos governos locais. Assim, ao apoiar e, em seguida, patrocinar a rebelião étnica, o Presidente russo, Vladimir Putin, tirou proveito da xenofobia russa, já incitada por esforços impopulares da União Europeia e dos EUA de alterar, fundamentalmente, o equilíbrio de poder na Europa, ao buscarem cortar os laços econômicos da Ucrânia com a Rússia e realinhá-los com a Europa Ocidental. Ao instigar o senso de identidade étnica russa dentro da Ucrânia, Putin conseguiu provocar uma rebelião armada, que utilizou para justificar a anexação de alguns territórios ucranianos e de outros, para todos os efeitos práticos.

É preciso entender que Putin é um oportunista, com um projeto mais amplo. Ele se considera um líder pan-russo, que segue o exemplo dos czares. Essa postura predomina em seu discurso público. Já há algum tempo, defende, publicamente, a necessidade de recuperar a grandeza e o prestígio internacional da Rússia reconstituindo e estendendo o império russo sobre seus antigos territórios. Por exemplo, em um discurso ao Duma (Parlamento) russo, proferido em junho de 2014, invocou, como justificativa para o novo expansionismo russo, o legado de Vladimir, o Grande — o príncipe de Kiev que estabeleceu o cristianismo na Rússia. Em seguida, Putin assinou um tratado, que formalizou a anexação da Crimeia, terra onde seu próprio antepassado foi batizado no ano de 988³. Outra manifestação do inquieto Kremlin de Putin tem sido sua propensão cada vez maior a contestar, agressivamente, a influência política norte-americana em diversas frentes, em âmbito mundial.

Como essa postura belicosa e nacionalista é vista pela população russa? Pesquisas de opinião confiáveis revelam um forte apoio popular russo a convicções e ações de Putin que são no mínimo perturbadoras. Nos últimos meses, a popularidade de Putin, segundo os indicadores do projeto Global Attitudes, do Pew Research Center, dispararam para 83% — porcentagem máxima em quatro anos — depois de um período prolongado de desencanto após sua vitória na eleição presidencial de 2012⁴.

Isso contrasta, fortemente, com a forma invariavelmente negativa pela qual os dirigentes ocidentais o enxergam. A agressão de Putin contra a nominalmente independente Ucrânia provocou indignação e censura generalizada no Ocidente. Em um sinal de protesto e reprovação, o governo Obama impôs, rapidamente, sanções econômicas e bancárias contra a Rússia⁵. A União Europeia seguiu o exemplo e chegou a ameaçar cancelar o projeto do gasoduto “South Stream,” orçado em US\$ 20 bilhões e destinado a exportar o gás natural da Rússia para a Europa, passando ao largo da Ucrânia⁶.

Quando da publicação deste artigo, nenhuma dessas medidas havia obtido o efeito aparentemente pretendido pelo Ocidente sobre Putin ou sobre as atitudes do povo russo, primordialmente porque a Europa Ocidental precisa do gás natural russo. Ao contrário, a censura do Ocidente e a ineficácia de suas medidas contra a Rússia para protestar a anexação do território ucraniano parecem ter, na verdade, fortalecido, em vez

de enfraquecer, o ressurgimento da rebeldia russa.

No âmbito da cultura popular, os russos ressurgiram como vilões. Por exemplo, uma das personalidades mais em alta nos campeonatos de luta da WWE (World Wrestling Entertainment) é a gerente de lutadores Lana, apelidada de “Ravishing Russian,” ou “russa encantadora,” que enaltece Vladimir Putin e incita a plateia com provocações antiamericanas⁷. Da mesma forma, um novo antiamericanismo tem se apossado da Rússia, e os EUA são vistos como seu principal inimigo e rival geopolítico. Assim, à primeira vista, a Rússia sob Putin parece avançar perigosamente rumo a reafirmar a condição de superpotência no cenário mundial. Entretanto, uma análise mais detalhada revela que as ações de Putin e da Rússia são, na verdade, atos de um crescente desespero, fadados a ter uma duração relativamente curta.

A Rússia é assolada por um enorme conjunto de problemas internos, que representam obstáculos enormes à capacidade do Kremlin para manter seu novo senso de confiança ou prestígio por mais que um curto período, mensurável em décadas, e muito menos para recuperar sua condição de superpotência. Quase todos esses desafios estão ligados a mudanças drásticas iminentes na composição demográfica da Rússia.

A Rússia e a Bomba Demográfica

É preciso que os formuladores de política norte-americanos reconheçam que a Rússia está, possivelmente, no momento mais decisivo de sua história em termos de sua identidade eslava. As atuais mudanças demográficas pelas quais está passando ameaçam transformar o que significa ser russo e, conseqüentemente, a dinâmica das relações internacionais com o país. O dilema da Rússia está quase inteiramente relacionado com o número cada vez menor de russos étnicos e tradicionalmente cristãos ortodoxos, em comparação com a crescente quantidade de grupos étnicos não eslavos, muitos dos quais se identificam, primordialmente, como sendo de etnia chinesa, de minorias islâmicas ou ambas.

Com uma taxa de natalidade baixa e uma taxa de mortalidade comparativamente elevada, a população de etnia russa do país vem encolhendo desde o início dos anos 90. Na época do colapso da União Soviética, a população da Rússia estava estimada em 148,5 milhões de habitantes. Já em 2009, havia diminuído para 141,9 milhões, um declínio de quase 5%. Essa tendência tem continuado e, segundo projeções do próprio governo

russo, a população diminuirá em mais 5,5 milhões até 2025⁸. Segundo as previsões oficiais da Rússia e de organizações internacionais como as Nações Unidas, ela ficará entre 80 e 100 milhões até 2050⁹.

A Rússia sofreu repetidos surtos de declínio populacional (despopulação) durante o século XX, mas aquele foi um período entremeadado de guerras, revolução, fome e agitação política. Em contrapartida, a atual tendência de declínio populacional difere em aspectos importantes. Primeiro, este é, de longe, o período mais longo de despopulação da história russa moderna. Segundo, esse declínio vem ocorrendo em um época de relativa estabilidade e paz, e, portanto, deve ser atribuível a outros fatores, e não a alguma catástrofe.

Outra particularidade desse período de declínio da população russa é que ela está sendo radicalmente afetada por mudanças em sua composição étnica, passando, rapidamente, de uma maioria de etnia eslava para uma maioria islâmica centro-asiática e não eslava,

no oeste, e uma maioria chinesa, no leste. Caso as atuais tendências continuem, sem que haja uma reposição das populações eslavas que conserve o caráter e cultura eslavos da nação russa, há uma boa possibilidade de que a Rússia de foco cristão ortodoxo, como é conhecida hoje, desapareça até o final deste século. Tal mudança pode levar a transformações radicais nas alianças internacionais, com concomitantes mudanças ao equilíbrio de poder na Ásia e na Europa.

Para combater essas tendências, o governo russo tem oferecido incentivos para que casais de etnia russa tenham filhos, mas, até agora, essas medidas tiveram um sucesso limitado¹⁰.

Impacto das Mudanças Populacionais no Relacionamento entre a Rússia e a China

Um dos principais relacionamentos sendo afetados pela mudança demográfica é o que a Rússia tem com



Homem exibe camisetas com a estampa de Vladimir Putin em um mercado em Varna, na Bulgária, 16 Set 14. Com a anexação da península da Crimeia, as camisetas ganharam popularidade na Bulgária, onde 300 mil cidadãos russos são residentes permanentes.

(Foto AP/Rex Features)

sua eventual aliada, a China. Desde o final da Guerra Fria, os dois países fizeram avanços na reconciliação política e na resolução — pelo menos por agora — de antigas disputas territoriais em sua longa fronteira no extremo oriente. O comércio entre os dois países também aumentou. Além disso, ambos sentiram o que parecem considerar a dor humilhante de viver sob a hegemonia mundial dos EUA. Por isso, cooperaram em iniciativas estratégicas destinadas a minar a influência norte-americana no Extremo Oriente. Um bom exemplo disso foi a criação da Organização para a Cooperação de Xangai, em 2001, uma aliança política, econômica e militar que inclui a Rússia, a China, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tadjiquistão e o Uzbequistão.

Não obstante, há claros indícios de que a Rússia não conta com que essa era de cooperação bilateral com a China dure muito, prevendo que seu relacionamento de longo prazo com Beijing seja caracterizado pela competição acirrada e pelo conflito, e não pela cooperação.

Entre as dinâmicas por trás do atrito está a absoluta superioridade em números da China. A população de 1,32 bilhão da China ofusca os cerca de 141 milhões de habitantes da Rússia. A menos que surja algum fator imprevisto que aumente a população russa no Extremo Oriente, esse desequilíbrio crescerá com o tempo.

A diferença populacional espelha o desenvolvimento e *status* geral dos dois países. No decorrer das últimas duas décadas, houve uma inversão radical das posições da Rússia e da China como grandes potências. A China vem crescendo em poder e influência, enquanto a Rússia tem seguido uma trajetória geral de declínio¹¹. Como a Rússia, porém, o progresso na China vem sendo dificultado por um movimento separatista muçulmano na sua Província de Uigur, na Região de Xinjiang¹². Enquanto, em 1993, as economias russa e chinesa estavam mais ou menos equiparadas, em 2008, a da China era mais de 3,5 vezes maior¹³. Até mesmo na atual era de desaceleração econômica mundial, a economia chinesa continua mais forte que a russa, em grande parte porque a vantagem populacional lhe confere maior potencial para o desenvolvimento econômico.

A maior preocupação de longo prazo de Moscou advém da flagrante pretensão da China a territórios na Sibéria que considera serem historicamente chineses. Essa pretensão tem sua raiz no relacionamento histórico entre a Rússia e a China. Quando os russos deram

início à sua expansão para o leste em direção à Sibéria no século XVII, os chineses contestaram e tentaram refrear todas as pretensões territoriais russas. Em consequência, houve um grande número de confrontos territoriais intensos e quase contínuos entre a Rússia e a China, com apenas pequenas interrupções até muito recentemente¹⁴.

O subsequente controle russo sobre seus territórios no leste tem sido exercido, primordialmente, a partir de assentamentos-chave por russos étnicos. Ainda que situado em uma área extremamente rica em recursos, o assentamento russo na Sibéria nunca foi vasto, tendo sido dificultado por um clima extremamente frio e inóspito. Por isso, as comunidades de etnia russa na região foram, muitas vezes, mantidas, apenas em consequência da presença de bases militares, reassentamentos forçados ou como colônias penais.

Com a ampliação das liberdades individuais após a dissolução da União Soviética, o número de habitantes russos da Sibéria tem diminuído. Com o declínio da população de russos étnicos, grande parte da Sibéria voltou a ser despovoada. Ironicamente, essa situação transformou a fronteira entre a Rússia e a China, no Extremo Oriente, em uma significativa área de instabilidade. O potencial para maiores conflitos entre os dois países hoje resulta, em grande medida, da chegada de migrantes de etnia chinesa à esparsamente habitada região fronteiriça siberiana, adjacente aos territórios russos despovoados, conforme os russos étnicos deixam o local em busca de condições de vida mais favoráveis e maior oportunidade econômica na área ocidental da Rússia.

Atualmente, a densidade demográfica no lado chinês da fronteira no Extremo Oriente é 62 vezes maior que a do lado russo, e vem aumentando¹⁵. A menos que haja alguma mudança significativa imprevista nas tendências populacionais entre os habitantes de etnia russa, o já considerável desequilíbrio demográfico entre os grupos étnicos da área continuará a aumentar, em favor dos chineses no futuro próximo. Até 5 milhões de chineses habitam o extremo oriente da Rússia atualmente, número bastante próximo ao total de 6 milhões de russos que permanecem na região, o qual vem diminuindo progressivamente¹⁶. Observadores russos suspeitam que essa população esteja se preparando, com o apoio do governo chinês, para atravessar a fronteira em massa, em um momento propício, no futuro, em que o governo

russo possa estar distraído com outras preocupações e prioridades estratégicas e fisicamente impossibilitado de conter tal migração. Assim, o declínio da população eslava e a entrada contínua e desimpedida de imigrantes chineses perto da Sibéria podem estar preparando o terreno para que Beijing assuma o controle efetivo sobre a região rica em recursos no extremo oriente da Rússia em um futuro não muito distante¹⁷. Isso resultaria, inevitavelmente, no enfraquecimento da Rússia no Extremo Oriente, circunstância em que deixaria de ser um contrapeso para o crescente poder da China.

Tal fato teria consequências de longo alcance para os EUA, uma vez que seus interesses de segurança de longo prazo, conforme descritos em sua “Estratégia Militar Nacional” de 2011, concentram-se, decididamente, no Círculo do Pacífico, baseando-se na premissa de continuidade da hegemonia norte-americana na área¹⁸.

A Rússia e o Mundo Muçulmano

Um segundo impacto importante do declínio da população de etnia russa é uma mudança na orientação e caráter culturais tradicionais do próprio Estado russo. Enquanto há um declínio da maioria eslava, as minorias muçulmanas da Ásia Central continuam a crescer rapidamente.

A população nativa de muçulmanos da Rússia cresceu em 40% desde 1989¹⁹. Essa população foi reforçada, ainda, pelo ingresso de três a quatro milhões de imigrantes muçulmanos oriundos de antigas repúblicas soviéticas, como o Azerbaijão e o Cazaquistão, que entraram no país em busca de emprego²⁰. Atualmente, cerca de 80% dos muçulmanos da Rússia residem nas regiões do norte do Cáucaso e do centro do Volga. Entretanto, estima-se que a própria capital da Rússia, Moscou, também abrigue 2,5 milhões de muçulmanos, mais que qualquer outra cidade europeia com a exceção de Istambul, na Turquia²¹.

Além disso, em 2010, o controle de fronteira do Serviço de Segurança Federal da Rússia registrou um aumento acentuado no número de imigrantes ilegais oriundos do Oriente Médio e do Sudeste da Ásia²². Muitos desses novos imigrantes são muçulmanos originários das antigas repúblicas soviéticas do Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. A imigração ilegal gerou uma reação negativa na Rússia. Atualmente, gangues eslavas xenofóbicas armadas agridem imigrantes de modo rotineiro. Ao que consta,

a polícia, muitas vezes, ignora esses ataques. No verão de 2008, o ultranacionalista Movimento Contra a Imigração Ilegal organizou algumas grandes manifestações em Moscou e São Petersburgo. O governo tem, cada vez mais, dado ouvidos às queixas de seus integrantes²³.

É difícil obter números precisos, mas, segundo algumas estimativas, a população muçulmana talvez chegue a 27 milhões de habitantes, representando cerca de 15% da população da Federação Russa²⁴. Embora sejam uma minoria atualmente, os muçulmanos da Rússia estão em uma trajetória de crescimento demográfico que pode transformá-los em maioria em meados deste século²⁵.

Caráter da Mudança Cultural

Coletivamente, os muçulmanos na Rússia exibem uma quantidade menor de problemas sociais que seus conterrâneos eslavos. A taxa de divórcio é bem menor entre muçulmanos, em comparação aos russos eslavos. Além disso, as mulheres muçulmanas têm mais filhos, em média, que as eslavas, e são bem menos propensas a fazer abortos. Os muçulmanos também sofrem um número menor de mortes prematuras e vivem mais tempo que seus conterrâneos eslavos, apesar de terem, em geral, um *status* econômico muito inferior²⁶.

Além disso, os muçulmanos, de modo geral, parecem mais devotos ao praticar sua fé que seus conterrâneos ortodoxos. Ao que consta, as igrejas em Moscou ficam praticamente vazias durante a missa, enquanto as mesquitas, em comparação, ficam cheias²⁷. Em 1990, havia apenas 500 mesquitas na Rússia. Em 2008, chegavam a 8 mil. Isso tem alguns potenciais impactos sociopolíticos significativos²⁸.

Primeiro, de modo geral, os valores das comunidades islâmicas incentivam famílias grandes, ao contrário dos valores predominantemente laicos dos russos étnicos, que desestimulam a formação de famílias extensas²⁹. O estado de anomia da sociedade pós-soviética resultou em uma população russa que continua a sofrer de uma acentuada falta de otimismo e confiança no futuro da nação. Diante de tal situação, os casais de etnia russa têm um número cada vez menor de filhos, enquanto problemas sociais como o vício às drogas e o alcoolismo passaram a ser endêmicos. Em consequência, não só há uma alta taxa de mortalidade entre os russos étnicos, como também uma taxa de

natalidade muito baixa. Com uma “taxa de fecundidade total” de 1,61 de nascidos vivos por mulher entre os russos étnicos, a Rússia está hoje em 178º lugar no mundo com respeito a esse indicador³⁰.

As diferenças populacionais parecem estar ligadas, em certos aspectos, ao estado precário do sistema público de saúde, que se deteriorou gravemente na era pós-soviética, em virtude dos péssimos padrões médicos, do desenfreado vício em drogas e de uma epidemia de AIDS. Uma consequência foi o fato de que, em 2011, a Rússia ficou em 144º em expectativa de vida no mundo, classificando-se na terça parte inferior entre todas as nações, fugindo completamente à regra entre os países industrializados³¹.

Ao observar essas tendências demográficas, o economista político Nicholas Eberstadt comentou que a Rússia, hoje, “não se parece com uma economia de mercado emergente e de renda média em situação de paz, e sim com uma sociedade subsaariana destituída durante ou após um conflito”³².

Segundo, uma maioria islâmica praticante pode, com o tempo, tentar substituir o direito laico vigente pela lei islâmica, contra as objeções de outros grupos com *status* de minoria.

Por último, uma Rússia com uma maioria islâmica e que tenha, em particular, herdado um legado governamental de hostilidade aos EUA, deixado por Putin ou seus sucessores, pode tornar-se um terreno fértil de recrutamento para os que reivindicam uma *jihad* global contra o mundo ocidental. A potencial radicalização de um segmento significativo da população muçulmana, aliada à transformação demográfica do país, poderia modificar, drasticamente, a cultura, sociedade e política russas. Conforme observado por Ilan Berman, a ascensão do islamismo radical representa uma grave ameaça à “própria integridade do Estado russo”³³.

Em um futuro bastante próximo, os efeitos da islamização podem se refletir nas Forças Armadas russas. Joseph D’Agostino, do Population Research Institute, prevê que, em breve, os muçulmanos poderão representar até a metade dos recrutas do Exército russo. Embora os russos ainda sejam, claramente, maioria na população e o serviço militar seja obrigatório, apenas cerca de 10% dos jovens russos chegam, de fato, a cumpri-lo, em função de adiamentos para cursar o ensino superior, propinas para evitá-lo, etc. Como

ressalta D’Agostino, considerando o caráter notoriamente brutal do Exército russo, é compreensível que evitem o serviço militar. Ele pergunta:

Contudo, os generais conseguirão evitar ter Forças Armadas muçulmanas se, em sua maioria, os homens que permanecerem na Rússia forem muçulmanos? Essas Forças militares estarão aptas a operar efetivamente, considerando a raiva que muitos habitantes muçulmanos sentem em relação às táticas russas na região muçulmana da Tchetchênia? E se outras regiões muçulmanas da Rússia — algumas das quais contêm enormes reservas petrolíferas — se rebelarem contra Moscou? Os militares muçulmanos aceitarão combater e matar para mantê-las como parte da pátria russa³⁴?

Além disso, não é inconcebível que uma maioria muçulmana fortalecida e ideologicamente polarizada na Rússia tente, um dia, absorver as cinco antigas repúblicas muçulmanas da União Soviética — Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão — e formar uma superpotência que ultrapasse todas as outras nações muçulmanas em população, recursos e poderio militar. Assim, a transição da Rússia para uma população com maioria muçulmana poderia ser ainda mais perturbadora que a dissolução da União Soviética, abalando radicalmente o equilíbrio de poder na Europa e na Ásia. Por exemplo, no subcontinente indiano, uma Rússia islamizada poderia buscar uma causa em comum com seu antigo adversário, o Paquistão, e deixar a Índia — aliada dos EUA e contrapeso à China — em uma posição relativa bem mais fraca. A Rússia do futuro poderia, plausivelmente, despontar como uma superpotência nuclear muçulmana, com uma cadeira permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Se a estrutura demográfica se constitui, de fato, em destino, os EUA precisam preparar-se para a possibilidade de uma Rússia predominantemente muçulmana, em controle de um enorme arsenal nuclear. Tal fato, aliado à possibilidade de uma Europa Ocidental cada vez mais islamizada, colocaria os EUA em uma situação de segurança extremamente complexa, tendo, por um lado, de lidar com uma “Eurásia” no Ocidente e, por outro, com uma Rússia de maioria muçulmana no

Oriente³⁵. Não é difícil perceber, em tal acontecimento, um potencial grande desafio à segurança nacional dos EUA no futuro.

O Islamismo Radical na Rússia

Com respeito aos atuais desafios que a própria Rússia enfrenta com respeito ao islamismo radical, a região do Cáucaso continua a ser politicamente tumultuada. Desde o início do conflito com a Tchetchênia, em 1994, entre 10 mil e 15 mil militares russos morreram na região, comparável ao total estimado de 13.833 militares soviéticos mortos na guerra no Afeganistão nos anos 80³⁶. As guerras provocaram um número ainda maior de vítimas entre o povo tchetcheno, resultando em considerável rancor e ódio pelos russos étnicos³⁷. O que começou como uma luta nacionalista pela autodeterminação se transformou, mais tarde, em uma *jihād* islamista, em que o Cáucaso despontou como um importante teatro de operações. Em consequência, a política tchetchena se tornou tanto islamizada quanto internacionalizada, o que criou as condições para o futuro conflito³⁸.

Ademais, o movimento jihadista mundial buscou utilizar a luta tchetchena pela independência como um veículo para transformar o Cáucaso em um bastião islamista. Caso isso se realizasse, os islamistas radicais poderiam usar a região como base para iniciar ataques terroristas na Rússia, Europa e Oriente Médio³⁹. Com isso em mente, é perturbador observar que, apesar dos êxitos russos anteriores, houve um ressurgimento de militantes tchetchenos nos últimos anos, os quais executaram uma série de ataques terroristas fatais na Rússia⁴⁰.

A Transformação da Rússia de Aliada em Inimiga

Imediatamente após os ataques do 11 de Setembro, o Kremlin foi visto, inicialmente, como um parceiro na guerra capitaneada pelos EUA contra o terrorismo islâmico, pois o Exército russo vinha conduzindo uma campanha prolongada contra os separatistas tchetchenos. O Kremlin chegou a apoiar a intervenção no Afeganistão, permitindo que as Forças Armadas dos EUA utilizassem bases nas antigas repúblicas soviéticas na Ásia Central, sobre as quais ainda exercia uma forte influência⁴¹. Não obstante, o governo norte-americano, por sua vez, nunca apoiou completamente as campanhas russas para pôr fim à *jihād* no Cáucaso. Na

verdade, no final dos anos 90, o governo Clinton não só criticou a condução da guerra pelo Kremlin, como também incentivou, de modo tácito, os aliados muçulmanos da Tchetchênia e empresas de segurança privadas a auxiliar os rebeldes islamistas na região⁴².

Mais recentemente, o governo do Presidente Barack Obama demonstrou ainda menos tolerância em relação ao esforço da Rússia em suprimir movimentos separatistas subjogando rebeliões dentro de suas fronteiras. Em janeiro de 2012, Obama nomeou um incisivo crítico do Kremlin, Michael McFaul, como embaixador norte-americano em Moscou, onde este último recebeu, posteriormente, na embaixada, vários ativistas da oposição, incluindo separatistas, alguns dos quais eram suspeitos de estarem ligados a terroristas, segundo o Serviço de Segurança Federal russo⁴³.

Embora possam gerar ganhos geopolíticos de curto prazo entre alguns grupos internacionais favoráveis aos objetivos dos separatistas, essas políticas podem ter consequências desastrosas no futuro, por frustrarem tentativas de cultivar a boa vontade e o apoio da Rússia, de que os EUA precisarão para lidar com seus próprios desafios de segurança.

A Rússia Corteja o Mundo Islâmico

Para se opor ao que percebe, aparentemente, como hostilidade do Ocidente, em geral, e dos EUA, em particular, a Rússia parece estar fazendo um esforço estratégico para agradar o mundo islâmico e recuperar parte de sua influência da era soviética. Para tanto, Putin buscou definir, publicamente, no mundo muçulmano, sua visão de quais seriam os militantes islâmicos “bons” ou “ruins”: seriam, respectivamente, aqueles que desafiam os EUA e Israel, ao passo que estes últimos seriam os separatistas tchetchenos e seus aliados no norte do Cáucaso e no Tatarstão⁴⁴. Essa abordagem obteve considerável sucesso político. Na reunião da Organização da Conferência Islâmica realizada em 2003 em Kuala, na Malásia, em meio a declarações antissionistas e antiamericanas, Putin discursou sobre o tema, colocando a Rússia em forte contraste com o mundo ocidental e descrevendo-a como “defensora histórica” do Islamismo⁴⁵. A Rússia foi, posteriormente, convidada a fazer parte daquela organização como observadora oficial, em 2005.

Nesse mesmo espírito, em um discurso proferido em 24 Jun 09, no Cairo, perante a Conferência da

Liga Árabe, o então Presidente Dmitry Medvedev enfatizou a importância do Islamismo para a Rússia, observando que, em virtude do tamanho de sua população muçulmana, o país “não precisa buscar uma relação de amizade com o mundo muçulmano. Nosso país é parte integrante desse mundo [muçulmano]”⁴⁶.

Embora Putin identifique a Rússia, claramente, como uma nação predominantemente cristã, ele vem tentando estabelecer uma linha divisória entre os valores em comum dos praticantes de várias tradições religiosas e os valores do mundo laico ocidental. Ele enfatiza, cada vez mais, os valores morais que a Rússia compartilha com o Oriente Médio, a Ásia e

Muçulmanos rezam diante da principal mesquita de Moscou durante a comemoração de Eid al Adha, ou “Grande Festa”, 15 Out 13. A festa, celebrada por muçulmanos no mundo inteiro, é chamada de Kurban-Bairam, na Rússia.

(Foto AP/Alexander Zemlianichenko)



outras sociedades não ocidentais. Como parte dessa estratégia de “poder persuasivo” (*soft power*), ele busca explorar as diferenças entre os valores sociais do Ocidente e os dos países predominantemente muçulmanos no Oriente Médio e Norte da África, por exemplo, em questões como o feminismo e os direitos *gay*. Com isso, ele busca transformar os valores



ocidentais em uma desvantagem para os governos do Ocidente, com significativo sucesso⁴⁷.

Uma consequência aparente das iniciativas de Putin é que, em boa parte do mundo muçulmano, a Rússia tem sido vista cada vez mais como um contrapeso viável à influência norte-americana⁴⁸. Essa visão deve ganhar ainda mais aceitação, à medida que a população muçulmana crescer na Rússia.

Além disso, aparentemente, Putin se sente seguro o suficiente, politicamente, para ignorar os apelos dos governos ocidentais, que têm insistido com o Kremlin para que pare de ajudar a República Islâmica do Irã a concluir as obras no reator nuclear de Bushehr. Provocou ainda mais o Ocidente ao patrocinar a formação de muitos cientistas nucleares iranianos, que receberam treinamento da Rússia⁴⁹. Com isso, Putin conseguiu usar o Irã como uma alavanca, para enfraquecer a influência dos EUA e a confiança neles depositada por nações do Oriente Médio, ao mesmo tempo que explorou a discórdia entre sunitas e xiitas, elevando o *status* do Irã xiita como um obstáculo ao radicalismo sunita no interior da Rússia.

Não obstante, da mesma forma que os EUA, a Rússia provavelmente tem suas próprias restrições quanto ao objetivo iraniano de adquirir um arsenal nuclear. Sem dúvida, alguns líderes russos suspeitam que um Irã fortalecido e provido de armas nucleares possa, um dia, tentar reivindicar, à custa da Rússia, os “territórios do norte” do antigo Império Persa, hoje situados no Cáucaso e Ásia Central. Tal eventualidade é plausível com base nas mudanças demográficas previstas para a região. Segundo algumas projeções, até o ano de 2050, a população da Rússia pode encolher para 100 milhões, ao passo que o Irã, por si só, talvez alcance 90 milhões de habitantes. Além disso, até lá, o Irã estaria em uma posição de vantagem em relação à Rússia em termos do desenvolvimento do setor de petróleo e gás natural, assim como das tecnologias nucleares⁵⁰.

Reconstituição do Império Russo

O Presidente russo, Vladimir Putin, está totalmente ciente das ameaças existenciais que sua nação enfrenta em virtude das mudanças demográficas. Em 2006, descreveu o declínio demográfico como “o problema mais grave da Rússia contemporânea”⁵¹. Essa é uma circunstância que Putin, o exaltado nacionalista russo, deve tentar reverter a praticamente qualquer

custo. E como, exatamente, um dirigente com o histórico e o caráter de Putin faria isso? Para responder a essa pergunta, seria útil examinar sua formação e as influências que, ao que consta, moldaram sua visão de mundo.

Com as condições deploráveis que a Rússia enfrenta, não é difícil ver por que uma personalidade forte como a de Putin tem tanto apelo junto ao público na Rússia. Segundo sua principal biógrafa, Masha Gessen, Putin nunca foi um grande defensor do comunismo. Ao contrário, sempre teve uma fé muito superficial no sistema comunista, o qual, muito antes da queda do Muro de Berlim, concluiu não ser mais plausível. Em vez disso, Putin depositou sua fé nas instituições soviéticas do governo central no histórico de resiliência do povo russo⁵². Antes de mais nada, prestava lealdade à KGB e ao império soviético que o órgão defendia. Assim, quando houve o colapso, a dissolução da União Soviética foi (em suas próprias palavras) “a maior catástrofe geopolítica” do século XX.

Ao assumir o poder pela primeira vez, em 2000, Putin explorou a decepção e fadiga da população russa (que havia sofrido sob a instabilidade econômica na época de Yeltsin), reconcentrando, implacavelmente, o poder em um governo estatal centralizado⁵³. Seus esforços foram apoiados por um concomitante aumento súbito nos preços mundiais do petróleo, o que gerou enorme prosperidade para o setor energético da economia russa, contribuindo para a situação fiscal do governo⁵⁴. Com efeito, o sóbrio e extremamente disciplinado ex-oficial da KGB conseguiu estabelecer uma boa dose de estabilidade econômica, elevando a posição da Rússia nas relações internacionais e ampliando sua influência no cenário mundial.

Apesar de suas inúmeras aparentes falhas, os esforços de Putin o transformaram em um ícone nacional, por ele ter devolvido, em grande medida, um sentimento de orgulho patriótico a seus conterrâneos, que haviam se sentido traídos e humilhados pelo rápido declínio do país, uma reconhecida superpotência nos anos 90⁵⁵. Apesar de considerável dissidência interna de expressões de insatisfação nos últimos anos contra seu estilo autocrático e sua tentativa de enfraquecer as instituições de uma democracia pluralista, Putin parece ter firme controle sobre o Estado russo, com amplo apoio do público.

Influências sobre o Pensamento de Putin

Putin talvez seja um reflexo fiel das atitudes russas em geral. Parece haver um amplo consenso cultural entre os russos étnicos de que ou sua nação cresce ou morre. Putin parece compartilhar dessa visão de mundo, a qual foi influenciada por uma ampla gama de políticos e intelectuais nacionalistas, defendendo um programa de irredentismo que promove a expansão. Ao longo de todo o espectro político, importantes pensadores propuseram, publicamente, formas de reconstruir o império russo, ideias que parecem ter amplo apoio do público⁵⁶. Remontando a 1995, o falecido Alexander Solzhenitsyn, ganhador do prêmio Nobel, defendeu a reconstituição das nações eslavas Rússia, Ucrânia e Belarus, bem como o Cazaquistão, em seu livro *The Russian Question at the End of the Twentieth Century* (“A Questão Russa no Final do



Século XX”, em tradução livre)⁵⁷. Na esquerda política, Anatoly Chubais, o idealizador liberal das reformas econômicas pró-ocidentais da Rússia nos anos 90, também expressa seu apoio à expansão imperial⁵⁸.

Outra forte voz é a de Alexander Dugin, acadêmico da Universidade Estatal de Moscou e ex-arquivista da KGB, reconhecido como principal defensor de um novo império russo. Apelidada de “eurasianismo”, sua visão de mundo é uma mistura ímpar de ultranacionalismo, imperialismo russo, tradicionalismo cultural e misticismo neopagão⁵⁹. Em seu paradigma para um novo império, Dugin descreve os EUA com referências satânicas, afirmando que o país está destinado a um confronto com a Rússia.

As opiniões de Dugin influenciaram Gennady Zyuganov, líder do Partido Comunista da Federação Russa; Vladimir Zhirinovskiy, o exuberante líder do Partido Liberal-Democrata; e, mais importante,

Vladimir Putin⁶⁰. Segundo alguns observadores, a visão geopolítica de Dugin se tornou a “estrela guia” para a política externa de Putin⁶¹. Por exemplo, parecendo ecoar Dugin, Putin condena a unipolaridade e promove a ideia de um sistema mundial multipolar que descentralize o poder.

Diante da crise existencial hoje enfrentada pela Rússia, muitos desses formadores de opinião russos preveem, confiantemente, a inevitável reintegração das antigas repúblicas soviéticas⁶². O Kremlin tem tentado explorar esse ativismo nacionalista com medidas para combater o atual declínio demográfico entre russos étnicos, buscando, em parte, uma justificativa para reincorporar enclaves russos situados em seus antigos territórios. Assim, é possível prever que um governo russo cada vez mais nacionalista crie justificativas para conduzir uma série de campanhas revanchistas, com o intuito de recuperar os territórios perdidos ao longo de suas fronteiras. Da mesma forma que a Crimeia, a Belarus e a região leste da Ucrânia são boas candidatas para uma futura anexação pela Rússia. Um grande número de russos étnicos em ambas as regiões parecem favoráveis ao novo império russo em termos políticos e étnicos, considerando-se parte dele⁶³.

A Rússia hoje pode considerar tais ações como uma oportunidade para recuperar uma maioria de etnia russa. Além disso, da ótica de Putin, talvez seja melhor agir logo, em um momento em que o governo dos EUA e a Europa Ocidental divergem em relação a uma série de diretrizes políticas, em circunstâncias em que as tendências demográficas, políticas e econômicas de longo prazo desaconselham esperar.

Para a elite intelectual dos EUA, aspirações à expansão territorial podem parecer estranhamente anacrônicas, além de ilegais, segundo o direito internacional. Para Putin, porém, assim como para muitos russos, tal expansão pode ser considerada como uma questão de sobrevivência nacional. Assim, a incursão na Crimeia e a tentativa de fomentar a agitação étnica em outros locais podem ser consideradas não como indícios da crescente força russa, mas como ações que disfarçam sua decadência.

Suntuoso portão na fronteira com a Rússia, em Manzhouli, Província da Mongólia Interior, 07 Jul 09.

(Foto de NocturneNoir)



Limites dos Objetivos Russos

Pelo prisma da história, os atuais temores quanto à possibilidade de que o imperialismo russo vá além dos Estados ao longo de suas fronteiras e venha a alcançar a Europa Ocidental são infundados. A Rússia só foi capaz de penetrar o coração da Europa em apenas duas ocasiões. A primeira vez foi no ápice das Guerras Napoleônicas, em 1814, quando o Exército russo ocupou Paris por um breve período. A segunda vez foi no final da Segunda Guerra Mundial, quando o Exército soviético alcançou Berlim. Em cada um desses casos, a Europa Ocidental havia sido gravemente enfraquecida pela guerra. Assim, em circunstâncias normais, a Europa Ocidental parece ser bem capaz de resistir à Rússia.

Além disso, no futuro próximo, a Rússia não será capaz de projetar uma grande força convencional muito além de suas fronteiras, em virtude da atual insuficiência de efetivos e dos efeitos persistentes dos drásticos cortes orçamentários após o fim da Guerra Fria⁶⁴. Segundo a própria avaliação do Kremlin, o Exército russo teve um desempenho terrível na guerra com a Geórgia⁶⁵. Além disso, atualmente, a Rússia está cercada (além da antiga esfera soviética) por regiões e países

mais dinâmicos — em termos políticos, econômicos e demográficos — que ela própria⁶⁶. Em palavras simples, as forças convencionais da Rússia não se equiparam às de seus principais vizinhos: nem às da OTAN, a oeste, nem às da China, a leste⁶⁷.

Deixando de lado suspeitas sobre as ambições territoriais russas, gestos de intimidação entre os EUA e a Rússia são extremamente contraproducentes para ambos. Embora os dirigentes ocidentais possam indignar-se com o autoritarismo e a agressão de Putin, seria insensato reavivar a Guerra Fria com a Rússia. Primeiro, por motivos óbvios, é recomendável que ambos os países evitem uma retórica que possa dar início a uma nova corrida armamentista ou até mesmo a um confronto nuclear. Com uma força convencional extremamente reduzida, a força estratégica da Rússia reside em suas ogivas nucleares, herdadas da era soviética⁶⁸. Apesar de grandes cortes, esses arsenais ainda são consideráveis, e as consequências de seu efetivo emprego, impensáveis⁶⁹. Ademais, muitas dessas armas permanecem em um estado de alta prontidão e, assim, existe a possibilidade de um lançamento não autorizado acidental de uma ogiva⁷⁰.

Não obstante, em uma entrevista concedida ao *Wall Street Journal*, em maio de 2014, o Secretário de Estado dos EUA, John Kerry, declarou que o governo Obama estava plenamente ciente de que um confronto com a Rússia em relação à Ucrânia poderia levar à guerra nuclear⁷¹. Essa retórica é, no mínimo, incrivelmente desaconselhável, gerando o risco desnecessário de escalada à aniquilação global, semelhante à Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962.

Ironicamente, a atual situação representa, na realidade, uma oportunidade para os EUA (e para



O Presidente Vladimir Putin, à direita, fala com Ekmeleddin Ihsanoglu, secretário-geral da Organização da Conferência Islâmica, composta de 57 países membros, durante assembleia em 07 Jun 06, no Kremlin.

(Foto AP/Vladimir Rodionov)

o mundo ocidental em geral). À parte de suas sérias divergências e instintos políticos competitivos, incluindo a incursão ilegal na Ucrânia, a Rússia e os EUA precisam um do outro. Em muitas questões vitais que os dois países enfrentarão no longo prazo, os interesses dos EUA, da Europa Ocidental e da Rússia correm em paralelo e, muitas vezes, até se cruzam.

Por exemplo, no futuro próximo, as Forças Armadas dos EUA estarão envolvidas em um conflito prolongado e sem um fim definido com implacáveis terroristas e insurgentes mundiais — oriundos, primordialmente, do mundo de extremistas islâmicos —, determinados a derrubar o mundo ocidental. Em grande medida, isso decorre da instabilidade crônica que assola o Oriente Médio, o Norte da África e a Ásia Central, conforme evidenciado pelos recentes distúrbios na Líbia e pela tentativa de estabelecimento do Estado Islâmico (EI) do Iraque e da Síria por radicais bem providos de armas e verbas. Na medida em que os EUA estão à dianteira do combate ao jihadismo mundial, é importante manter uma frente única com outras nações que enfrentam a mesma ameaça — especialmente a Rússia.

Por acaso, a Rússia enfrenta, como os EUA, uma constante ameaça interna por grupos islâmicos radicais, primordialmente da região do Cáucaso, com objetivos declarados semelhantes contra o Estado. Assim, da mesma forma que os EUA, a Rússia está envolvida no que é, agora, um prolongado e perigoso conflito, sem um fim definido, contra o islamismo militante. Os interesses de ambos os países serão mais bem servidos por um maior empenho em cooperar para combater tal ameaça em comum e lidar com ela mundialmente. Para demonstrar como os interesses dos EUA e da Rússia coincidem nessa área, vale observar que foram identificados jihadistas tchetchenos e uzbeques lutando contra tropas norte-americanas no Afeganistão⁷².

Em outro campo, o governo dos EUA está preocupado com a estabilidade e segurança de seu principal aliado no Oriente Médio, Israel, e seus outros principais aliados regionais, a Jordânia e o Egito. Da mesma forma, o Kremlin está preocupado com o destino de seu aliado de longa data, a Síria, e deseja, em prol de seus interesses nacionais, um Levante estável e pacífico.

Uma outra área de interseção é o interesse comum dos EUA e da Rússia em deter a proliferação nuclear no mundo islâmico. A perspectiva imediata

de um Irã provido de armas nucleares, especialmente, representaria uma ameaça tanto à Rússia quanto aos aliados dos EUA na região.

Por fim, entre muitos outros interesses em comum, a Rússia e os EUA enfrentam a potencial ameaça de uma China em ascensão e cada vez mais agressiva, cuja população é três vezes maior que a soma das populações dos dois países.

Esses exemplos demonstram que é vital que os EUA e a Rússia cooperem para superar os desafios que ameaçam seus interesses em comum. Além disso, a pura verdade é que, sem a participação e a cooperação da Rússia, conforme foi demonstrado repetidas vezes, tanto com o caso do Irã quanto com o da Síria, os esforços norte-americanos em prol de seus objetivos nessas regiões ficarão inviáveis. Portanto, é necessária uma reaproximação entre os dois países, para que possam avançar, juntos, em relação a importantes questões coletivas, com o intuito de alcançar maior estabilidade mundial, que é fundamental para os verdadeiros interesses nacionais de ambos.

Contudo, infelizmente, em vez de reconciliação, desde o final da Guerra Fria, a política externa norte-americana em relação à Rússia parece ter sido formulada em torno de uma política militar de cerco e contenção, conforme evidenciado pela expansão da OTAN⁷³. Segundo ressaltou Charles A. Kupchan, professor de Relações Internacionais na Georgetown University, desde a dissolução da União Soviética, os EUA e seus aliados da OTAN construíram uma ordem pós-Guerra Fria que, efetivamente, excluiu a Rússia⁷⁴. Seu isolamento diplomático pelos EUA só fez com que o Kremlin sentisse uma necessidade ainda maior de se fortificar e deu credibilidade aos sentimentos dos ultranacionalistas que buscam uma expansão armada do território russo.

Assim, tratar a Rússia como um pária internacional se mostrou uma política externa profundamente equivocada, em vários aspectos. Um isolamento ainda maior do país, como sua expulsão do Grupo dos Oito (G8), que reúne democracias industrializadas, só incentivaria Putin a estabelecer relacionamentos de cooperação com praticamente todo país ou grupo nacionalista que considere os EUA como inimigo, incluindo laços mais fortes com regimes como os da Síria, Venezuela e Irã⁷⁵.

Em vez disso, para garantir a estabilidade pan-europeia e mundial, será preciso envidar esforços para integrar a Rússia à aliança do Atlântico⁷⁶. Como observou, certa feita, o analista de defesa Thomas P.M. Barnett, restabelecer uma Guerra Fria com a Rússia seria “simplesmente ceder a vantagem à Al Qaeda ao dividir o Núcleo contra si mesmo”⁷⁷.

Conclusão: Como Cultivar a Rússia como um Aliado

Como uma questão de *realpolitik* (política voltada a considerações práticas), a atual orientação antirrusa do governo norte-americano é imediatista. Com efeito, uma colaboração maior entre os dois países poderia ajudar a resolver alguns dos principais desafios de segurança que os EUA enfrentarão neste século. Com a ameaça persistente do islamismo militante e o crescente poder econômico e militar da China, uma Rússia forte é algo essencial para a segurança nacional de longo prazo dos EUA e do mundo ocidental.

Por exemplo, as Forças Armadas dos EUA estão sobrecarregadas e não têm condições de se envolver em uma desastrosa concorrência com as Forças russas, apesar da redução destas últimas desde o término da Guerra Fria. Além disso, em um ambiente fiscal cada vez mais restrito, as Forças Armadas dos EUA só estarão aptas a lidar com um certo número de tarefas. Assim, é preciso delimitar a política externa norte-americana, priorizar suas missões e buscar parceiros como a Rússia.

Quanto à Rússia, os EUA e o Ocidente são essenciais para sua modernização, além de representarem uma proteção para o que possa surgir a leste e a sul de suas fronteiras nas próximas décadas⁷⁸.

Assim, seria do interesse de longo prazo de ambos os países resistir a uma retomada da Guerra Fria, conciliar suas diferenças, fazer um maior esforço em entender os pontos de vista e interesses um do outro e voltar sua atenção a lidar com as ameaças em comum. ■

George Michael é professor associado de Justiça Penal na Westfield State University, no Estado de Massachusetts. Concluiu seu doutorado pela Escola de Políticas Públicas da George Mason University. Foi, anteriormente, professor associado de Teoria de Dissuasão e Antiproliferação Nuclear no Air War College, em Montgomery, Estado do Alabama. Michael é o autor de sete livros, e seus artigos constam de várias publicações acadêmicas. Apresentou o segmento BookTV do Canal C-SPAN2 em cinco ocasiões.

Referências

1. Michael Crowley e Simon Shuster, “This is War”, *Time*, 19 May 2014, p. 32.
2. Wynne Russell, “Russian Relations with the Near Abroad”, in *Russian Foreign Policy Since 1990*, ed. Peter Shearman (Boulder, CO: Westview Press, 1995), p. 53. Partes da Ucrânia passaram, oficialmente, para o controle czarista russo no final do século XVIII, após a divisão da Polônia e a conquista da Crimeia, então sob o controle do cã. A partir de então, a Ucrânia passou a fazer parte de uma união com a Rússia, até conquistar sua independência, com a dissolução da União Soviética, em 1991. Como explicou Wynne Russell, algumas das antigas repúblicas soviéticas, a Ucrânia e a Belarus, em particular, são “vistas por muitos russos não apenas como antigas parentes, mas, de fato, como sendo inseparáveis do próprio conceito de Rússia”.
3. Crowley e Shuster, p. 33.
4. David Paul, “Xi and Putin Playing Dangerous Games to Mask Domestic Problems”, *The Huffington Post*, 12 May 2014, <http://www.huffingtonpost.com/david-paul/xi-and-putin-playing-dangerous-games-to-mask-domestic-problems>
5. Julie Pace, “Obama Expands U.S. Sanctions against Russia, including Putin Advisors, Bank”, *Associated Press*, 20 Mar. 2014, <http://www.reviewjournal.com/news/obama-expands-us-sanctions-against-russia-including-putin-advisors-bank> (acesso em 13 Nov. 2014).
6. Stephen Sestanovich, “A Bold EU Move Against Vladimir Putin?” *The Wall Street Journal* blog “Washington Wire”, publicado em 7 May 2014, <http://blogs.wsj.com/washwire/2014/05/07/a-bold-e-u-move-against-vladimir-putin/>, (acesso em 5 Nov. 2014). Em virtude de sua dependência em relação ao gás natural da Rússia, a Europa terá dificuldades em ir adiante com essa sanção como forma de moderar a agressão de Putin.
7. Marissa Payne, “Vladimir Putin makes his WWE debut at ‘Extreme Rules’”, *The Washington Post*, 5 May 2014, <http://www.washingtonpost.com/blogs/early-lead/wp/2014/05/05/vladimir-putin-makes-his-wwe-debut-at-extreme-rules/> (acesso 5 Nov. 2014).

8. John W. Parker, *Russia's Revival: Ambitions, Limitations, and Opportunities for the United States* (Washington D.C.: Center for Strategic Research, Institute for National Strategic Studies, National Defense University, 2010), p. 10-11.
9. Steven Eke, "Russia Faces Demographic Disaster", *BBC News*, 7 Jun. 2006, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/5056672.stm> (acesso 5 Nov. 2014).
10. "Russians Offered Day Off, Prizes to Procreate", *Associated Press*, 14 Aug. 2007, http://www.nbcnews.com/id/20268426/ns/world_news-europe/t/russians-offered-day-prizes-procreate/#.U-UUruNdWuo (acesso 5 Nov. 2014); Tom Parfitt, "Vladimir Putin Pledges to Spend £32bn on Increasing Russian Life Expectancy", *The Guardian*, 21 Apr. 2011, <http://www.theguardian.com/world/2011/apr/21/vladimir-putin-increasing-russian-life-expectancy> (acesso 5 Nov. 2014).
11. Parker, p. 20.
12. Walid Pares, *The Confrontation: Winning The War against Future Jihad* (New York: Palgrave MacMillan, 2008), p. 97.
13. Thomas Graham, "The Sources of Russia's Insecurity", *Survival*, 52(1), (Feb./Mar. 2010): p. 55.
14. Eugene Bazhanov, "Russian Policy Toward China", in *Russian Foreign Policy Since 1990*, ed. Peter Shearman (Boulder, Colo.: Westview Press, 1995), p. 159.
15. Parker, p. 22.
16. Joseph A. D'Agostino, "Motherless Russia – Muslims and Chinese Vie For Huge Assets of Dying Nation", *Life Site*, 26 Dec. 2006, <http://www.lifesitenews.com/news/motherless-russia-muslims-and-chinese-vie-for-huge-assets-of-dying-nation> (acesso 5 Nov. 2014); Matthias Schepp, "Change in Russia's Far East: China's Growing Interests in Siberia", *Der Spiegel*, 6 May 2011, <http://www.spiegel.de/international/world/change-in-russia-s-far-east-china-s-growing-interests-in-siberia-a-761033.html> (acesso em 22 Jun. 2014).
17. Ilan Berman, *Implosion: The End of Russia and What it Means for America* (Washington, DC: Regnery Publishing, Inc., 2013), p. 52-65.
18. Thomas Graham, "New U.S. National Military Strategy: The United States sees Russia as an Asian power", *Valdai Discussion Club*, 10 Feb. 2011, <http://valdaiclub.com/opinions/a162532266.html> (acesso em 10 Jul. 2014). Thomas Graham, diretor principal da firma Kissinger Associates, opinou que a estratégia sugeria uma transição da Guerra Contra o Terrorismo, que estava no âmago da política externa e de segurança do Presidente George W. Bush, para um foco maior na ascensão da Ásia; veja, também, Department of Defense, *The National Military Strategy of the United States* (Washington, D.C.: U.S. Department of Defense, 2011), <https://acc.dau.mil/adl/en-US/425505/file/55897/2011%20National%20Military%20Strategy.pdf> (acesso em 5 Nov. 2014).
19. Dmitri Trenin, "Russia Reborn: Reimagining Moscow's Foreign Policy", *Foreign Affairs* (Nov./Dec. 2009): p. 78.
20. Berman, p. 29-30.
21. Michael Mainville, "Islam Thrives as Russia's Population Falls", *Toronto Star*, 3 Dec. 2006, <http://www.imra.org.il/story.php3?id=31875> (acesso 5 Nov. 2014).
22. "Russia reports surge in illegal immigration from Asia", *Indian Express*, 26 May 2010, <http://archive.indianexpress.com/news/russia-reports-surge-in-illegal-migration-from-asia/623952/> (acesso 22 Jun. 2014).
23. Owen Matthews, "The Backlash Against Immigration in Russia", *Newsweek*, 13 Feb. 2009, <http://www.newsweek.com/backlash-against-immigration-russia-82703> (acesso em 5 Nov. 2014).
24. Daniel Pipes, "Muslim Russia?" *The Washington Times*, 20 October 2013, <http://www.washingtontimes.com/news/2013/oct/20/pipes-muslim-russia/> (acesso em 5 Nov. 2014); Mainville; D'Agostino.
25. Berman, p. 27-39.
26. Berman, p. 31-32.
27. Paul Goble, "Moscow's Orthodox Churches Deserted While Streets are Filled with Muslims", *The Interpreter*, 30 Jul. 2014, <http://www.interpretermag.com/moscows-orthodox-churches-deserted-while-streets-are-filled-with-muslims/> (acesso em 5 Nov. 2014). Amparada pelo ressurgimento islâmico, o Conselho de Muftis na Rússia pressionou as autoridades de Moscou a revogarem sua decisão e permitirem a construção de pelo menos uma mesquita em cada uma das dez divisões administrativas da cidade. O Prefeito Sergei Sobyenin resistiu a esse pleito por medo da reação dos moscovitas. Apesar de sua recusa, consta que muitos muçulmanos em Moscou hoje zombam, entre si, do que aconteceu com as igrejas ortodoxas em Constantinopla (hoje denominada Istambul), após ela ser conquistada e transformada em capital do califado.
28. Paul Goble, "Medvedev, Putin Send Contrasting Messages to Russia's Muslims", *Window on Eurasia*, 1 Oct. 2008, <http://windowoneurasia.blogspot.com/2008/10/window-on-eurasia-medvedev-putin-send.html> (acesso 5 Nov. 2014).
29. Michael Blume, "The Reproductive Benefits of Religious Affiliation", in *The Biological Evolution of Religious Mind and Behavior*, eds. Eckart Voland and Wulf Schiefelhövel (New York: Springer, 2009), p. 117-126; Charlie L. Reeve, "Expanding the G-Nexus: Further Evidence Regarding the Relations Among National IQ, Religiosity and National Health Outcomes", *Intelligence*, 37(5) (September-October 2009): p. 495-505.
30. Nicholas Eberstadt, "The Enigma of Russian Mortality", *Current History*, 109 (729) (October 2010): p. 289.
31. Berman, p. 13-26.
32. Eberstadt, p. 291.
33. Berman, p. 39.
34. D'Agostino.
35. Bat Ye'or, *Eurabia: The Euro-Arab Axis* (Madison, NJ: Farleigh Dickinson Press, 2005). A Eurábia é um neologismo criado pela escritora israelense Gisele Littman, sob o pseudônimo Bat Ye'or. Ela alerta que, se o equilíbrio demográfico na Europa mudar para uma maioria muçulmana, o continente se distanciará de suas alianças com os EUA e Israel.
36. Parker, p. 4. Uma organização de direitos humanos baseada em Moscou, Memorial, estima que 15 mil militares russos foram mortos nos conflitos. Veja, também, International Humanitarian Law Pro Bono Project, "Chechnya: Fight for Independence from Russia", <http://www.gistprobono.org/id223.html> (acesso 5 Nov. 2014). O governo russo se mostrou flagrantemente relutante em divulgar o número de baixas ocorridas nas guerras na Tchetchênia. Para obter dados sobre as baixas da Guerra Afegã-Soviética, veja "Did the USSR Win the War in Afghanistan?", *Pravda*, 28 Dec. 2011, http://english.pravda.ru/history/28-12-2011/120105-us-sr_afghanistan-0/ (acesso em 15 Ago. 2014).
37. "Chechen Official Puts Death Toll for 2 Wars at up to 160,000", *New York Times*, 16 Aug. 2005, <http://www.nytimes.com>

[com/2005/08/15/world/europe/15iht-chech.html?_r=0](http://www.nytimes.com/2005/08/15/world/europe/15iht-chech.html?_r=0) (acesso em 5 Nov. 2014). Segundo as estimativas de um relatório não oficial divulgado pelo governo tchetcheno em 2005, o total de mortes nas duas guerras chegou a 160 mil.

38. Berman, p. 43.

39. Yosseff Bodansky, *Chechen Jihad: Al Qaeda's Training Ground and the Next Wave of Terror* (New York: HarperCollins, 2007), p. 2.

40. Berman, p. 44.

41. Barak Mendelsohn, *Combating Jihadism: American Hegemony and Interstate Cooperation in the War on Terrorism* (Chicago and London: The University of Chicago Press, 2009), p. 191.

42. Bodansky, p. 175. A política norte-americana em relação aos separatistas parece destinar-se a enfraquecer o poder da Rússia na região, para que empresas ocidentais possam levar adiante o plano de construir o oleoduto Baku-Tblisi-Ceyhan, que atravessa a região do Cáucaso. O oleoduto tornaria a Europa menos dependente dos produtos energéticos da Rússia, além de gerar enorme receita para companhias petrolíferas ocidentais. Com efeito, os governos dos EUA, Rússia e China consideraram, seriamente, o Afeganistão, como um possível local para a construção de oleodutos. O jornalista Ahmed Rashid batizou o empreendimento de "Novo Grande Jogo". Segundo uma de suas reportagens, o governo Clinton buscou auxiliar uma firma norte-americana, a Unocal, em seu esforço de construir um oleoduto para transportar gás através do Turcomenistão, Afeganistão e Paquistão. O serviço de Inteligência paquistanês instou os EUA a apoiarem o Talibã, na medida em que isso facilitaria o projeto da Unocal. Entretanto, a política interna dos EUA interferiu imediatamente, conforme a situação das mulheres afegãs foi adotada como uma das causas entre as feministas e as liberais famosas de Hollywood. Naquela época, o então Vice-Presidente Al Gore se preocupava em angariar o apoio desses eleitorados nas eleições presidenciais. Além disso, a contínua moderação do governo no Irã fez com que uma parceria com o país se tornasse mais atraente. Em consequência, a política norte-americana ficou mais restrita em relação ao Talibã. Veja, também, Ahmed Rashid, *Taliban* (New Haven, CT: Yale Nota Bene, 2001), p. 156-177.

43. Wayne Madsen, "The Ties That Bind Washington to Chechen Terrorists", *Strategic Culture Foundation*, 26 Apr. 2013, <http://www.strategic-culture.org/news/2013/04/26/the-ties-that-bind-washington-to-chechen-terrorists.html> (acesso 10 Jan. 2014). Em fevereiro de 2014, McFaul anunciou que estava se afastando do cargo. Durante seu mandato como embaixador, entrou em choque, muitas vezes, com o Kremlin. Veja também, "US Ambassador to Russia to leave after two years", *Yahoo News*, 4 Feb. 2014, <http://www.thehindu.com/todays-paper/tp-international/outspoken-us-ambassador-to-russia-to-leave-after-two-years/article5655402>. [ece](http://www.thehindu.com/todays-paper/tp-international/outspoken-us-ambassador-to-russia-to-leave-after-two-years/article5655402) (acesso 12 Jun. 2014); Michael McFaul e Kathryn Stoner-Weiss, "The Myth of the Authoritarian Model: How Putin's Crackdown Holds Russia Back", *Foreign Affairs* (January/February 2008). Em 2008, em colaboração com Kathryn Stoner-Weiss, McFaul escreveu um artigo para a influente revista *Foreign Affairs*, no qual ele lançou dúvidas sobre a viabilidade da Rússia de Putin. Os autores atribuíram o crescimento econômico que coincidiu com o mandato de Putin à alta de preços do petróleo e criticaram o recuo da democracia por Putin na Rússia, incluindo seu controle cada vez maior sobre a mídia. Confira o relato de McFaul sobre seu mandato como embaixador em David Remnick, "Watching the Eclipse",

The New Yorker, 11 Aug. 2014, <http://www.newyorker.com/magazine/2014/08/11/watching-eclipse> (acesso em 5 Nov. 2014).

44. Edward Lucas, *The New Cold War: Putin's Russia and the Threat to the West* (New York: Palgrave/Macmillan, 2008), p. 202.

45. *Ibid.*

46. Pipes.

47. Paul J. Sanders, "Putin's Muslim family values" *Al Monitor*, 29 May 2014, <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/05/russia-putin-values-based-diplomacy-muslim-world.html> (acesso 5 Nov. 2014).

48. Lucas, p. 203.

49. Julian Schofield, *Strategic Nuclear Sharing* (New York: Palgrave/Macmillan, 2014), p. 118-119.

50. Parker, p. 24-25. Essa análise é de Yevgeny Satanovsky, chefe do Instituto do Oriente Próximo, em Moscou.

51. Michael Kort, *The Soviet Colossus: History and Aftermath* (Armonk, NY: M.E. Sharpe, Inc., 2010), 449; see also, Christopher True, "Ghost Villages' Haunt Russian Vote", *Al-Jazeera*, 2 Mar. 2012, <http://www.aljazeera.com/indepth/spotlight/russianelections/2012/03/20123272311679897.html> (acesso em 5 Nov. 2014).

52. Masha Gessen, *The Man Without a Face: The Unlikely Rise of Vladimir Putin* (New York: Riverhead Books, 2012).

53. Lucas, p. 53; Gessen, p. 177-197.

54. Crowley e Shuster, p. 33.

55. United Press International, "Gorbachev Named Least Popular Russia Leader", 2 Feb. 2012, http://www.upi.com/Top_News/World-News/2012/02/02/Gorbachev-named-least-popular-Russia-leader/UPI-27121328208913/ (acesso em 5 Nov. 2014). Em uma enquête realizada pela mídia estatal russa, no início de 2012, Mikhail Gorbachev e Boris Yeltsin foram identificados como os dois dirigentes menos populares do século passado. Em contrapartida, 61% dos respondentes russos descreveram as políticas de Putin durante seus dois mandatos como sendo "geralmente positivas".

56. Berman, p. 107.

57. Alexander Solzhenitsyn, *The Russian Question at the End of the Twentieth Century* (New York: Farrar Straus & Giroux, 1995).

58. Berman, p. 108.

59. Alexander Dugin, *The Fourth Political Theory* (London: Arktos, 2012).

60. James D. Heiser, "The American Empire Should be Destroyed", *Aleksander Dugin and the Perils of Immanentized Eschatology* (Malone, TX: Repristination Press, 2014), p. 77

61. *Ibid.*, p. 96.

62. Russell, p. 53.

63. Site do governo ucraniano, <http://ukrcensus.gov.ua/eng/> (acesso em 7 Ago. 2014). Os russos étnicos compõem cerca de 17% da população na Ucrânia. Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations: Remaking of World Order* (New York: Touchstone, 1996), p. 164. Como observou Huntington, a Belarus "faz parte da Rússia em tudo, menos no nome." O Presidente bielorrusso Alyaksandr Lukashenka uma vez sugeriu fundir seu país à Rússia, para formar uma união, embora tenha, posteriormente, abandonado essa posição, em parte, por causa das afrontas públicas de Putin; Lucas, p. 133-134 e p. 147. Anteriormente, candidatos pró-Moscou conquistaram enormes vitórias em eleições regionais na Crimeia.

64. Parker, p. 14-15. Em 2009, o orçamento militar da Rússia

era de US\$ 61 bilhões, o que o coloca abaixo de várias outras nações, incluindo os EUA (US\$ 663 bilhões), China (US\$ 98,8 bilhões), Grã-Bretanha (\$69,3 bilhões) e França (US\$ 67,3 bilhões).

65. Dale R. Herspring, "Is Military Reform in Russia for 'Real'? Yes, But...," in *The Russian Military Today and Tomorrow: Essays in Memory of Marty Fitzgerald*, eds. Stephen J. Blank and Richard Weitz (Carlisle Barracks, PA: U.S. Army War College, July 2010), p. 151, <http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/pub997.pdf> (acesso em 5 Nov. 2014); Pavel K. Baev, "Russian Military Perestroika", Center on the United States and Europe at Brookings, U.S.–Europe Analysis Series Number 45 (29 Apr. 2010), p. 3, http://www.brookings.edu/~media/research/files/papers/2010/4/29%20russia%20military%20baev/0429_russia_military_baev.pdf (acesso em 5 Nov. 2014).

66. Graham, p. 55.

67. Dmitri Trenin, "Russian Perspectives on the Global Elimination of Nuclear Weapons", in *Unblocking the Road to Zero: Russia and the United States*, ed. Barry Blechman (Washington, D.C.: Henry L. Stimson Center, 2009), p. 6.

68. Parker, p. 17.

69. Federation of American Scientists, *Status of World Nuclear Forces*, <http://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/> (acesso em 5 Nov. 2014). Segundo a Federação de Cientistas Norte-Americanos, em 2014, o arsenal nuclear total dos EUA inclui 7.315 ogivas, das quais 1.920 são armas estratégicas operacionais. No caso da Rússia, os totais são de 8.000 e 1.600, respectivamente. Apesar desses números consideráveis, eles representam uma redução significativa das quantidades máximas de cerca de 32 mil e 45 mil ogivas nucleares de Washington e Moscou, respectivamente, durante a Guerra Fria; see also Amy F. Woolf, *The New START Treaty: Central Limits and Key Provisions* (Washington, D.C.: Congressional Research Service, 8 Apr. 2014), <http://fas.org/sgp/crs/nuke/R41219.pdf> (acesso em 5 Nov. 2014). Desde o fim da Guerra Fria, Washington e Moscou celebraram uma série de pactos de controle de armas, sendo o mais recente o New START, ratificado no início de 2011. Segundo as disposições do pacto, tanto os EUA quanto a Rússia reduzirão suas armas nucleares estratégicas empregadas operacionalmente para 1.550 ogivas.

70. Joseph Cirincione, *Bomb Scare: The History and Future of Nuclear Weapons* (New York: Columbia University Press, 2008),

p. 96-97. Em 1995, por exemplo, as tropas russas confundiram um foguete meteorológico norueguês com um míssil balístico lançado por submarino norte-americano, o que levou o Presidente Boris Yeltsin a abrir a "mala nuclear" pela primeira vez na era nuclear.

71. William Pfaff, "A Real Risk of War", *Chicago Tribune*, 6 May 2014, http://articles.chicagotribune.com/2014-05-06/opinion/sns-201405061600--tms--wpfafftr--v-a20140506-20140506_1_president-putin-crimea-war (acesso em 5 Nov. 2014). Kerry chegou a descrever os russos como "brutamontes" e chamou de "mentiroso" o Ministro de Relações Exteriores da Rússia.

72. Miguel Francis, "Western Experts Continue to View Russia Negatively Instead of Being Worried about Muslim Extremism – Expert", *The Voice of Russia*, 28 Oct. 2013, http://voiceofrussia.com/2013_10_28/Western-experts-continue-to-view-Russia-negatively-instead-of-being-worried-about-Muslim-extremism-expert-9270/ (acesso em 4 Ago. 2014).

73. David Paul, "Xi and Putin Playing Dangerous Games to Mask Domestic Problems", *The Huffington Post*, 12 May 2014, http://www.huffingtonpost.com/david-paul/xi-and-putin-playing-dan-g_b_5307549.html (acesso em 5 Nov. 2014).

74. Charles A. Kupchan, "Why Russia Should Join the Atlantic Alliance" *Foreign Affairs*, (May/June 2010): p. 100-112. Kupchan chegou a propor a inclusão da Rússia na OTAN. Isso revitalizaria a conexão transatlântica ao transformar a Europa no parceiro geopolítico mais forte, que os EUA buscam com urgência, o que é importante quando se considera a lentidão da União Europeia em questões de defesa. A entrada da Rússia possibilitaria a adesão de países como a Geórgia e a Ucrânia, sem que isso provocasse uma crise com Moscou. As linhas divisórias e a concorrência entre eles desapareceriam.

75. Alison Smale e Michael D. Shear, "Russia Is Ousted From Group of 8 by U.S. and Allies", *The New York Times*, 24 March 2014, http://www.nytimes.com/2014/03/25/world/europe/obama-russia-crimea.html?_r=0 (acesso em 5 Nov. 2014). A Rússia foi expulsa do G8 em março de 2014, em consequência de sua incursão na Crimeia.

76. Kupchan, p. 101.

77. Thomas P.M. Barnett, *Great Powers: America and the World after Bush* (New York: G.P. Putnam's Sons, 2009), p. 230.

78. Parker, p. 1.

Desafios à Defesa Nacional no Mundo Contemporâneo

Cel (R1) Reinaldo Nonato de Oliveira Lima, Exército Brasileiro

Este artigo foi publicado anteriormente em Doutrina Militar Terrestre em Revista (Outubro a Dezembro/2013).

“Não há no horizonte nem paz nem prosperidade”

—Jaime Klintowitz, Editor-executivo da REVISTA VEJA, in “O mais duro dos testes: a realidade”; Ed.2086

A defesa nacional, função do Estado e direito fundamental de um povo, deve ser entendida como um conjunto de ações e medidas

concretas que visem a assegurar a integridade territorial, a soberania nacional e os interesses vitais de uma nação.

Embora constitua parcela expressiva da segurança nacional — esta, de concepção mais ampla e de natureza sensorial —, a defesa não se processa por meio de retórica ou de rompantes.

No cerne de sua concretude, dois aspectos devem ser ressaltados: o envolvimento da sociedade; e o conjunto de ações e medidas efetivas.



Patriotismo e civismo nas atividades militares

Foto: Arquivos CCOMSEx

O envolvimento da sociedade significa que, em tese, todos os cidadãos (no nosso caso, todos os brasileiros) devem, de uma forma ou de outra, estar comprometidos com a temática da defesa, em que pese serem a direção política do Estado e as Forças Armadas os segmentos sociais protagonistas dessa atividade.

A sociedade, por não poder prescindir de segurança para desfrutar de progresso e bem-estar, deveria estimular, nas autoridades, a implementação das medidas que convergem para uma real capacidade de defesa, expressa tanto pelas Forças Armadas quanto pelas entidades civis envolvidas nessa tarefa. Essas medidas deveriam inserir-se no rol das mais expressivas aspirações sociais. Também para isso, a sociedade delega poderes aos seus representantes.

O conjunto de ações e medidas concretas traduz-se, dentre tantas, por: formulação de políticas e estratégias de defesa; manutenção da solidez institucional; alocação de recursos financeiros condizentes com as necessidades de defesa do País; planejamento conjunto da defesa, envolvendo todos os níveis institucionais; preparo e equipamento adequados das Forças Armadas; construção e manutenção de uma base industrial de defesa; implementação de um sistema eficiente de mobilização nacional; estímulo a pesquisa e desenvolvimento científicos; enfim, por uma extensa gama de providências que cada campo ou expressão do poder nacional deve conhecer e adotar em prol da Defesa Nacional.

A emoldurar esse complexo, destaca-se, também como medida concreta, a orientação dos cidadãos, pela educação, sobre a imprescindibilidade da existência de um aparato nacional de defesa, de modo que a sociedade possa apoiar sua construção e reclamar das autoridades competentes a devida atenção para esse aspecto tão significativo da vida nacional.

Em síntese, Defesa é ação contínua e não conjunto de medidas esporádicas e parciais. É preciso insistir na assertiva de que ela não se implementa da noite para o dia, lembrando-se de que segurança angaria atrativos econômicos e estabilidade e, nesse rastro, bem-estar social.

Aspectos geopolíticos da contemporaneidade

Estamos, hoje, diante de um ordenamento mundial em que se destaca uma única superpotência — os Estados Unidos da América (EUA) —, com

presença militar em várias regiões estratégicas do Globo e no espaço sideral, disposta a defender, por quaisquer meios, seus interesses nacionais. Uma nação respeitável, pelo nível de desenvolvimento que atingiu e pela estatura geopolítica que adquiriu, mas que, por atitudes consideradas por alguns como “imperialistas”, “belicistas” ou “arrogantes”, vem angariando crescente oposição, particularmente da parte do mundo islâmico e da região pós-soviética¹. Esse sentimento generalizado, as decisões estratégicas de realizar intervenções militares em países alegadamente suspeitos de abrigar o terrorismo ou de proliferar armas de ampla letalidade, a debacle de seu sistema financeiro — com reflexos mundiais —, a par do surgimento de novas potências econômicas são fatores que estão a contribuir para o declínio do prestígio e até do poderio norte-americano, levando à perspectiva de um possível “vazio de poder”, que, por sua vez, poderá implicar nova bipolarização ou multipolarização no Mundo. Paul Krugman — professor na Universidade de Princeton, recentemente agraciado com o Prêmio Nobel de Economia — chegou a afirmar que “os Estados Unidos não são mais o motor da economia mundial”, conforme publicado em sua obra intitulada “A desintegração americana — EUA perdem o rumo no século XXI”.

Essa possibilidade de vazio constitui, por si só, um desafio a ser considerado para o futuro próximo, com prováveis reflexos particularmente na estratégia da aliança adotada pela maioria dos países.

Corroborando essa perspectiva, o professor Couteau-Bégarie, da Sorbonne, declarou que “o século XXI será policêntrico, com diferentes polos de poder, numa mistura permanente de cooperação forçada devido ao comércio e às rivalidades”.

Em segundo plano, encontram-se quatro potências nuclearmente armadas — Reino Unido, França, Rússia e China — que, embora com menor capacidade dissuasória do que os EUA, detêm, ao lado deste país, assento permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CS/ONU) e, como tal, emergem ao lado da superpotência como co-partícipes na condução ou na indução dos destinos do Mundo. Sob esse *status*, apresentaram-se normalmente como aliados entre si e contrários à pretendida permanência de outras nações no citado conselho, em flagrante demonstração de

um insensato “corporativismo”. Ou seja, o CS/ONU continua, na realidade do século XXI, com a mesma postura de meados do século passado, quando instituída a Organização após o término da II Guerra Mundial.

Ainda nesse bloco, embora sem assento permanente no Conselho, incluem-se Alemanha, Japão e Itália como potências equivalentes às citadas, além de outras.

Em um terceiro plano, podem ser enquadradas as nações ditas “emergentes” — o que, em termos claros, quer dizer “de menor porte” ou “aspirantes a potências” —, que também têm como objetivo nacional tornarem-se atores relevantes no contexto internacional, de modo a reunir condições de defender com mais consistência seus interesses nacionais. Via de regra, são possuidoras de consideráveis reservas de recursos naturais (muitos dos quais essenciais à sobrevivência humana) e de variado potencial energético, o que as torna alvos de interesse econômico por parte das principais potências. Esta condição, qual seja, a de “celeiros de bens vitais passíveis de serem requisitados no futuro”, estimula as potências de primeira linha a propugnar pelo cerceamento do desenvolvimento desses emergentes, particularmente de seu poderio bélico, uma vez que um aparato militar realmente dissuasório servirá, mais adiante, de obstáculo à implementação de possíveis ações no sentido de se apossar dos referidos bens para atender às respectivas necessidades nacionais.

Dessa sutil pretensão, possivelmente emergiram as hoje propaladas concepções de “interesse humanitário”, “patrimônio da humanidade”, “soberania relativa”, “fronteiras flexíveis”, exploradas intensivamente pelas potências para serem aplicadas em territórios alheios, não nos próprios. Inclusive a doutrina de “responsabilidade de proteger” cultivada na cúpula da ONU pode estar em sintonia com essas concepções.²

Nesse patamar de posicionamento, destaca-se, dentre outras nações, o Brasil, por seu expressivo patrimônio natural, seu potencial energético, seu rico subsolo, sua base física de dimensões continentais e por suas possibilidades de amplo crescimento socioeconômico.

Finalmente, há aqueles países sem maior expressão, que dificilmente encontram eco mundial para

suas reivindicações, que vivem às voltas com dissensos internos de vários matizes, assolados, muitas vezes, por conflitos sociais graves e por endemias, que nem chegam a desfraldar a bandeira da esperança por dias melhores...

Em síntese, pode-se afirmar que, no concerto das nações, sejam quais forem seus *status*, ainda prevalece o irrefutável princípio de se priorizar os próprios interesses e valores nacionais, mesmo diante da assimetria de poderes.

Assim, pautar o relacionamento externo por devaneios ideológicos, radicalismo cultural, lastros de amizade pessoal ou por conveniências políticas de governantes em detrimento de elevados interesses nacionais poderá redundar em erro estratégico irreparável ou de difícil reparação, como, por exemplo, a falta de visão para identificar oportunidades e riscos para o país. O fato concreto é que o mundo tem assistido a constantes e repentinas transformações geopolíticas que ora favorecem ora se antepõem aos interesses nacionais. Transformações essas que nenhum estudo prospectivo, nenhum cenário tem conseguido prenunciar.

Não é por mero diletantismo que o Prof Martin Von Creveld — PhD na London School of Economics and Political Science — declarou:

É claro que ninguém pode afirmar honestamente como será o mundo em 2025; além disso, o que acontecer até lá não acontecerá da mesma forma nem no mesmo ritmo, nas diferentes partes do mundo.

A endossar essa assertiva, encontra-se Nassim Taleb — doutor em Probabilidades pela Universidade de Paris e professor de Ciência das Incertezas na Universidade de New York —, quando afirma:

Na falta de uma previsão confiável, melhor não usar nenhuma. Está claro que as pessoas devem fugir do excesso de planejamento apoiado em cenários. O problema é que os governos adoram essas previsões e constroem suas políticas baseadas nelas. Mas, em um mundo tão complexo como o atual, são muitos os eventos inesperados e estes passam invisíveis aos olhos das estatísticas. Tais situações, impossíveis de serem previstas, podem ter um enorme impacto na vida das pessoas, não apenas em economia.



As operações interagências são um exemplo de coordenação de esforços para atingir os objetivos da defesa nacional.

Um exemplo oportuno de inconsistência dessa base de cenários, encontra-se na declaração do ex-presidente do Federal Reserve (Fed) — Alan Greenspan — ao declarar, sobre a recente crise financeira gerada nos EUA:

É exatamente por isso que fiquei chocado, pois acompanho 40 anos ou mais de evidências bastante significativas de que o modelo em vigor estava funcionando excepcionalmente bem.

Para concluir a presente consideração, recorro, mais uma vez, ao Prof Couteau-Bégarie:

O sistema mundial no século XXI é por demasiado complexo para que seja possível dizer com certeza quais serão as suas grandes linhas de força.

Como corolário das mencionadas transformações, as fronteiras físicas dos países já demonstram tendência a se tornar mais porosas, e o espaço geográfico abre as portas para a “transnacionalização” da produção e dos fluxos financeiros, a intensificação do comércio internacional, a aceleração dos transportes e a prestação das informações.

No rol de interesses nacionais, despontam as relações econômico-financeiras entre os países, cada

vez mais consolidadas e interdependentes, verdadeiras molas mestras a impulsionar a dinâmica desses relacionamentos.

Hoje, novos polos econômicos têm surgido ao redor do Mundo, fazendo crer que se encontra em evolução um novo equilíbrio de poder econômico. Como exemplo, pode-se citar o expressivo crescimento dos países ditos “emergentes”, alguns inclusive com destacada inserção financeira e comercial nas economias das principais potências. Outro exemplo que pode induzir a esse reequilíbrio são as periódicas crises econômico-financeiras que têm abalado o Mundo.

Esse fenômeno tem provocado a celebração de novas alianças entre países, a formação dos mais distintos blocos, não mais com base em identidades ideológicas como no cenário da Guerra Fria, mas nitidamente orientados segundo os mencionados interesses nacionais, atuais e futuros, explícitos ou implícitos, e não apenas na área econômica.

Nos dias atuais, é praticamente consenso entre as nações que a solução dos complexos e disseminados problemas que assombram a humanidade perpassa por ações conjuntas dos Estados nacionais, e mesmo de agentes não estatais, desestimulando



O radar Saber e o blindado Guarani são exemplos de materiais de defesa desenvolvidos e fabricados pela indústria brasileira.

atitudes unilaterais. Esse consenso vai ao encontro da debatida necessidade de se reformular o Conselho de Segurança da ONU, cuja composição decisória encontra-se estagnada segundo a conjuntura de meados do século passado, conforme já assinalado neste artigo.

No encadeamento dos problemas contemporâneos, inserem-se as mais diversificadas ameaças, como terrorismo, narcotráfico, aquecimento global, degradação ambiental, escassez de alimentos, movimentos migratórios, radicalismos étnico-religiosos, aumento da pobreza, genocídios, corrupção institucionalizada, potencialização de reivindicações de minorias sociais, revisionismos históricos como forma de contestação, dentre outras, constituindo óbices à plena consecução do almejado bem-estar social, pois fraturam a sociedade.

A par desse rol de aspectos negativos, que não constituem objeto deste artigo, não se pode ignorar a ameaça “fantasma”, que está em todo lugar e em lugar nenhum, denominada “incerteza do futuro”, posto que este já não se pode mais conceituar como extensão do presente. Aliás, o futuro é de quem se move com agilidade, de quem se antecipa. No mundo

contemporâneo, crivado de incógnitas, não há mais tempo para retóricas e protelações; ou se faz ou se deixa de fazer. “Simples” assim!

Um aspecto também relevante no mundo de hoje é a assimetria tecnológica, área de interesse prioritário para todas as nações por constituir condição imprescindível para a sobrevivência nacional. Nações que não se desenvolverem tecnologicamente estarão condenadas a colher as “migalhas” cedidas pelos senhores do conhecimento e do saber fazer, bem como a viver marginalizadas *ad aeternum*. A corrida tecnológica é cada vez mais acelerada, e o país que não estiver inserido no estado da arte dificilmente será considerado em sua expressão soberana.

Outra consequência (ou causa?) dessa “nova ordem” vigente tem sido a crescente afluência de atores não estatais a compartilhar decisões e ações com os Estados, imprimindo, assim, nova feição à governança mundial.

A conjunção de tantas transformações tem levado até mesmo a especulações sobre o fim dos Estados nacionais, o que, de antemão, parece-nos utópico.

Essa simbiose das mais intrincadas variáveis no contexto mundial, sob o manto da propagação instantânea

de crises econômico-financeiras, que, por sinal, começam a proliferar, dá margem a uma grande questão no momento: que mundo emergirá desse “imbroglio”?

Aí está mais uma instigante incógnita do mundo contemporâneo.

Desafios à Defesa Nacional

Não se pretende aqui realizar a abordagem daqueles desafios sobejamente explorados pelos estudiosos e analistas, particularmente os que se referem às citadas “novas ameaças”.

Antes, sim, aqueles que se apresentam de maneira velada, sutis, disseminados nos meandros da aparente normalidade do relacionamento entre Estados e destes com seus cidadãos.

Antes, porém, é conveniente deixar nítida a ideia de que os propósitos da Defesa, em sua quase totalidade, demandam longo prazo de preparação para serem alcançados. Assim, quanto mais cedo começam a ser implementadas as ações nesse sentido mais prudente terá sido a decisão política. É muito simples afirmar-se que a Defesa Nacional necessita desta ou daquela providência. Mas, o que se tem visto até então no País são medidas paliativas, que mascaram vulnerabilidades. É vital para a Nação que realmente se dê um primeiro passo consistente, que seja seguido por outros tantos, sob pena de se cair no vazio. A descontinuidade é fatal para fazer morrer qualquer empreendimento, muito mais em se tratando de Defesa Nacional.



A defesa nacional deve ser tratada pelo poder nacional em todas as suas expressões.

Como primeira consideração, é imprescindível que a Defesa Nacional se assente sobre uma real capacidade dissuasória, que realmente convença o agressor a não consumir seu intento. Nenhuma defesa é mais eficaz do que aquela que assegura a um país a faculdade de evitar que ele seja alvo de uma agressão armada e de ter respeitados seus legítimos interesses. Em outras palavras, dissuasão como capacidade de resguardar o país do envolvimento em uma guerra ou em um conflito armado.

A dissuasão, muitas vezes entendida apenas pelo aparato bélico do Estado, encerra múltiplos ingredientes nem sempre visíveis e até bastante diferenciados entre si, compondo, entretanto, um todo com a mesma finalidade.

Ao longo deste tópico, serão abordados alguns dos aspectos que mais contribuem para uma real capacidade dissuasória, além do aparato militar, que é o principal.

Sob esse enfoque, um dos mais complexos desafios a se enfrentar, para se conformar na plenitude a Defesa Nacional, é a imprescindível “conscientização da sociedade” sobre a importância dessa atividade. Pretender, segundo algumas propostas, que a comunidade nacional entenda da noite para o dia a significância da defesa para a vida do País, particularmente em um contexto de ameaças não evidentes, é uma forma simplista de defrontar esse desafio. Ainda mais quando outras prioridades



Constitucionalmente, as Forças Armadas destinam-se à garantia da lei e da ordem.

sociais estão a reclamar atenção e atitudes urgentes dos governantes.

Essa conscientização é objetivo de longo prazo. Faz-se muito mais por meio da educação, principalmente a fundamental, do que por estratégias de marketing. Este é um dos aspectos que a escola, em sua nobre missão de formar o cidadão, não pode relegar. O que se vê hoje é que valores patrióticos, especialmente os relacionados com defesa, simplesmente não são considerados no dia a dia dos alunos, salvo raríssimas exceções.

Ainda no quadro de conscientização social, depara-se, no Brasil, já de algum tempo, com a barreira representada pela aversão às Forças Armadas, erigida



por falta de visão estratégica ou por razões pessoais, tanto da parte de autoridades quanto de pessoas em funções-chave do Estado. Depara-se até com a idiotia de se questionar a existência ou a necessidade do braço armado do poder nacional, fato agravado por propostas estapafúrdias como a de transformação das Forças Armadas em “milícia nacional”.

Talvez esse desafio tenha origem em um retrógrado amálgama ideológico proveniente de concepções reconhecidamente incompatíveis com a tradição e a cultura nacionais; ou, por outra, seja decorrente da falácia de que “o País situa-se em região pacífica, desnuclearizada, sem a eclosão de conflitos consideráveis”. De qualquer forma, trata-se de concepções que apostam na divisão, não na soma. Porém, essa realidade do agora não deve substituir a incerteza do amanhã e, muito menos, traduzir-se em letargia nas questões de defesa. No mundo de rivalidades, ambiguidades e divergências em que hoje se vive, não há região que se possa assegurar como imune a conflitos armados.

Prosseguindo nas considerações sobre a capacidade dissuasória do País, há que se construir uma consistente base industrial de defesa (BID)³, em que se processe o desenvolvimento de tecnologias eminentemente nacionais, sem, é claro, arroubos xenofóbicos.

O desafio representado pela construção dessa base, imprescindível para a Defesa Nacional, somente será sobrepujado se for implementada uma política governamental nítida, que assegure recursos compatíveis para pesquisa e desenvolvimento tecnológicos, a par de estímulos às indústrias participantes, seja pela isenção ou tributação especial seja pela garantia de aquisição pelas Forças e de exportação para parceiros comerciais.

Mas, aqui, depara-se com um desafio de outra natureza, um desafio entremeado por outro desafio. Trata-se da reação internacional oriunda de potências que exercem cerrado controle sobre a produção e o comércio internacional de implementos bélicos. O argumento normalmente aludido por elas reside no “interesse humanitário” de se evitar a propagação de conflitos armados ou o risco de que armas poderosas caiam em mãos do terrorismo internacional ou de governos inescrupulosos. Falácia ou não, o que se observa é que essa reação se deve muito

mais ao surgimento de novos concorrentes capazes de prejudicar os negócios dos tradicionais e poderosos fornecedores. Chegam mesmo a propor aos países interessados em desenvolver sua indústria de material de defesa que renunciem a esse intento e deixem que sua defesa nacional seja assegurada pelas potências “aliadas”. Sugerem elas que seria “mais interessante que os governos economizassem gastos com forças armadas encarregando-as de combater delitos transnacionais”. A somar-se a esse questionamento dos poderosos, encontra-se a figura da “espionagem industrial”, com o duplo propósito de copiar conhecimentos tecnológicos ou de frustrar seu desenvolvimento.

A dissuasão não prescinde do domínio da tecnologia nuclear, ainda que direcionada para fins pacíficos ou como fonte energética. Porém, este é outro desafio para a Defesa Nacional, pois as contestações, internas e externas, são as mais enfáticas possíveis, até porque as potências mundiais, por meio de entidades fiscais por elas mantidas, estão exercendo controle cada vez mais rígido sobre os países com capacidade de desenvolver essa tecnologia. A bandeira desfraldada é sempre a mesma — “salvar a humanidade de uma hecatombe nuclear”. Isto seria verdadeiro e convincente caso todos os países detentores desativassem de vez e unanimemente seus artefatos nucleares. Desta forma, o exemplo agregaria legitimidade e caráter impositivo. Um dos aspectos importantes nessa área é que o País não assine termos aditivos aos tratados anteriormente ratificados, a permanecer a atual assimetria entre os armados e os desarmados.

Como superar tais desafios é uma questão de criatividade estratégica, que passa pela afirmação da soberania nacional, pelos princípios da não intervenção e da reciprocidade e, se necessário, até mesmo pela política do fato consumado...

Outro óbice, que se tem mostrado persistente no País e, em consequência, responsável pelo sucateamento das Forças Armadas, reside na insuficiente alocação de recursos financeiros para a área da Defesa, a par de constantes contingenciamentos.

Por razão de Estado, não faz sentido tomar como referencial para essa alocação as “possibilidades [financeiras] do País”. Estas são contabilmente fluidas, posto que passíveis de variações e subjugadas aos “humores” de cada governo em cada conjuntura.

Esse referencial não pode servir de parâmetro oficial para se atender a uma questão de tamanha magnitude como a Defesa Nacional. O referencial que nos parece mais sensato e correto são as “necessidades de defesa do País”, estas, sim, mensuráveis, coerentes e adequadas a compor parcela do orçamento da União, ainda que as Forças Armadas sejam aqui-nhoadas conjunturalmente, nunca permanentemente, de acordo com as possibilidades do País. Convém insistir: o referencial legítimo para se desenvolver e manter o braço armado da Nação devem ser suas necessidades de defesa, precisamente catalogadas e de exato conhecimento do Ministério da Defesa e das Forças Armadas.

Outro aspecto a se considerar nesse particular é entender-se a alocação de recursos para a Defesa como investimento social e não como custeio da “máquina pública”. Afinal, a defesa está intimamente atrelada ao bem-estar social, além de constituir o seguro da Nação e fator imprescindível para o desenvolvimento nacional.

Mais um desafio não muito evidente e que também parece resultante de percepção equivocada é o planejamento estratégico da Defesa apoiado em técnicas de cenários prospectivos, particularmente de médio e longo prazos. Esse tipo de planejamento, basicamente resultante da aplicação de modelos matemáticos a situações subjetivas, poderá refletir visões surrealistas sobre o futuro das Forças Armadas, principalmente em termos de estruturação e equipamentos. Em outras palavras, essa “base de planejamento” não se mostra com a necessária consistência para assegurar que as medidas decorrentes a serem implementadas estarão consentâneas com as adversidades a enfrentar no futuro.

Data venia, o sensato seria esse planejamento assentar-se sobre dois pilares:

- ♦ o vulto do que se tem que defender e suas vulnerabilidades; e
- ♦ a incerteza das ameaças a que o País está sujeito no mundo contemporâneo.

O primeiro pilar vai conduzir às já aludidas necessidades de defesa. Basta uma sucinta análise da amplitude do que significa a missão constitucional de defender a Pátria, a par das demais incumbências legais atribuídas ao aparato defensivo, para se compreender sua magnitude.

Quanto às vulnerabilidades, ou seja, aquelas deficiências que podem ser aproveitadas por forças adversas para enfraquecer o poder nacional ou o sistema defensivo do País, elas também concorrem para orientar o planejamento estratégico da Defesa, uma vez que sua eliminação coaduna-se com as necessidades de defesa.

O segundo pilar traduz, basicamente, a imposição de o País ter que dispor de Forças Armadas altamente adestradas, equipadas com o que houver no ou próximo do estado da arte e dotadas de elevada flexibilidade. Em outras palavras, as Forças Armadas, daqui para o futuro, precisam estar capacitadas a enfrentar com eficácia as mais imponderáveis e inusitadas ameaças, mesmo que não se vislumbre sua concretização. Caso contrário, acentua-se a vulnerabilidade de não estarem plenamente capacitadas a atender aos ditames constitucionais que lhes estão afetos.

Também como desafio para a Defesa Nacional, certamente mais visível que outros, já que vem

ocupando a pauta de discussões sociais nos últimos tempos, é o emprego ordinário das Forças Armadas em ações de Segurança Pública.

Constitucionalmente, essa possibilidade já se encontra perfeitamente definida, ou seja, quando reconhecidas esgotadas as capacidades das forças policiais e, neste caso, o emprego se dará sob condições específicas previamente estabelecidas em lei.

O emprego sistemático das Forças Armadas como polícia desvirtua-lhes a essência de “máquina de guerra” que devem ser, submetidas a atuações incompatíveis com seu armamento (pesado), fator que pode até impedir-lhes uma ação mais eficaz, além de se traduzir em desprestígio para as próprias organizações policiais, que passariam a ser vistas como incapazes de cumprir suas missões ou mesmo como desnecessárias. O que não é o caso.

Esse desafio pode ser eliminado mediante o esclarecimento à sociedade sobre a impropriedade de tal emprego, a par de se retirar o tema da pauta de



O esforço civil-militar é fundamental para a defesa nacional.



As Forças Armadas são empregadas em operações de pacificação.

discussões governamentais por não atender aos interesses da Defesa Nacional nem da Segurança Pública.

No ordenamento internacional dos tempos atuais, já se vislumbram reações a uma maior projeção do Brasil no contexto das nações, até mesmo da parte de vizinhos que se afirmam aliados, caracterizando mais um óbice aos interesses nacionais.

Daí, pode-se inferir que, quanto maior for o protagonismo do País, quanto mais solicitado for

a participar de decisões com repercussão mundial, mais garantia de autodefesa ele deverá possuir.

Nesse particular, reacende-se a importância da capacidade dissuasória, tanto para respaldar a voz ativa da Nação nos foros internacionais quanto para desvanecer intenções hostis à integridade patrimonial e aos interesses nacionais. E como o Brasil se encontra em trajetória ascendente no contexto mundial, não é sensato consentir que ele permaneça



no incongruente patamar de autodefesa em que se encontra no momento.

O mundo contemporâneo, em relação ao passado recente, é outro bastante distinto, particularmente em decorrência do célere desenvolvimento tecnológico, a exemplo das telecomunicações e da rede mundial de computadores.

A propósito, o Prof Couteau-Bégarie descreve a guerra atual como uma “confrontação tecnológica

de muito elevada intensidade, no espaço, com armas guiadas com precisão, sobre um campo digitalizado, com uso intensivo de novas técnicas de comunicação”.

O espectro eletromagnético, que facilita e agiliza sobremaneira as comunicações na atualidade, é passível das mais variadas interferências, o que lhe retira qualquer garantia de sigilo ou de integridade. Há evidências de que “hackers” trabalham no sentido de infectar com vírus eletrônicos as redes de comando e controle dos adversários. As redes de computadores infectadas já têm até nome — “botnets”. Este torna-se, portanto, mais um desafio contemporâneo para a Defesa Nacional: proporcionar segurança à atividade de coordenação e controle, amplamente sujeita aos denominados “cibercrimes”. A cada contramedida de proteção que se implementa, surge nova medida de interferência.

Este desafio tecnológico é crucial para o exercício do comando, particularmente em cenários de conflito armado ou de guerra — a “e-guerra” —, por confrontar a necessidade de rapidez nas comunicações com a expressa falta de segurança.

Atualmente, a Defesa Nacional depara-se com a ênfase que vem adquirindo os denominados “conflitos de 4ª geração”, que, no contexto ou não de uma guerra regular, reúnem peculiaridades não verificadas nas gerações anteriores.

Dentre as características desses conflitos, encontram-se: nítida assimetria de poder de combate entre os beligerantes; preponderância da tecnologia; atuação de forças irregulares; emprego de combatentes terceirizados; participação de atores não governamentais (armados ou não); simultaneidade das operações militares com ações de não guerra; etc. Essa diversidade de aspectos redundando em mais um desafio para a Defesa Nacional, que é a preparação do pessoal também para o cumprimento de missões completamente atípicas às operações militares nos campos de batalha. Além disso, essa diversidade de imposições exigirá que o planejamento das operações, sua condução e o preparo das forças combatentes se processem sob um ângulo muito mais complexo. Talvez, requeira até mesmo o concurso de especialistas civis convocados para atuar concomitantemente com os planejadores e as tropas em combate.

Um outro desafio sutil que pode se antepor à Defesa Nacional nos tempos atuais é o resultante de uma série de ações adversas direcionadas para as áreas econômica e diplomática. Sob esse enfoque, vislumbra-se o risco de desestabilização político-econômica induzida por uma potência, porém implementada por terceiros ou por coligações de países, como medida preparatória de uma ação mais ofensiva de natureza eminentemente militar. Atitudes como campanha sistemática contra o País, revisionismos históricos, congelamento de ativos nacionais no exterior, exclusão comercial, represálias contra empresas nacionais no exterior, barreiras econômicas a produtos brasileiros são algumas das ações que podem ser executadas com o propósito velado de provocar instabilidade política e econômica no País, enfraquecendo-lhe o poder nacional e antecedendo a ações coercitivas mais agressivas. Este enfoque demonstra como a Defesa Nacional pode ser afetada por fatores os mais diversos, extrapolando as fronteiras da expressão militar, e como ela deve ser tratada por todos os segmentos da sociedade nacional e não apenas por militares. Aliás, esta perspectiva não constitui nenhuma novidade, pois pode ser entendida segundo a máxima da estratégia indireta de Sun Tzu de que o ideal é derrotar o inimigo sem ter que combater.

Há que se tomar também como desafio para a Defesa Nacional a descontinuidade na implementação das ações estratégicas decorrentes dos planejamentos de alto nível, fator certamente capaz de comprometer a consecução dos objetivos colimados para ela, em especial na sua vertente armada. Essa descontinuidade, muitas vezes resultante de parcelamento ou variabilidade de objetivos, ou seja, realização parcial ou mudanças extemporâneas na proposta original, é mais fruto de variações introduzidas a critério de cada nova gestão governamental ou das próprias Forças Armadas do que imposição das circunstâncias. Tal sistemática jamais permitirá que os objetivos propostos sejam plenamente atingidos e, em conseqüência, que o País consiga concretizar um dia a completitude do braço armado do poder nacional. Este desafio, que se mostra uma constante em nossa administração pública, tem sérios reflexos negativos para as estratégias de preparo das Forças. O ideal é que, uma vez definidos, os rumos não sofram desvios decorrentes de personalismos, mas apenas correções conjunturais fortuitas.

Um aspecto também sensível e que pode ser visto como mais um desafio para a Defesa é o referente à plena integração das Forças Armadas, que não pode, de forma alguma, significar violação da essência, da personalidade, de cada uma. As Forças devem estar totalmente integradas em termos de planejamento da Defesa, de conhecimentos doutrinários sobre as respectivas peculiaridades operacionais e de atuação conjunta, sem, entretanto, serem colocadas em um cesto comum e “misturadas.” A propensão a esse risco verifica-se particularmente na área logística, que é operacional e não pode ser confundida com gestão administrativa do dia a dia. Sob o anseio da padronização, pode-se incorrer no erro de não se considerar as peculiaridades operacionais de cada Força e, em decorrência, impor-lhes medidas que atentem contra sua eficácia no exercício da atividade fim — o combate. Assim, a desejada padronização tem que ser relativa e ponderada e não pode ser adotada com base em pareceres de “especialistas em administração” mas que nada conhecem da essência das Forças. Os profissionais das Forças Armadas, com anos de vivência em suas fileiras, é que conhecem profundamente as peculiaridades de cada uma, não devendo, portanto, ser ignorados quando de decisões políticas sobre as medidas a serem adotadas nesse sentido.

Para finalizar

Vários outros aspectos caracterizados como pouco evidentes ou implícitos, representando desafios à Defesa Nacional no mundo contemporâneo, poderiam ainda ser aqui considerados.

Entretanto, dentro do escopo deste trabalho, foram abordados aqueles, que, embora revestidos de sutileza, podem demandar maior cautela por parte de quantos atuam na área da Defesa Nacional.

Assim, não se pode perder de vista que Defesa é um item da vida nacional revestido de elevada complexidade, diante da gama de aspectos políticos, econômicos, sociais, tecnológicos e militares que a conformam. Ou seja, necessita do envolvimento de todos os segmentos sociais, embora a cúpula governamental e as Forças Armadas sejam os atores mais diretamente investidos de responsabilidades nessa área.

Outro aspecto a se considerar é que as medidas necessárias a tornar concreta a capacidade defensiva

do País demandam longo prazo e continuidade para sua implementação.

O aspecto mais significativo da Defesa Nacional é, sem dúvida, a capacidade dissuasória do País. Esta, conforme aludido, assenta-se em uma ampla base de requisitos e não, como pode parecer, apenas na existência das Forças Armadas, que, não resta dúvida, revestem-se de suma importância, uma vez que é irreal o poder nacional que se pretenda desarmado. Porém, elas não são absolutas para proporcionar dissuasão diante das mais inusitadas ameaças que podem afrontar a Nação no mundo contemporâneo.

Hoje, é consenso que o embate armado não se mostra como o instrumento mais adequado para a resolução de conflitos entre Estados. Mas, diante da nuvem de incertezas que paira sobre o mundo contemporâneo, a capacidade de revide pelas armas, certamente, continua sendo o último argumento. E,

como tal, não pode ser ignorado, principalmente por quem tem muito a defender.

Além disso, um país que queira reunir condições satisfatórias de desenvolvimento, particularmente em ambiente internacional altamente competitivo, não pode prescindir de um aparato defensivo, o que torna a Defesa Nacional indissociável do bem-estar social. Daí, infere-se que os recursos financeiros alocados à Defesa são, na essência, um investimento social e não, como propalam alguns detratores sem visão estratégica, gastos desnecessários com a “máquina pública”.

Em síntese, muitos são os desafios velados que se apresentam hoje ao sistema de defesa do País. Ignorá-los pode ser atitude comparável ao gesto do avestruz, que esconde a cabeça em um buraco quando pressente o perigo, na ingênua expectativa de que ele se afaste. ■

O Coronel de Artilharia R1 Nonato foi declarado aspirante-a-oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1972. Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 1981 e a Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME) em 1987/1988, tendo sido instrutor em ambas. Possui o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx). É brevetado em cursos operacionais da Brigada Paraquedista. Comandou o 4º Grupo de Artilharia de Campanha (Juiz de Fora-MG). Atualmente, presta tarefa no Instituto Meira Mattos (ECEME) na área de Política e Estratégia (e-mail: nadolima@hotmail.com).



O Sgt Lucas Simmons, da Força Aérea dos EUA, membro da Equipe de Reconstrução Provincial de Laghman ensina um menino afegão como "bater os punhos" durante uma patrulha de segurança no Distrito de Qargah'i, na Província de Laghman, no Afeganistão, 8 Set 11.

(Força Aérea dos EUA/Sgt Ryan Crane)

Como Ganhar a Confiança Sob Fogo

Ten Cel Aaron A. Bazin, Exército dos EUA

Uma vez que perceba que eles têm os mesmos desejos e necessidades que nós, você estabelecerá a confiança da população local. Terá êxito. Mas nem sempre: às vezes, há alguns fatores externos que talvez não permitam que isso ocorra, quando se deparar com algumas das ideologias mais extremistas, mas isso é uma exceção.

— Maj Leslie Parks na coleção de 2010: "Operational Leadership Experiences" ("Experiências de Liderança Operacional", em tradução livre).

Na guerra, soldados buscam frequentemente o objetivo negativo de impor a vontade de uma nação sobre outra por meio do

emprego de armas. Contudo, na conclusão de uma guerra, ou durante as atividades subsidiárias, o propósito principal do soldado pode tornar-se muito

diferente: influenciar a vontade de outros de forma positiva, usando meios construtivos. Frequentemente, as forças militares buscam ações positivas para tranquilizar aliados, influenciar neutros e dissuadir adversários potenciais. Influenciar uma nação ou grupo cultural depende da obtenção da confiança daqueles que podem influenciar outros. Como tal, qualquer militar que não consiga ganhar a confiança dos influenciadores-chave corre o risco de não conseguir cumprir a missão.

Como os militares desenvolvem uma confiança mútua com as populações alvos — aqueles que exercem influência — no ambiente de segurança atual? Neste artigo, descreverei conclusões de um projeto de pesquisa que foi planejado para responder a essa pergunta. A pesquisa consistia em um estudo das entrevistas da coleção histórica *Operational Leadership Experiences* — OLE (“Experiências da Liderança Operacional”) do Instituto de Estudos de Combate (todos os extratos de entrevistas neste artigo são extraídos dos transcritos da coleção OLE)¹. Busquei por formas relatadas por militares (inclusive das outras Forças Singulares) de como tinham desenvolvido e ganhado confiança ao longo do tempo. Das suas experiências, busquei criar um modelo generalizado que as Forças futuras pudessem aplicar a essa difícil missão. Minha meta era basear o modelo na experiência real do Iraque e do Afeganistão, permitindo um fácil entendimento. Além disso, queria criar um ponto de partida para uma discussão mais aprofundada sobre este conjunto de habilidades essenciais.

Minha pesquisa indicou que, no Iraque e no Afeganistão, frequentemente, as Forças criavam e depois aplicavam medidas incrementais de desenvolvimento de confiança para ganhar a aceitação ao longo do tempo, levando em conta o contexto cultural. Para fins desta pesquisa, o desenvolvimento da confiança é concebido como um contribuinte para ganhar a aceitação. De uma maneira geral, descobri que essas medidas de desenvolvimento de confiança se encaixavam em três categorias, as quais eu chamarei de medidas físicas, medidas de comunicação e medidas de relacionamento. Um modelo baseado nos meus achados poderia ajudar na instrução de militares para que possam melhorar sua capacidade de desenvolver a confiança em ambientes operacionais muitas vezes desafiadores e ambíguos².

A Importância do Estabelecimento de Confiança Mútua

Os documentos de políticas adotadas de nível nacional, como *Sustaining U.S. Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense* (“Como Manter a Liderança Global dos EUA: Prioridades de Defesa do Século XXI”, em tradução livre), descrevem a necessidade das Forças conduzirem uma ampla gama de missões³, das quais muitas exigem a flexibilidade operacional para desenvolver relacionamentos, bem como para aplicar a força letal militar. Portanto, os militares podem se preparar para assumir papéis que exijam a obtenção da confiança para realizar os objetivos políticos da nação e proteger seus interesses fundamentais.

No nível tático, o desenvolvimento da confiança muitas vezes torna-se essencial para a sobrevivência pessoal e para o cumprimento da missão. Atualmente, no Afeganistão, tanto as Unidades combatentes quanto as não combatentes interagem diariamente com as Forças Armadas, a polícia e os líderes locais da nação anfitriã para desenvolver legitimidade e criar as condições para um ambiente de segurança. O que faz com que isso seja mais um ônus é que, na contrainsurgência, discernir se uma pessoa é amigo, inimigo ou neutro não é fácil. Idealmente, quando militares obtêm a confiança no nível tático, podem tranquilizar aqueles que estão do seu lado e convencer os indecisos, e isso leva à negação de apoio da população aos adversários⁴.

Quando militares assumem o papel de instrutor ou assessor incorporado, devem ter a capacidade de ganhar a confiança para que possam treinar e preparar as Forças parceiras para o combate. Quando essas Forças começam a executar missões reais, elas e os assessores já devem ter estabelecidos altos níveis de confiança mútua. Se a confiança for inadequada, os estresses do combate podem prejudicar mais a efetividade dos parceiros ao lutarem juntos.

Às vezes, os militares atuam em parceria com elementos interagências para ajudar a melhorar as condições da qualidade de vida da população local⁵. Nessas ocasiões, alguns elementos como, por exemplo, integrantes das equipes de reconstrução, desenvolvimento ou de agronegócios precisam ganhar a confiança da população, pois, sem isso, a determinação de quais projetos deverão ser executados e a angariação do apoio local para ajudar a completá-los serão difíceis. De fato, os projetos executados por essas equipes são um veículo importante para a obtenção da confiança e da legitimidade.

Nos escalões operacional e estratégico, os comandantes conduzem rotineiramente reuniões de líderes-chave com interessados civis e correspondentes militares para estabelecer as condições para cumprir a missão. Para construir a capacidade dos parceiros, fomentar os relacionamentos entre Forças Armadas, habilitar autoridades civis ou conduzir contrainsurgência, os comandantes de níveis estratégico e operacional precisam ganhar a confiança de uma ampla gama de interessados para cumprir suas missões e avançar na consecução dos objetivos nacionais⁶. Sem o estabelecimento da confiança mútua, embora os líderes superiores falem, talvez realmente não se comuniquem.

Além disso, considerando que operações complexas de coalizão são a norma e serão assim no futuro, parceiros precisam de um fator unificador que possa manter a coalizão unida — a confiança é esse fator. Nas relações de coalizão de longa data, como as entre os Estados Unidos e o Reino Unido, a Austrália, o Canadá e a Nova Zelândia, a confiança já é estabelecida. Essa confiança proporciona a base para a interoperabilidade bem-sucedida durante crises. No entanto, para que a confiança possa durar, os participantes precisam engajar entre si e trabalhar continuamente para entender a perspectiva do outro⁷.

Para as coalizões novas ou não tradicionais, a substituição da incerteza pela confiança torna-se até mais essencial. Em muitos papéis, e em muitos níveis, os militares precisam ter êxito em ganhar confiança antes de poderem cumprir a missão.

Uma Metodologia de Pesquisa para Identificar Como Ganhar a Confiança

Esta pesquisa começou com uma abertura bem ampla e concentrou seu enfoque conforme progrediu. Comecei analisando 2.515 entrevistas transcritas da coleção OLE para encontrar experiências relacionadas com a obtenção da confiança nos cinco anos, entre 2008 e 2012. Achei 67 entrevistas que satisfaziam esse critério, as quais analisei e codifiquei linha por linha para determinar os comportamentos específicos relatados para contribuir para o desenvolvimento e a obtenção da confiança. Utilizando esses dados, construí um modelo generalizado das medidas de formação de confiança com exemplos específicos em cada categoria. Daí, comparei e contrastei o modelo com os achados relatados sobre esse assunto na literatura acadêmica⁸.

Subseqüentemente, conduzi profundas entrevistas com especialistas sobre o assunto que tinham interagido regularmente com militares ou com civis da nação anfitriã. Eles forneceram ainda mais relatos sobre atividades para desenvolvimento da confiança, com base em vários desdobramentos no Iraque, no Afeganistão, ou em ambos. Usei as entrevistas com os especialistas para validar e melhorar mais ainda o modelo inicial. O resultado é um modelo holístico baseado em relatos valiosos de como os militares ganharam a confiança de públicos-alvo em ambientes operacionais caracterizados pela volatilidade, incerteza, complexidade e ambigüidade.

Uma Definição da Confiança

Segundo Denise M. Rousseau et al., a confiança é “um estado psicológico que abrange a intenção de aceitar vulnerabilidade com base nas expectativas positivas das intenções ou do comportamento de outro”⁹. A literatura contemporânea no campo de psicologia indica que a confiança é um fenômeno humano complexo com várias facetas e variáveis, e como tal, acadêmicos a veem de formas muito distintas. Pelo ponto de vista biopsicológico, a confiança é uma série de respostas químicas e neurológicas específicas do cérebro. A desconfiança, a confiança condicional ou a confiança total de uma pessoa libera certas substâncias químicas no cérebro e estimula diversas áreas para armazenar memórias de percepção¹⁰.

Os psicólogos humanistas como Carl Rogers já declararam que todas as pessoas têm uma necessidade de segurança, empatia e aceitação¹¹. Quando as pessoas interagem com outras que lhes tratam de forma respeitosa e positiva, relacionamentos positivos começam a se formar. Do ponto de vista da psicologia humanista, a confiança envolve uma conexão humana que resulta de interações profundas e sinceras, em um nível pessoal.

Segundo os especialistas de psicologia cognitiva comportamental Jesse H. Wright, Monica Ramirez Basco e Michael E. Thase, quando os humanos interagem, seus relacionamentos progridem por etapas: (a) evento, (b) avaliação cognitiva (incluindo pensamentos automáticos), (c) emoção e (d) comportamento¹². Por essa ótica, a confiança se desenvolve durante a avaliação cognitiva, afeta a emoção sentida e, no final, se manifesta no comportamento do indivíduo. Os especialistas de psicologia cognitiva comportamental acreditam que uma análise do que vem antes, durante

e após um comportamento permite que uma pessoa obtenha um entendimento contextual adequado, avalie a situação e reestruture seus pensamentos e suas emoções. A mudança da desconfiança para a confiança exige uma nova avaliação cognitiva e uma mudança no juízo individual.

Medidas de Desenvolvimento de Confiança

No auge da Guerra Fria, o psicólogo Charles E. Osgood escreveu sobre uma ideia que ele chamava de redução gradativa da tensão, em que a União Soviética e os Estados Unidos podiam reduzir a tensão na corrida armamentista¹³. Sua abordagem exigia pequenos gestos conciliatórios que afastariam o conflito do precipício de guerra de escala mundial. Uma dessas medidas, a linha direta entre a Casa Branca e o Kremlin, tornou-se um fator principal para evitar uma guerra nuclear durante da Crise dos Mísseis de Cuba¹⁴.

Como aceitação das ideias de Osgood cresceu, acadêmicos em Relações Internacionais e Ciências Políticas, como Michael Krepon, chamaram essas abordagens de “medidas de desenvolvimento de confiança” ou “medidas de formação de confiança e segurança”¹⁵. Acordos internacionais, como os da Conferência de Estocolmo (1986) e da Declaração de Helsinque (1975) codificaram as “medidas de desenvolvimento de confiança” como acordos políticos formais¹⁶. Essas medidas assumiram diversas formas, como inspeções, notificações, assistência econômica, comunicação estruturada e interações não ameaçadoras. Depois da Guerra Fria, acadêmicos como Landau e Landau começaram a aplicar a ideia de medidas de desenvolvimento de confiança a novas áreas, como a mediação estruturada¹⁷.

Quando vista holisticamente, a literatura sobre o assunto indica que, como um fenômeno muito humano, a confiança não é fácil de entender. A minha pesquisa progrediu com base na premissa de que, se o conceito

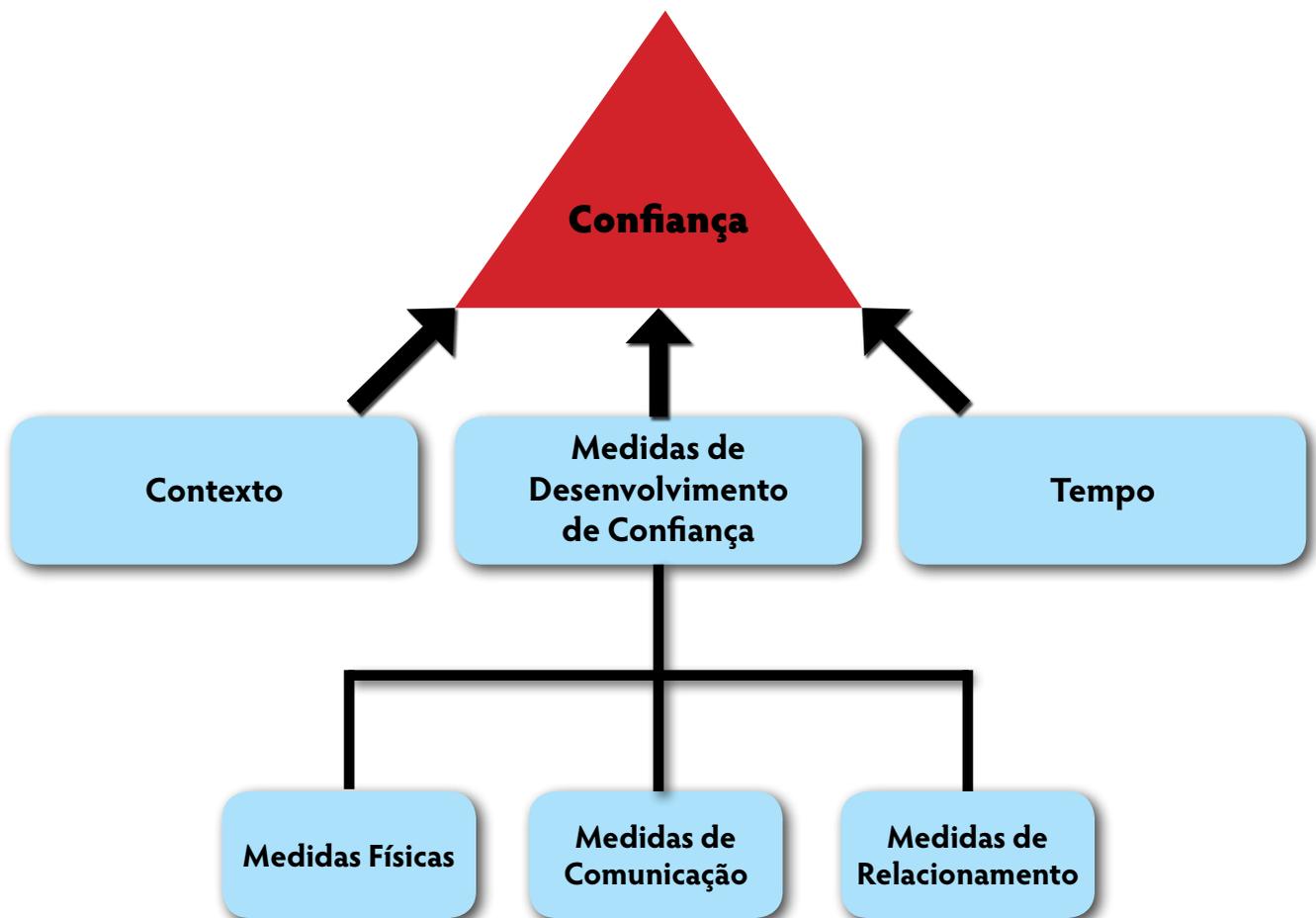


Figura 1. Medidas de Desenvolvimento e Ganho da Confiança

de medidas de desenvolvimento de confiança fosse uma forma legítima de abordar a resolução de conflitos, então a ideia poderia ter mérito no contexto de militares dos quais é requerido que obtenham a confiança no Iraque e no Afeganistão.

Um Modelo para Ganhar a Confiança

O modelo construído com base nesta pesquisa representa uma forma válida para comandantes e subordinados, em todos os níveis, abordarem a obtenção da confiança, com uma ênfase no desenvolvimento no nível tático. Os achados da pesquisa indicaram que três variáveis importantes formavam a equação de confiança: (1) o contexto de cada situação, (2) o tempo e (3) as medidas empregadas para o desenvolvimento da confiança. Os resultados, também, indicaram que três tipos principais de medidas de desenvolvimento de confiança estavam envolvidas: (1) medidas físicas, (2) medidas de comunicação e (3) medidas de relacionamento (veja a Figura 1)¹⁸.

Contexto

Descobri que um entendimento do contexto era um tema extremamente importante para o êxito geral do desenvolvimento de confiança e que o entendimento dos fatores culturais estabeleceu as condições para o sucesso¹⁹. Descobri, ainda, que fatores pessoais como a capacidade ou as experiências de uma pessoa, durante outros desdobramentos, podem afetar o nível de efetividade dos esforços de desenvolvimento da confiança.

Por exemplo, o Maj Paul Madden, entrevistado para a coleção OLE em 2009, descreve como as experiências pessoais de um dos seus subordinados limitavam a capacidade dele de desenvolver confiança:

Nosso oficial técnico era um jovem soldado durante a [Operação] *Desert Storm*, então ele odiava interagir, pois ele ainda não confiava neles [os iraquianos]. De certo modo, tínhamos de forçá-lo. [...] Ele não confiava nesses homens. [...] Ele saiu conosco, mas nunca realmente curtiu devido às experiências anteriores com esses elementos²⁰.

É importante notar que um entendimento completo do contexto incluía uma compreensão do grau de tolerância em um dado ambiente operacional. Em geral, a confiança e a aceitação estavam altamente dependentes do contexto; um entendimento das diversas

especificidades dos lugares, das pessoas e das situações desempenhou um papel essencial²¹.

Tempo

O tempo surgiu como um tema importante no êxito geral para desenvolver e ganhar confiança. Algumas atividades podem levar a fortes relacionamentos de confiança em apenas umas semanas ou em até sete meses. Geralmente, contudo, as Forças precisavam de aproximadamente dois ou três meses para estabelecer uma base. Se os parceiros passassem juntos por um período inicial de alta atividade inimiga, formariam conexões mais rapidamente²². A importância da variável de tempo é expressa pelo Maj Andrew Bellocchio em sua entrevista da OLE, em 2011:

Você tem de viver o mais perto possível [do local] e passar mais tempo quanto possível com [os interessados locais]. É uma questão de confiança também; e isso a desenvolve. Eles acreditam que você não está apenas relatando sobre eles, mas eles enxergam que você está tentando ajudá-los; você está com eles e é parte da equipe. E isso faz a diferença e acredito que acelera o estabelecimento de bons relacionamentos. Apenas passando tempo juntos; tem que se viver com eles e trabalhar com eles²³.

Além disso, considerando que a percepção do tempo frequentemente varia entre indivíduos e culturas, deve-se antecipar que a variável do tempo difere em cada situação. Em geral, os resultados indicam que os militares devem dedicar bastante tempo se querem estabelecer um relacionamento de confiança verdadeiro²⁴.

Medidas de Desenvolvimento de Confiança

Os resultados da pesquisa indicaram que as medidas do desenvolvimento de confiança, em geral, se encaixavam em três categorias: medidas (1) físicas, (2) de comunicação e (3) de relacionamento (veja a Figura 2)²⁵. É importante notar que os limites dessas categorias são flexíveis e, dependendo das circunstâncias, seus relacionamentos e influências entre si podem variar de formas inesperadas²⁶.

Medidas físicas. As medidas físicas do desenvolvimento da confiança, atividades que demonstram

Física

- Conduzir atividades de parceria
- Compartilhar experiências
- Deixar parceiros liderar atividades
- Morar com parceiros
- Satisfazer as necessidades básicas (segurança, assistência com comida e água, ajuda econômica e apoio médico)
- Manter um estado de segurança discreto, mas equilibrando-o com a necessidade para a proteção pessoal.
- Compartilhar riscos
- Prover segurança
- Participar em esportes ou exercícios físicos juntos
- Ajudar as populações vulneráveis
- Apoiar projetos de desenvolvimento
- Adestrar juntos
- Criar as condições para emprego sustentável
- Fazer as compras nos mercados locais
- Conduzir ações de descoberta

Comunicação

- Abrir linhas de comunicação
- Usar intérpretes como conselheiros culturais
- Usar o idioma local
- Compartilhar Inteligência e informações
- Ter reuniões regulares
- Fazer perguntas
- Escutar
- Lidar com solicitações
- Patrocinar conferências
- Negociar acordos
- Cumprir promessas
- Dar respostas
- Agir como intermediário
- Planejar juntos
- Identificar problemas
- Resolver problemas
- Engajar continuamente
- Ter discussões subsequentes
- Buscar um entendimento das condições locais

Relacionamento

- Compartilhar comida e bebidas
- Desenvolver afinidade
- Conseguir conhecer pessoalmente os parceiros
- Ter interações sociais positivas
- Superar juntos desafios significativos
- Demonstrar respeito
- Formar camaradagem
- Entender personalidades
- Reforçar instituições existentes
- Exibir paciência
- Pedir desculpas
- Interagir como parceiros
- Permitir que os parceiros demonstrem suas habilidades e perícia
- Aprender dos parceiros
- Lidar com a política
- Habilitar a governança local

Figura 2. Exemplos das Medidas de Desenvolvimento de Confiança

intenção positiva, eram as mais frequentemente empregadas e as mais efetivas. Os resultados encontrados

indicavam que dentro da categoria de medidas físicas, a progressão ao “conduzir atividades em parceria” para



Um sargento da 4ª Brigada de Combate da 4ª Divisão de Infantaria do Exército dos EUA, cumprimenta com um aperto de mãos um morador local, no Afeganistão, 18 Abr 12.

(Sgt Trey Harvey/Com Soc da 4ª Div Inf)

se “ter os líderes locais em posições de liderança” era essencial, bem como ajudar a população a satisfazer suas necessidades básicas. Um dos achados mais interessante e inesperado foi quando militares relataram que a participação em esportes, como futebol, ou em outro treinamento físico com seus parceiros aumentou consideravelmente o sentimento de confiança no relacionamento²⁷. O Maj Jason Moulton, entrevistado para a coleção OLE em 2010, descreve a interação com os iraquianos:

Para mim, era muito agradável; joguei muito futebol na plataforma para aterragem de helicópteros deles [...]. Isso permitiu que eles enxergassem que nós estávamos exatamente como eles; que queríamos fazer as mesmas coisas que eles queriam fazer. Eu queria que as pessoas, que pensavam de outra forma sobre os EUA em geral, vissem que estávamos sintonizados no mesmo canal que eles. Isso recompensava quando se tentava falar com

eles sobre o que tinham que fazer e convencê-los que precisavam considerar novas abordagens. Acredito que isso ajudou muito²⁸.

Uma medida de desenvolvimento de confiança de particular interesse era quando os militares assumiam um estado de segurança discreto. As entrevistas indicavam que remover os coletes e os capacetes, por exemplo, ou deixar as armas fora da vista, comunicaria confiança aos outros participantes.

No entanto, os candidatos da pesquisa estavam cuidadosos para perceber que embora um estado relaxado comunique a confiança, os militares precisam permanecer conscientes dos riscos que correm. Assim, os militares precisam equilibrar a necessidade para a proteção pessoal com a do desenvolvimento e obtenção da confiança. Isso é um dilema difícil, no qual os militares precisam aplicar seu próprio juízo profissional. Em geral, a pesquisa indicou que frequentemente as ações falam mais alto do que as palavras na busca pela confiança²⁹.

Medidas de comunicação. As medidas de comunicação — atividades para trocar informações, ideias e perspectivas — surgiram como a próxima categoria principal. Em uma situação onde os participantes de um conflito falam idiomas diferentes, medidas para formar comunicação são essenciais, e tradutores tornam-se o esteio que mantém o relacionamento próximo. As entrevistas indicaram que a seleção, verificação e retenção dos melhores intérpretes eram essenciais para o êxito.

O tempo que leva para treinar um militar em um idioma estrangeiro pode ser muito longo; porém, foi relatado que até aprender umas palavras ou frases da língua local era benéfico para o desenvolvimento da confiança³⁰. Por exemplo, quando perguntado por um entrevistador da OLE, em 2011, quais partes de sua instrução pré-desdobramento foram mais benéficas, o Maj Robert L. Reed respondeu:

as instruções de idioma. Conquistar respeito deles, desde o início, era a coisa mais importante que precisávamos fazer, pois eles [a população local] não têm razão para confiar em você; eles não conhecem você. Assim que ganhar o respeito deles, eles farão qualquer coisa por você. Ter a capacidade de chegar e [falar] apenas as frases principais como: “Oi. Como você está? Como vai o seu dia?” Coisas como essas eram de grande valor³¹.

Em geral, os resultados da pesquisa sugeriam que, para ter êxito no desenvolvimento da confiança, o militar deve abrir os canais de comunicação, falar, escutar e ajudar a identificar e a resolver problemas, utilizando as devidas ferramentas de comunicação³².

Medidas de relacionamento. As medidas de relacionamento são atividades que melhoram as conexões interpessoais. Podem variar desde o compartilhamento de comida e bebidas, ao aprendizado sobre a outra pessoa, até a demonstração de paciência e entendimento. Profissionalmente, o militar deve se esforçar a aprender com a outra parte e aceitar uma forma de fazer coisas que talvez esteja incoerente com o que acredita, pessoalmente, que deve ocorrer³³. Por exemplo, em uma entrevista da OLE, de 2010, o Maj Taly Velez explicou:

Nossa recepção na Brigada Aburisha se revelou ser boa, principalmente devido ao tempo que dedicamos a formar relacionamentos com eles e não impor como as coisa iriam

Ações Recomendáveis

- Deixar a mente aberta e escutar
- Planejar para mudar
- Planejar para aprender
- Escolher a pessoa certa com quem se pode desenvolver a confiança
- Escolher a pessoa certa para desenvolver a confiança em parceria
- Designar um ponto de contato principal
- Colocar os parceiros na posição de liderança
- Compartilhar comidas e bebidas
- Comunicar-se por meio da ação
- Conceder aos parceiros um alto grau de autonomia
- Conduzir uma avaliação inicial de 30 dias
- Engajar-se com frequência
- Admitir deficiências e erros pessoais
- Ser sincero
- Colocar-se na posição do parceiro

Ações Não Recomendáveis

- Deixar baixar sua guarda
- Embaraçar alguém em público
- Tratar parceiros como se fossem estúpidos
- Aplicar uma abordagem homogênea
- Presumir que já que os parceiros não falam inglês, eles não são inteligentes
- Presumir que parceiros compartilham os seus pensamentos
- Tirar a autoridade dos parceiros
- Apressar parceiros
- Desrespeitar parceiros

Figura 3. Regras Gerais de Desenvolvimento da Confiança

ser. Uma vez obtida a confiança, eles estavam dispostos a fazer qualquer coisa por nós. Acredito que isso foi o que fez o nosso êxito muito grande, e o deles também³⁴.

Quando perguntado qual recomendação ele faria ao Exército, Velez disse, “Relacionamentos pessoais. Isso é provavelmente a chave para tudo”³⁵.

Os militares talvez queiram levar em consideração o compartilhamento de alguns detalhes pessoais sobre suas vidas, o tratamento do povo local como seus parceiros e, de alta importância, o reconhecimento quando cometeram um erro. Se relações entre quaisquer duas pessoas requerem um bom intercâmbio contínuo, com riscos e recompensas, os relacionamentos neste contexto não são diferentes³⁶.

Ações Recomendáveis e Não Recomendáveis para o Desenvolvimento da Confiança

Nas entrevistas que conduzi com especialistas no assunto, lhes pedi para descrever os conselhos que dariam aos militares que precisavam desenvolver e ganhar a confiança de um determinado público-alvo. Essa pergunta aberta produziu algumas regras gerais interessantes e perspicazes, detalhadas na Figura 3. Militares podem achar valiosa essa simples lista de ações recomendáveis e não recomendáveis, ao tentar solidificar a confiança³⁷.

Os comportamentos e atitudes que os militares devem adotar incluem manter uma mente aberta e aceitar, mudar e aprender — esses se sobressaíram entre as respostas dos especialistas. Entre os comportamentos e atitudes a serem evitados estão: presumir que o povo nativo compartilha os pensamentos de si mesmo (às vezes chamado espelhamento), apressar as pessoas ou tratá-las com ar de superioridade porque não falam inglês — esses foram enfatizados continuamente pelos especialistas. Em geral, a lição para esses aspirantes a

edificadores de confiança é que, para ganhá-la, os militares devem tratar os outros como eles gostariam de ser tratados³⁸.

Conclusão

Frequentemente, é difícil compreender a emoção humana completamente, sendo ainda mais difícil de influenciá-la ou mudá-la. Ganhar a confiança de outro é um empreendimento complexo, e muitos fatores irreconhecíveis podem contribuir para o êxito ou fracasso. Portanto, este, ou qualquer modelo de como desenvolver a confiança, nunca poderá ficar sem falhas. Os militares precisam aplicar um juízo profissional correto que seja apropriado para o contexto da situação e baseado em sua própria experiência, sua instrução e sua intuição. Este modelo proporciona uma forma pela qual o militar pode escolher para desenvolver e ganhar a confiança.

É muito improvável que todos os conflitos futuros nos quais os Estados Unidos desdobrem seus soldados sejam uma réplica do Iraque ou do Afeganistão. No entanto, a natureza do conflito e a gama de operações militares, além do combate total, exigirão que eles estejam tão aptos a desenvolverem relacionamentos como são no emprego da força militar bruta.

Em geral, descobri que se os militares entendem o contexto e aplicam medidas físicas, de comunicação e de relacionamento, ao longo do tempo, para desenvolver a confiança, podem ter sucesso na conquista da lealdade das pessoas-chave, mesmo nos ambientes mais complexos e desafiantes. O estabelecimento da confiança é, e sempre será, uma função essencial, vital na capacidade do Exército de vencer em um mundo complexo. ■

Ten Cel Aaron Bazin, Exército dos EUA, trabalha no Centro de Capacidades e de Integração do Exército, no Forte Eustis, na Virgínia. Como oficial de planos e políticas estratégicos, serviu anteriormente no Comando Central dos EUA como planejador principal do Plano de Transição Iraquiano de 2010 e de outros esforços de planejamento. Este artigo sobre medidas de desenvolvimento de confiança representa um resumo breve da pesquisa para seu doutorado em Psicologia. Seus desdobramentos operacionais incluem o Paquistão, Afeganistão, Iraque, Catar, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Kuwait e Jordânia.

Referências

- Epígrafe. "Entrevista com o Maj Leslie Parks", entrevistado por Angie Slattery, transcrita por Jennifer Vedder, para a coleção de entrevistas do programa Experiências de Liderança Operacional (Operational Leadership Experiences — OLE) do Instituto de Estudos de Combate (Combat Studies Institute), no Forte Leavenworth, no Kansas, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/singleitem/collection/p4013coll13/id/1801/rec/3> (acesso em: 24 out. 2014).
1. Combat Studies Institute, OLE, a collection of oral history transcripts, Fort Leavenworth, KS, 2006 to present, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/landingpage/collection/p4013coll13> (acesso em: 24 out. 2014).
 2. Aaron A. Bazin, "Winning Trust and Confidence: A Grounded Theory Model for the Use of Confidence-Building Measures in the Joint Operational Environment", (Ph.D. dissertação., University of the Rockies, 2013), iii, in Academia.edu, <http://bit.ly/1vZLetK> (acesso em: 24 out. 2014, login é necessário).
 3. Barack H. Obama, *Sustaining U.S. Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO]:3 January 2012), http://www.defense.gov/news/defense_strategic_guidance.pdf (acesso em: 24 out. 2014).
 4. John Wendle, "Afghanistan's Insider War Against the U.S.: A Matter of No Trust", Time.com, 1 Oct. 2012, <http://world.time.com/2012/10/01/afghanistans-insider-war-against-the-u-s-a-matter-of-no-trust/> (acesso em: 24 out. 2014).
 5. Mark Lazane, "Paktika Provincial Reconstruction Team Works to Improve Life in Eastern Afghanistan", *ISAF [International Security Assistance Force] News*, sem data, <http://www.isaf.nato.int/article/news/paktika-provincial-reconstruction-team-works-to-improve-life-in-eastern-afghanistan-2.html> (acesso em: 24 out. 2014).
 6. Joint Publication (JP) 3-57, *Civil-Military Operations*, (Washington, DC: U.S. GPO, 2013), http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp3_57.pdf (acesso em: 24 out. 2014).
 7. American, British, Canadian, Australian, and New Zealand (ABCA) Armies Program Publication 332, *ABCA Coalition Operations Handbook* (ABCA Armies Program: 14 April 2008), <http://usacac.army.mil/cac2/AIWFC/COIN/repository/COH.pdf> (acesso em: 24 out. 2014).
 8. Bazin, p. 38-55.
 9. Denise M. Rousseau et al., "Not So Different After All: A Cross-Discipline View of Trust", *Academy of Management Review*, p. 23(3) (1998), http://portal.psychology.uoguelph.ca/faculty/gill/7140/WEEK_3_Jan.25/Rousseau,%20Sitkin,%20Burt,%20%26%20Camerer_AMR1998.pdf (acesso em: 24 out. 2014).
 10. Angelika Dimoka, "Brain Mapping of Psychological Processes With Psychometric Scales: An fMRI Method for Social Neuroscience". *NeuroImage* 54 (2011), http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2428920 (acesso em: 24 out. 2014).
 11. Carl Rogers, *A Way of Being* (Boston: Houghton Mifflin, 1980).
 12. Jesse H. Wright, Monica Ramirez Basco e Michael E. Thase, *Learning Cognitive-Behavior Therapy: An Illustrated Guide*, (Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, Inc., 2006).
 13. Charles E. Osgood, "Suggestions for Winning the Real War with Communism", *Journal of Conflict Resolution*, 3 (1959): p. 295-325; Charles E. Osgood, *An Alternative to War or Surrender*, (Urbana: University of Illinois Press, 1962).
 14. Alan J. Vick, *Building Confidence During Peace and War*, a RAND Note report, N-2698-CC, The RAND Corporation, 1998, <http://www.rand.org/pubs/notes/2009/N2698.pdf> (accessed 24 out. 2014).
 15. Michael Krepon, Dominique M. McCoy e Matthew C. J. Rudolph, *A Handbook of Confidence-Building Measures for Regional Security*, (Washington, D.C.: Henry L. Stimson Center, 1993).
 16. Conference on Confidence and Security-Building Measures and Disarmament in Europe, *Document of The Stockholm Conference on Confidence and Security-Building Measures and Disarmament in Europe Convened in Accordance With the Relevant Provisions of the Concluding Document of the Madrid Meeting of the Conference on Security and Cooperation in Europe (CSBMs)*, United Nations, 1986, <http://www.state.gov/t/isn/4725.htm> (acesso em: 24 out. 2014); United Nations, Conference on Security and Cooperation in Europe Final Act, 1 August 1975, <http://www1.umn.edu/humanrts/osce/basics/finact75.htm> (acesso em: 24 out. 2014).
 17. Daryl Landau e Sy Landau, "Confidence-Building Measures in Mediation", *Mediation Quarterly*, 15(2) (1997): p. 97-103.
 18. Bazin, p. 38-101.
 19. Ibid.
 20. "Interview with MAJ Paul Madden" entrevistado por Jenna Fike para a coleção OLE, transcrito por Jennifer Vedder, 2009, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/singleitem/collection/p4013coll13/id/1752/rec/4> (acesso em: 24 out. 2014).
 21. Bazin, p. 60-101.
 22. Ibid.
 23. "Interview with MAJ Andrew Bellocchio", entrevistado por Angie Slattery para a coleção OLE, transcrito por Jennifer Vedder, 2011, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/singleitem/collection/p4013coll13/id/2335/rec/1> (acesso em: 24 out. 2014).
 24. Bazin, p. 60-101.
 25. Ibid.
 26. Ibid.
 27. Ibid.
 28. "Interview with MAJ Jason Moulton", entrevistado por Jenna Fike para a coleção OLE, transcrito por Jennifer Vedder, 2010, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/singleitem/collection/p4013coll13/id/2020/rec/1> (acesso em: 24 out. 2014).
 29. Bazin, p. 87-101.
 30. Ibid.
 31. "Interview with MAJ Robert L. Reed", entrevistado por Angie Slattery para a coleção OLE, transcrito por Jennifer Vedder, 2011, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/singleitem/collection/p4013coll13/id/2341/rec/1> (acesso em: 24 out. 2014).
 32. Bazin, p. 87-101.
 33. Ibid.
 34. "Interview with MAJ Taly Velez", entrevistado por Jenna Fike para a coleção OLE, transcrito por Jennifer Vedder, 2010, <http://cgsc.contentdm.oclc.org/cdm/singleitem/collection/p4013coll13/id/1979/rec/1> (acesso em: 24 out. 2014).
 35. Ibid.
 36. Bazin, p. 87-101.
 37. Ibid.
 38. Ibid.

O Repositório Central de Dados de Simulação e Adestramento: Uma Ferramenta de Planejamento e Montagem de Exercícios na Guarnição

Cel (Res) David G. Paschal e

Maj (Res) Alan L. Gunnerson, Exército dos EUA

A atividade de planejamento e criação de exercícios de adestramento na guarnição vem adquirindo mais importância, conforme o Exército dos Estados Unidos da América (EUA) faz a transição para uma Força de *preparação*, em um ambiente de recursos reduzidos [em vez de um *Exército de execução* — N. do T.]¹. O desafio de criar uma capacidade mais forte de adestramento na guarnição exige uma instrução realista, que incorpore a profundidade e a complexidade de ambientes operacionais do mundo real; capacidades tecnológicas que sejam econômicas e sustentáveis; e o retorno da responsabilidade, à Unidade, pelo processo de criar as tarefas, objetivos intermediários e objetivos finais de adestramento.

Em apoio ao esforço do Exército de revitalizar o adestramento na guarnição, o *Training Brain Operations Center* (TBOC) responde a esse desafio. O TBOC é um centro de operações para simulação e adestramento de tropa que compõe a *Operational Environment Enterprise*, órgão encarregado da análise do Ambiente Operacional, sob a coordenação da 2ª Seção (S2) do Comando de Instrução e Doutrina (*Training and*

Doctrine Command — TRADOC). Esse centro criou uma ferramenta que devolve a responsabilidade pelo adestramento aos comandantes, explorando a tecnologia para treinar melhor, com mais rapidez e eficiência.

A ferramenta reproduz o ambiente operacional, estabelecendo as condições em que uma instrução adequada possa ocorrer, e facilita o processo de planejamento e implementação do treinamento para os usuários, ao mesmo tempo que reduz, de forma significativa, o tempo necessário para a montagem de exercícios rigorosos. Este artigo demonstra como a ferramenta para montagem de exercícios do repositório central de dados de simulação e adestramento — denominada *Training Brain Repository-Exercise Design Tool* (TBR-EDT) — confere ao comandante a capacidade de aumentar a complexidade, o realismo e a profundidade do ambiente real, virtual ou construtivo de um exercício, com uma velocidade e fidelidade antes impossíveis.

Quando a Operação *Iraqi Freedom* terminou e as exigências da Operação *Enduring Freedom* diminuíram, o alto-comando do Exército prescreveu uma



Um outro avanço é o Training Brain Repository (um repositório central de dados de Simulação e Adestramento). Essa ferramenta, baseada na internet, capacita os instrutores a criarem seus próprios exercícios para cumprir seus objetivos específicos de adestramento, sem a necessidade de roteiristas. Curiosamente, todos esses cenários de adestramento estão



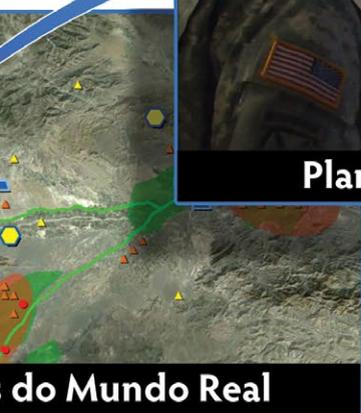
Adestramento na Guarnição



Planejamento de Exercício

armazenados e disponíveis para outros, também. Então, digamos que eu precise de um exercício de adestramento baseado em um cenário localizado na África. Caso não exista, posso usar os recursos do repositório para criar, rapidamente, o cenário de simulação de que preciso. Depois, esse cenário estará disponível para o uso de qualquer brigada no Exército, para seu próprio adestramento.

— Gen Ex David G. Perkins



do Mundo Real

análise holística do adestramento nas guarnições para o ambiente de segurança pós-conflito. Com base nessa diretriz, o segmento de instrução realizou reuniões de cúpula sobre o Adestramento do Exército — Army Training Summits I, II e III². Durante a segunda reunião, o Gen Ex Martin Dempsey, então Comandante do TRADOC, solicitou a criação de um repositório que permitisse à Força compartilhar e acessar dados de instrução, independentemente da localização da Unidade ou dos dados³. Esse repositório conteria material padronizado e pronto para o uso de cenários e arquivos com modelos e simulações, que forneceriam 80% da solução [ou seja, uma solução efetiva, mas não perfeita], os quais poderiam ser atualizados e adaptados pelos comandantes de Unidades aos seus objetivos específicos de instrução⁴. Essa diretriz foi o elemento catalisador para o desenvolvimento inicial do repositório central de dados de simulação e adestramento,

o *Training Brain Repository* (TBR), e a subsequente criação da ferramenta de planejamento de exercícios, *Exercise Design Tool* (EDT).

Teria sido fácil atender aos requisitos básicos para o repositório por meio de um portal de colaboração comum em SharePoint. No entanto, após uma ampla análise e o devido enquadramento do problema, o TBOC identificou a necessidade de uma capacidade fundamental, ainda que complexa: a montagem de exercícios. Treze anos de instrução de cima para baixo no ciclo de geração de forças [cuja finalidade é gerar e apoiar as Unidades operacionais — N. do T.], em que planos e exercícios de treinamento prontos eram entregues às Unidades sendo desdobradas, resultaram na deterioração das habilidades dos gestores de adestramento no Exército, tanto nas funções de comando quanto de estado-maior. Uma geração inteira de militares teve pouca experiência com o processo de

criação e montagem de exercícios nos escalões brigada e subordinados. O Exército dos EUA estava precisando de uma ferramenta para automatizar esse processo, facultando às Unidades dedicar mais tempo à condução do adestramento que à montagem dele. Embora não ensine o processo de planejamento, a ferramenta TBR-EDT fornece uma abordagem intuitiva e que pode ser repetida, para que os usuários o aprendam.

O Alcance do Desafio

No passado, os criadores de exercícios de adestramento normalmente despendiam excessivo tempo na busca de dados relevantes e realistas de ambientes operacionais antigos ou de exercícios de instrução anteriores, para desenvolver eventos de treinamento que satisfizessem os objetivos do comandante. As informações poderiam incluir tarefas de adestramento específicas a uma Unidade, enredos ou linhas narrativas (*storylines*) e eventos, listas principais de eventos do cenário (*Master Scenario Events List — MSEL*), quadros de organização e dotação, cartas, dados sobre o terreno e requisitos do sistema de informações de Comando de Missão.

O processo metódico e demorado de busca de dados ocorre à custa do tempo que estaria disponível para preparar comandantes e estados-maiores de uma Unidade para um exercício de adestramento. Os militares e comandantes com experiência em combate da atualidade estão acostumados com o ritmo acelerado e as complexidades de ambientes operacionais extremamente mutáveis. Suas ferramentas de criação e montagem devem permitir que desenvolvam e administrem o adestramento de forma rápida e hábil.

Ao fazer a transição e se converter em uma Força de *Preparação*, o Exército dos EUA precisará prover experiências de instrução de alta qualidade, que reproduzam os ambientes operacionais do mundo real e estimulem a agilidade e a adaptabilidade. A TBR-EDT facilita o desenvolvimento dessas habilidades essenciais ao capacitar os comandantes a se concentrarem mais em adestrar que em criar o adestramento.

O que é a Ferramenta de Criação e Montagem de Exercícios?

A ferramenta é o componente central do ambiente de planejamento de exercícios, que interconecta outras capacidades dentro desse ambiente e permite que os comandantes colaborem na criação de treinamentos

adequados. A TBR-EDT permite a reprodução fiel de um ambiente operacional, fornecendo uma capacidade inovadora para criar, duplicar, armazenar e compartilhar *Warfighter Training Support Packages — WTSPs* (“Conjuntos de Apoio ao Adestramento de Combate”)⁵.

A ferramenta é de código aberto (*open source*) e baseada na internet. Proporciona aos planejadores de exercícios, instrutores, comandantes e estados-maiores uma capacidade inédita para localizar, reutilizar e adaptar exercícios e informações de treinamento de modo que reflitam o ambiente operacional desejado e atendam aos objetivos de adestramento da Unidade. A TBR-EDT coloca a capacidade de planejamento de exercícios de volta nas mãos dos comandantes e seus estados-maiores, que não precisam mais depender dos cenários genéricos predefinidos elaborados por engenheiros e roteiristas. Os estados-maiores de pequenas Unidades e de escalões mais altos, planejadores de exercícios das outras Forças Singulares e instrutores nos Centros de Excelência do TRADOC agora podem usar a TBR-EDT para identificar e adaptar, com rapidez, exercícios de adestramento executados anteriormente, a fim de criar conjuntos de treinamento sob medida, com base nos objetivos e intenção dos seus comandantes. Os usuários podem modificar elementos dos WTSP, como tipos de Unidade, listas padronizadas de tarefas essenciais da missão e listas principais de eventos do cenário, para satisfazer às necessidades da Unidade.

A TBR-EDT obedece à Circular de Adestramento do Exército 7-101 — *Montagem de Exercícios (Army Training Circular 7-101 — Exercise Design)* e automatiza os processos dela constantes. Armazena dados de WTSP em conformidade com o Panfleto do TRADOC 350-70-1 — *Desenvolvimento de Adestramento em Apoio ao Domínio Operacional (TRADOC Pamphlet 350-70-1 — Training Development in Support of the Operational Domain)*⁶. O que é ainda mais importante: a TBR-EDT é essencial para o desenvolvimento do Ambiente de Adestramento Integrado do Exército (*Integrated Training Environment*), uma outra ferramenta que conecta as capacidades reais, virtuais, construtivas e de jogos, a fim de reproduzir fielmente os ambientes operacionais. Aliado à TBR-EDT, o Ambiente de Adestramento Integrado aumenta a eficiência e efetividade geral da instrução ao permitir que militares e comandantes passem mais tempo em treinamento e menos tempo em sua gestão⁷.

Embora se baseie no processo de planejamento de exercícios do Exército, a TBR-EDT não se destina apenas aos usuários da Força. Qualquer integrante do Departamento de Defesa que tenha uma credencial de acesso eletrônico pode acessar e utilizar a TBR-EDT ou buscar dados de WTSP sigilosos e não sigilosos, para utilizá-los em sua própria organização. A TBR-EDT está acessível na rede não sigilosa NIPRNet (*Nonsecure Internet Protocol Router Network*) em <https://tbr.army.mil> e na rede sigilosa SIPRNet (*SECRET Internet Protocol Router Network*) em <https://tbr.army.smil.mil>.

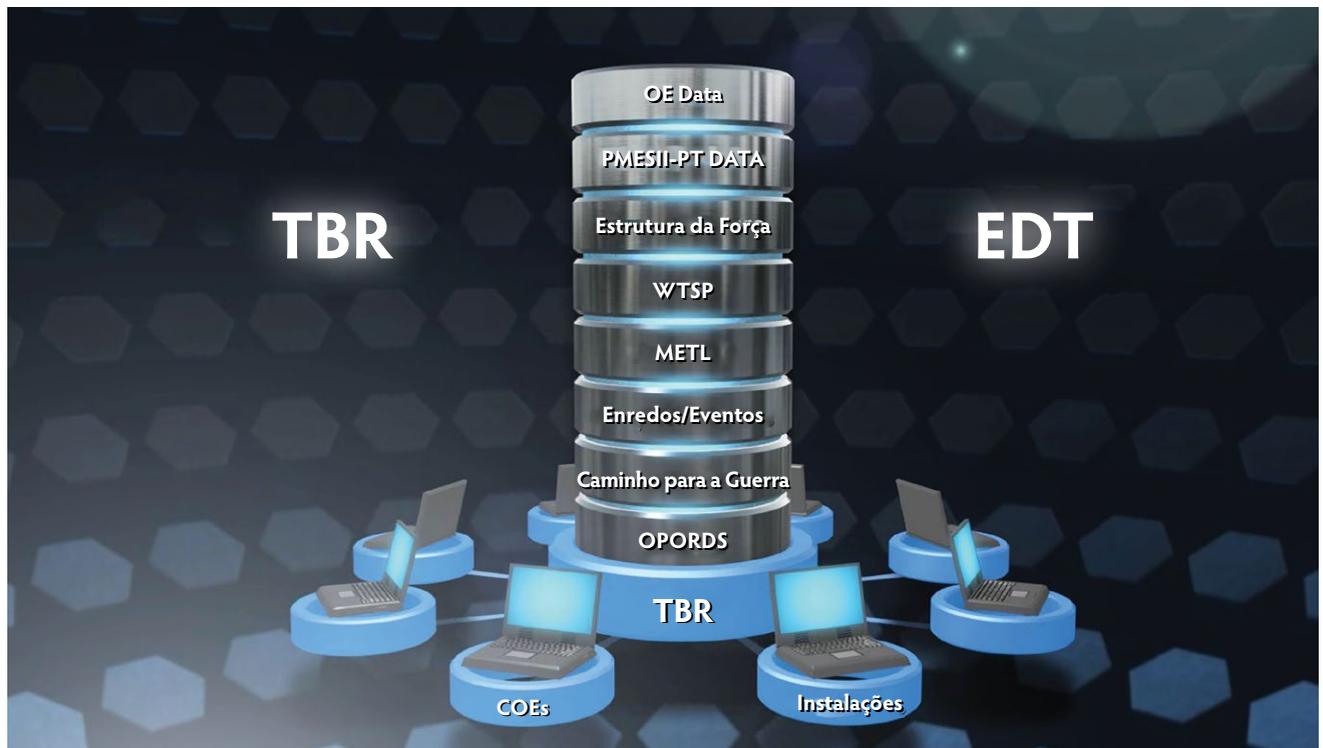
Além disso, há uma parceria entre o TBOC e a Joint Staff Directorate for Joint Force Development — J-7 (Diretoria do Estado-Maior Conjunto para o Desenvolvimento da Força Conjunta) para a criação de uma EDT conjunta, baseada no ciclo de vida de exercícios conjuntos, que estará disponível na rede sigilosa SIPRNet. Essa ferramenta conjunta talvez se torne um dos principais componentes da “Ferramenta de Gestão de Cenários” (*Scenario Management Tool*) do Joint Live Virtual Constructive 2020 (programa para a construção de exercícios conjuntos reais/virtuais de 2020), uma única EDT que incorporará mais dados das Forças

conjuntas, visando a possibilitar o desenvolvimento de exercícios conjuntos de adestramento para todas as Forças Armadas⁸.

Os Componentes da Ferramenta de Montagem de Exercícios

O TRADOC criou o recurso da TBR-EDT mediante a integração de capacidades e tecnologias distintas, objetivando automatizar o processo de montagem de exercícios. Esse esforço exigiu que seus criadores conjugassem e integrassem dados fidedignos, informações de início do exercício, elementos gráficos operacionais e de mapeamento, uma ferramenta de sincronização de linhas narrativas, uma capacidade de colaboração, desenvolvimento de papéis, ordens de operações de comandos superiores e reutilização de dados, mapeando, ao mesmo tempo, todo o processo.

Dados fidedignos. A TBR-EDT conecta-se a fontes fidedignas de dados, incluindo o departamento de atividade de apoio de Inteligência do TRADOC, o serviço de informações e Inteligência do Departamento do Exército, o Arquivo Central do Exército, a ferramenta de Estratégias de Adestramento das Armas Combinadas, o Sistema de Informações das Lições Aprendidas



TBR - Training Brain Repository / Repositório Central de Dados de Simulação e Adestramento; **OE DATA** - Dados do AMBO; **EDT** - Ferramenta de Criação e Montagem de Exercícios; **PMESII-PT Data** - Dados das Variáveis Políticas, Militares, Econômicas, Sociais, de Infraestrutura, de Informações, de Ambiente Físico e de Tempo; **METL** - Lista de Tarefas Essenciais para a Missão; **OPORDS** - O Op; **COEs** - Centros de Excelência

Conjuntas e o Serviço de Dados de Adestramento Conjunto do Estado-Maior Conjunto (J-7).

A ferramenta publica informações no *Rapid Data Generation Common Data Production Environment* (“Ambiente Comum de Produção de Dados [do projeto] de Geração Rápida de Dados”, em tradução livre), possibilitando a rápida descoberta, recuperação e reutilização de dados e de serviços por toda a gama de comunidades capacitadas em modelagem e simulação. O objetivo é apresentar o tipo certo de dados oficiais ao usuário no momento apropriado do processo de planejamento de exercícios, eliminando a necessidade de buscar cada tipo de dado individualmente. Para apoiar o adestramento das Forças regionalmente alinhadas, a *força vermelha* (estrutura adversa ou ameaçadora) incluirá, em breve, dados de ameaças do mundo real, fornecidos pelo *Modernized Integrated Database* (“Banco de Dados Integrado e Modernizado”)⁹.

Colaboração. A capacidade de colaboração da TBR-EDT permite que os estados-maiores das Unidades, estados-maiores conjuntos ou, ainda, outros serviços distribuídos trabalhem simultaneamente na elaboração da documentação do WTSP. Ao montar o exercício, seu dono ou administrador inicial pode designar e delegar (ou desativar, se necessário) papéis adicionais a outros usuários.

Essas funções são: dono (administrador), colaborador e leitor. Cada papel possui certas capacidades ou permissões que facilitam a montagem, implementação e execução do exercício, como, por exemplo:

- ◆ Dono: A Seção de Operações (S3) pode analisar o WTSP geral, conforme ele estiver sendo criado pelo estado-maior da Unidade.
- ◆ Colaborador: Integrantes do estado-maior da Unidade, como oficiais de Inteligência, Logística ou Comunicações, podem criar seus próprios anexos, apêndices e guias individuais para a Ordem de Operações.
- ◆ Colaborador: Um oficial de apoio de fogo de uma Unidade de apoio pode completar o calco (desenho em papel transparente) do apoio de fogo.
- ◆ Colaborador: Unidades de apoio posicionadas em outra guarnição podem preencher suas partes dos anexos de Logística.
- ◆ Leitor: O pessoal de apoio no complexo de adestramento para a missão, ou centro de

adestramento para o combate, com a responsabilidade de executar o exercício pode observar e comentar o planejamento, conforme ele evolui em tempo real.

Informações de início do exercício. A TBR-EDT apoia exercícios de treinamento situacional reais, virtuais e construtivos; exercícios de treinamento de campanha; e exercícios de treinamento de posto de comando com a produção de informações de início do exercício por meio de um arquivo de *Order of Battle Service — OBS* (Serviço da Ordem de Batalha) (compatível com as versões 2.0, 3.0 e 4.0 atualmente)¹⁰. A TBR-EDT exporta os dados do OBS (do Exército e das demais Forças Singulares) para estimular simulações, como o sistema *Joint Conflict and Tactical Simulation* (gera uma simulação de conflito no nível tático), com uma futura ampliação de capacidade para o sistema *One Semi-Automated Forces and Warfighters’ Simulation* (simulação de forças semiautomatizadas e de combatentes). Atualmente, a ferramenta contém as estruturas das forças *vermelha* (força adversa ou ameaça) e *verde* (nação anfitriã ou coalizão) para o *Decisive Action Training Environment* (Ambiente de Treinamento de Ação Decisiva), versão 2.1¹¹.

Elementos gráficos operacionais e de mapeamento. A TBR-EDT fornece ferramentas de mapeamento e de desenho, permitindo que o usuário tire proveito de diversas tecnologias de mapeamento para desenhar os elementos gráficos operacionais. A figura 1 apresenta um exemplo de mapa com elementos gráficos gerado pelo sistema.

À semelhança do programa de *software Command Post of the Future* (Posto de Comando do Futuro), a TBR-EDT fornece ao usuário várias opções de cartas e calcos, permitindo que diferentes usuários criem elementos gráficos em camadas múltiplas (Comando de Missão, Movimento e Manobras, Inteligência, Fogos, Sustentação/Logística, Proteção, Unidades e personalizada pelo usuário) ao mesmo tempo. Os usuários podem ativar e desativar os diferentes calcos para exibir um conjunto de camadas, dependendo das exigências da missão. Podem, ainda, criar outras camadas customizadas de elementos gráficos para representar operações faseadas, preparação de Inteligência no campo de batalha, linhas de ação ou quaisquer outros elementos gráficos desejados. Se o usuário mudar o local de instrução, os elementos

gráficos serão automaticamente transferidos para a nova localização na carta, onde poderão ser facilmente reposicionados, redimensionados e reorientados para se ajustarem aos novos requisitos operacionais e de terreno.

A ferramenta de sincronização de linhas narrativas. Já se foi o tempo de entendiantes sincronizações de linhas narrativas e eventos com planilhas de Excel, notas *post-it* e eventos criados manualmente, destinados a gerar resultados diferentes. A ferramenta de sincronização da TBR-EDT reduz ou elimina essa ação, permitindo que os usuários e planejadores removam conflitos entre linhas narrativas e eventos, de modo que ocorram no momento certo do exercício.

A figura 2 fornece um exemplo da ferramenta de sincronização de linhas narrativas. Ela permite manipular a evolução e duração das linhas narrativas

e eventos ao longo de uma cronologia geral. Uma vez modificados, os arquivos subjacentes atualizam, instantaneamente, toda a lista principal de eventos do cenário, podendo-se, então, “baixá-la” ou imprimi-la.

Criação dos papéis a serem desempenhados pelos participantes do exercício. O desempenho de papéis ou personagens nos ambientes operacionais atuais precisa ser autêntico, eficiente e efetivo, tendo adquirido maior ênfase para expor mais intensamente os participantes militares, interagências, intergovernamentais e multinacionais ao conjunto diverso de ambientes operacionais, culturas, idiomas estrangeiros e organizações¹². A TBR-EDT inclui a capacidade de criar e reutilizar atores e suas respectivas instruções como parte do ambiente operacional. Os atributos específicos de cada papel incluem nome, gênero, estado civil, profissão, data de nascimento e nacionalidade. Há, ao todo, 36 atributos disponíveis

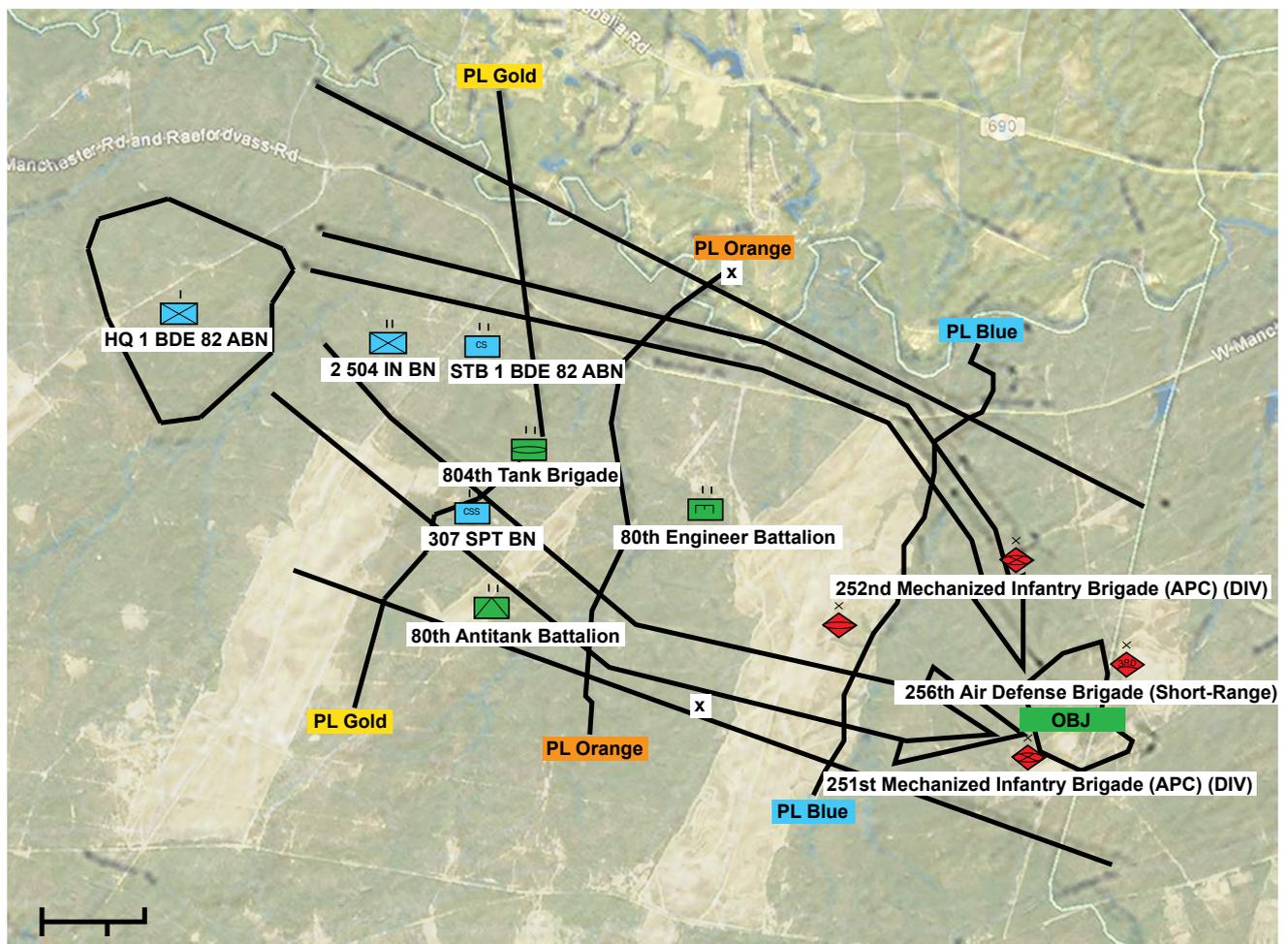


Figura 1. Organização de Tarefas, Mapeamento e Elementos Gráficos da TBR-EDT

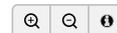
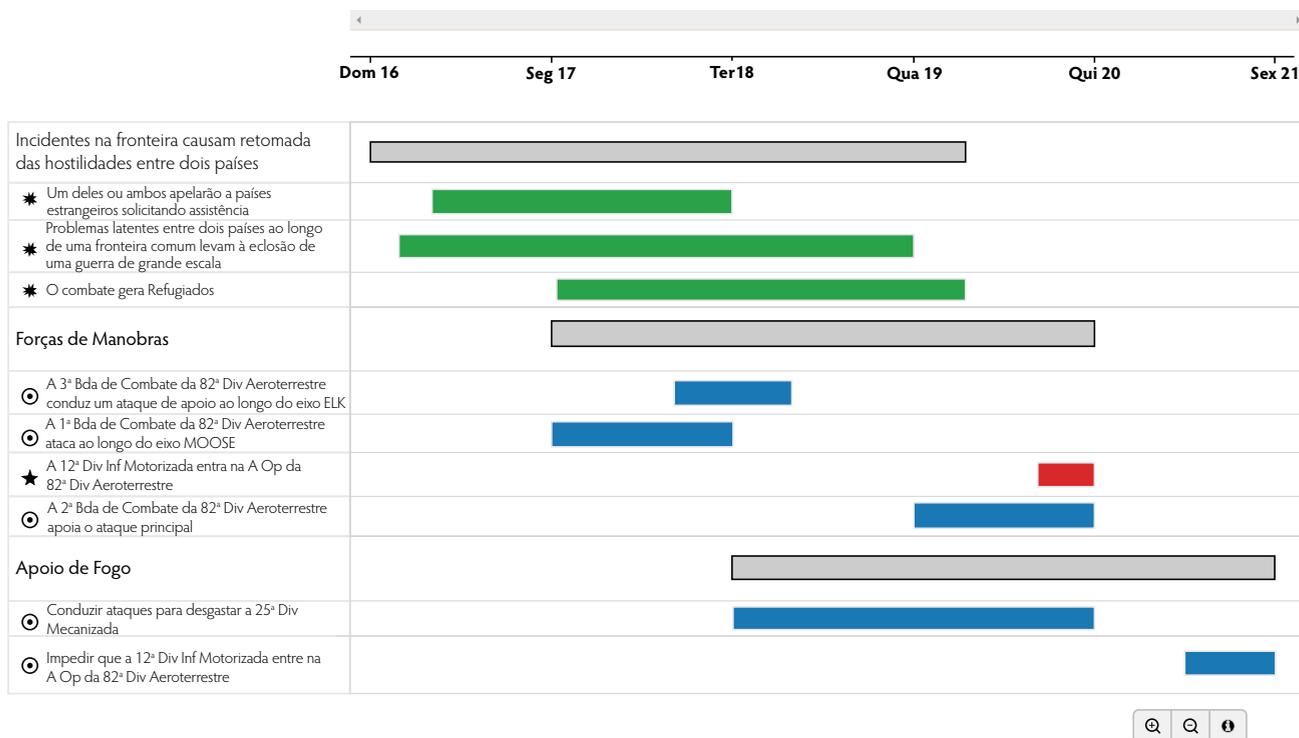


Figura 2. Ferramenta de Sincronização de Linhas Narrativas da TBR-EDT

para serem designados a um ator específico. Esses atributos servem como subsídios para outros relatórios que possam ser usados no exercício. A figura 3 apresenta um exemplo de atributos de um papel gerado pelo sistema.

Ordens de operações de comandos superiores.

Um dos principais componentes da montagem do exercício (e, frequentemente, o mais demorado para se criar) é a ordem de operações do comando superior que orienta o processo decisório militar da Unidade. A TBR-EDT fornece a capacidade de formular um sem-número de ordens de operações de comando superior em conformidade com a doutrina, incluindo até 150 anexos, apêndices, guias e documentos correspondentes.

A ferramenta correlaciona os dados entre a ordem de operações básica, os anexos e os apêndices e, em seguida, preenche, automaticamente, os dados da ordem de operações específica, reduzindo, assim, o tempo necessário para criá-la. Por exemplo, o enunciado da missão na ordem básica preencherá, automaticamente, o respectivo parágrafo da missão nos anexos, e os usuários poderão, então, utilizá-lo ou modificá-lo

conforme o necessário. Se o enunciado de missão em um anexo for modificado, tal alteração será automaticamente transferida para o documento no nível imediatamente seguinte sem, contudo, afetar a ordem básica. O usuário pode, ainda, acrescentar imagens e *hyperlinks* dentro da ordem e anexos. Além da ordem de operações, o usuário pode criar uma ordem preliminar para iniciar o processo do exercício ou uma ordem fragmentária para manipular ou direcionar o exercício.

Reutilização dos dados. A reutilização dos dados é uma das características principais da TBR-EDT, que permite que usuários de todo o Exército aproveitem os exercícios gerados anteriormente. A adaptação dos insumos de exercícios anteriores, conduzidos por outros usuários no Exército, maximiza a eficiência e reduz, em grande medida, o tempo necessário para planejar e montar um exercício.

Um oficial de operações da 3ª seção de uma brigada no Estado de Geórgia pode clonar o trabalho de outro oficial no Havaí, no Texas ou na Coreia do Sul e, em seguida, adequá-lo aos objetivos específicos de adestramento da sua própria Unidade. Depois de reproduzir o

exercício, o oficial de operações pode buscar e reutilizar elementos individuais de outros exercícios, que podem incluir linhas narrativas, eventos, ordens de operações, papéis para os participantes com os respectivos relatórios e dados ligados às variáveis operacionais (políticas, militares, econômicas, sociais, de infraestrutura, de informações, de ambiente físico e de tempo).

Em um outro exemplo, uma Unidade pode estar sendo enviada para um local que possui refugiados reassentados internamente. Essa Unidade pode buscar eventos que incluam refugiados nas mesmas condições, em exercícios armazenados de diversos teatros de operações, e, em seguida, modificá-los para utilização em seu próprio exercício de adestramento. Além disso, a TBR-EDT possibilita que as Unidades busquem tipos de operação e de ambiente operacional semelhantes àqueles para os quais elas estão se preparando — como operações de estabilização na Indonésia — permitindo-lhes localizar exemplos de objetivos de treinamento para ajudá-los a desenvolver objetivos para suas próprias Unidades.



Tokhi, Nazo

<input type="checkbox"/> *	Nome	<input type="text" value="Nazo"/>
	Nome do meio	<input type="text"/>
	Sobrenome	<input type="text" value="Tokhi"/>
<input type="checkbox"/> *	Cognome	<input type="text" value="Naz"/>
<input type="checkbox"/> *	Gênero	<input type="text" value="Masculino"/>
<input type="checkbox"/> *	Estado civil	<input type="text" value="Casado"/>
<input type="checkbox"/> *	Profissão	<input type="text" value="Agricultor"/>
<input type="checkbox"/> *	Data de Nascimento	<input type="text" value="1985-02-03"/>
<input type="checkbox"/>	Lugar de Nascimento	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> *	Nacionalidade	<input type="text" value="Atropiano"/>
<input type="checkbox"/>	Etnia	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> *	Religião	<input type="text" value="Xiita"/>
<input type="checkbox"/>	Idiomas	<input type="text" value="Espanhol"/>
<input type="checkbox"/>	Escolaridade	<input type="text"/>
<input type="checkbox"/> *	Família	<input type="text" value="Pai : Jafar Tokhi (56)"/>
<input type="checkbox"/>	Serviço Militar	<input type="text"/>

Figura 3. Atributos de Papel da TBR-EDT

Atualizações Programadas da TBR-EDT

As versões futuras da TBR-EDT permitirão que os usuários realizem buscas em bases equivalentes a anos de mensagens operacionais aplicáveis do sistema de informações do Comando de Missão que correspondam, de modo geral, aos eventos e linhas narrativas do exercício sendo planejado. Ao localizarem as mensagens apropriadas, os usuários poderão utilizar os recursos integrados da TBR-EDT para alterar nomes próprios, grupos data-hora e locais, a fim de adaptá-las ao ambiente de treinamento específico. Uma vez transformado, o conteúdo da mensagem é ajustado para reproduzir o novo local de adestramento, mas o contexto da mensagem original permanece o mesmo, permitindo que os instrutores criem um evento de exercício muito mais sólido e realista.

Feedback dos Usuários em Campanha

A TBR-EDT entrou em operação nas redes sigilosa (SIPRNet) e não sigilosa (NIPRNet) do Departamento de Defesa em novembro de 2013, permitindo que as Unidades do Exército a testassem e fornecessem *feedback*. O TBOC realizou demonstrações com a TBR-EDT em locais de adestramento e de desenvolvimento de liderança, incluindo o Curso de Pré-Comando de Brigada e o Curso de Operações de Modelagem e Simulação (*Functional Area 57*), o Centro de Excelência de Manobras e locais de instrução da Guarda Nacional do Exército. Um comentário feito por um usuário do Exército exemplifica o *feedback* recebido pelo TBOC sobre o valor da ferramenta: “Acabei de passar um mês e meio criando um conjunto de apoio ao treinamento. Ao utilizar o repositório, consegui criar um conjunto parecido com o mesmo nível de fidelidade em uma única tarde”¹³.

Um oficial de modelagem e simulações afirmou, recentemente, que, a seu ver, o uso da TBR-EDT melhoraria o processo de criação dos conjuntos de apoio de treinamento nos escalões Brigada, Divisão e Corpo de Exército. Disse, ainda, que a ferramenta transformaria os oficiais de simulações em “estrelas de rock, quando chegassem às suas primeiras missões operacionais”¹⁴. Além disso, oficiais que servem em Unidades Conjuntas e oficiais da liderança superior do Exército estão respondendo de forma muito positiva, e vários

lamentaram não ter tido esse tipo de ferramenta disponível para treinamentos no passado¹⁵.

O TBOC completou o processo de certificação do Exército para a TBR-EDT em agosto de 2014. Aguarda o credenciamento final do Exército para a ferramenta, com a aprovação da autoridade para operar.

Conclusão

Embora não possa executar todo o trabalho realizado pelo estado-maior para criar e montar um exercício de treinamento na guarnição, a TBR-EDT fornecerá uma solução efetiva para o início do exercício. As Unidades continuarão tendo de conduzir o processo decisório militar e criar suas Ordens de Operações dentro de um exercício. A ferramenta proporcionará um WTSP que contém materiais táticos, de controle e de configuração, bem como planos de avaliação e referências para os exercícios. Isso significa que os planejadores facilmente obterão grande economia de recursos ao planejar e montarem seus exercícios. Prevê-se que as Unidades concluam um WTSP em uma questão de dias, em vez de meses, permitindo-lhes concentrar-se mais em adestrar que em criar e montar um exercício de adestramento.

O produto final da TBR-EDT é um exercício conjunto ou um contendo somente tropas do Exército

que abrange todos os escalões, criado dentro de um ambiente de treinamento complexo, realista, integrado e desafiador, que guiará operações, estimulará condutas de combate de estado-maior e ajudará a satisfazer os objetivos de adestramento do comandante em menos tempo e com custos significativamente mais baixos. Se as Unidades investirem tempo para usar essa capacidade valiosa, ela contribuirá em muito para o esforço do Exército em revitalizar o adestramento na guarnição e construir uma Força operacional com capacidades conjuntas e expedicionárias.

Finalmente, a TBR-EDT é apenas uma das muitas capacidades complementares disponíveis no TBOC. Como um componente do Operational Environment Enterprise e da S2 do TRADOC, o TBOC acessa dados, informações e conhecimentos do mundo real, configurando-os para a aplicação concentrada em locais de adestramento, ensino e desenvolvimento de liderança.

O TBOC apoia o adestramento realista e relevante na guarnição e na instituição, ao prover profundidade e complexidade à elaboração de cenários e exercícios. Desenvolve, ainda, visualizações do ambiente operacional e jogos de simulação coerentes com o modelo de aprendizado do Exército e que respondem adequadamente às necessidades da Unidade¹⁶. ■

O Cel (Res) David Paschal, do Exército dos EUA é Diretor do Training Brain Operations Center (TBOC) em Newport News, na Virgínia. É oficial da Reserva, de Infantaria, com várias designações de comando e desdobramentos operacionais, incluindo o comando da Brigada de Combate Warrior, 10ª Divisão de Montanha, durante uma missão de 14 meses em Kirkuk, no Iraque; e do 2º Batalhão do 87º Regimento de Infantaria, no Afeganistão, em apoio à Operação Enduring Freedom.

O Maj Alan Gunnerson, Exército dos EUA, Reserva, é consultor sênior da CGI Federal Corporation, apoiando o TBOC como supervisor de administração da Data Transformation Laboratory Enterprise (empresa especializada em tratamento de dados).

Referências

Epígrafe. "Q&A: Gen. David G. Perkins", *Military Training Technology*, 10 Oct. 2014, <http://www.kmimediagroup.com/military-training-technology/440-articles-mtt/q-a-general-david-g-perkins> (acesso em: 10 nov. 2014).

1. O Gen Ex (Reserva) Robert Cone, ex-Comandante do U.S. Army Training and Doctrine Command (discurso de abertura, 2013 Association of the United States Army [AUSA] Institute of Land Warfare Winter Symposium and Exposition, Fort Lauderdale, FL, 20 fev. 2013), apud C. Todd Lopez, "Army Must Shift Focus From Execution to Preparation", disponível *on-line* no site do U.S.

Army, <http://www.army.mil>, news archive (acesso em: 2 dez. 2014). Cone disse que o Exército precisa fazer uma mudança de prover os recursos para a luta no Afeganistão para a preparação por conflitos futuros ao investir no desenvolvimento de liderança e no adestramento.

2. Combined Arms Center-Training (CAC-T), "Memorandum for Record: DCG CAC-T Description of the Complex Training Operational Environment (Version 26) and updated implementing guidance", Brig. Gen. Mike Lundy, 29 Jan. 2014.

3. Os grupos de trabalho do Army Training Summit II se reuniram em 16-20 de maio de 2011, 21-23 de junho de 2011 e 18-22 de julho de 2011 no Forte Leavenworth, no Kansas. A videoconferência com o general de uma estrela ocorreu em 9 de agosto de 2011. A Army Training Summit II ocorreu em 14-15 de setembro de 2011.

4. Headquarters, U.S. Army Training and Doctrine Command (TRADOC), TRADOC Tasking Order IN1325-1649: TRADOC Support to the Army Approved Functional/Multi-Functional (F/M-F) Unit Training Strategy, 21 Nov. 2011.

5. TRADOC Pamphlet (TP) 350-70-1, *Training Development in Support of the Operational Domain* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 24 Feb. 2012). Um WTSP é um conjunto de treinamento completo, independente e exportável, que integra todos os produtos, recursos e materiais de instrução necessários para apoiar o adestramento da Força operacional. Satisfaz o alcance mais amplo do que a comunidade coletiva de adestramento exige dos seus eventos. Os WTSP variam muito em tamanho e profundidade de conteúdo, dependendo dos eventos, ambiente, público-alvo e ferramentas de instrução disponíveis. Um WTSP fornece vários níveis de detalhe para descrever um evento de treinamento de Unidade para a utilização nos ambientes reais, virtuais (incluindo jogos) e construtivos, ou qualquer combinação desses.

6. Training Circular 7-101, *Exercise Design* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 26 Nov. 2010); TP 350-70-1 fornece orientação detalhada que apoia a TRADOC Regulation 350-70, *Army Learning and Policy Systems* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 6 Dec. 2011) e orientações complementares sobre procedimentos para o desenvolvimento de produtos de adestramento de Unidade. Este guia utiliza o modelo de desenvolvimento de sistemas instrutivos, que é frequentemente denominado processo de análise, projeto, desenvolvimento, implementação e avaliação.

7. Army Training Network, *Leaders Guide to Training in the Integrated Training Environment: Brigade and Battalion Exercise Planning* (Fort Leavenworth, KS: Army Training Network, 25 Sep. 2014), disponível on-line em: <https://atn.army.mil> (acesso em: 2 dez. 2014); CAC-T Memorandum for Record. Brig. Gen. Lundy mandou a integração do TBR no ambiente de adestramento integrado.

8. A Joint, Live, Virtual, and Constructive (JLVC) 2020 Technical Architecture é uma atualização do Joint Training Environment para satisfazer as necessidades de treinamento da Joint Force 2020. A arquitetura técnica é uma iniciativa de arquitetura em vez de uma integração de modelos monolíticos; inclui computação

em nuvem e tecnologias de Web 2.0 e é baseada nos requisitos e no gerenciamento de riscos. O esforço JLVC 2020 é liderado pela Diretoria do Estado-Maior Conjunto para o Desenvolvimento da Força Conjunta (J-7). Os Cloud-Enabled Modular Services ("Serviços Modulares Capacitados pela Computação de Nuvem do", em tradução livre) JLVC 2020 incluem uma Scenario Management Tool (Ferramenta de Gestão de Cenários) que inclui ferramentas de criação de eventos e de criação de cenários. A EDT conjunta talvez proporcione uma grande parte dos serviços necessários para a SMT.

9. O *Modernized Integrated Database* ("Banco de Dados Integrado e Modernizado") é um aplicativo de missão de Inteligência do Sistema de Informações de Inteligência do Departamento de Defesa. Serve como o repositório principal para a produção de dados e a disseminação de Inteligência militar envolvendo ordens de batalha, instalações, redes de comando e controle, seleção de alvos, avaliação dos efeitos de combate pelo mundo inteiro e outras informações relacionadas, necessárias para avaliações estratégicas e para a tomada de decisões sobre políticas nacionais.

10. O TBOC decidiu usar o Order of Battle Service (OBS) eXtensible Markup Language (XML) como o formato de saída da modelagem e simulação para a TBR-EDT. O OBS XML foi desenvolvido em apoio à federação JLVC, e proporciona uma fonte única de dados de inicialização para todos os seus federados. Os 23 federados utilizados dentro do JLVC abrangem modelos e simulações para as forças conjuntas, do Exército, da Marinha, da Força Aérea e de Fuzileiros Navais.

11. Decisive Action Training Environment (DATE) version 2.1, February 2014. O departamento de atividade de apoio de Inteligência (Intelligence Support Activity) do TRADOC desenvolveu o DATE para prover à comunidade de adestramento do Exército uma descrição detalhada das condições de cinco ambientes operacionais virtuais na região do Cáucaso: Ariana, Atropia, Gorgas, Minaria e Donovia.

12. TRADOC, *Contemporary Operational Environment Actors & Role Players Handbook* (Fort Leavenworth, KS: TRADOC Intelligence Support Activity, August 2007), https://rdl.train.army.mil/catalog-ws/view/100.ATSC/C3E9AA9E-AC02-42B8-9365-A-06699145435-1274554507263/159-d-0003/coe_arp_hdbk.pdf (acesso em: 17 nov. 2014).

13. Comentário do analista sênior da força adversa feito durante a prova inicial de Unidade do TBR no final de agosto de 2013, Forte Campbell, no Estado do Kentucky.

14. Comentário feito por um oficial do Curso de Operações de Modelagem e Simulação (Funcional Area 57) que incluía uma introdução à TBR-EDT. Atualmente, uma introdução à TBR-EDT é apresentada em vários locais institucionais militares, incluindo o Curso FA57 e o Curso de Pré-comando de Brigada.

15. Durante várias visitas ao TBOC, oficiais conjuntos e da liderança superior do Exército fizeram comentários positivos sobre a TBR-EDT, incluindo o comentário citado.

16. Mais informações estão disponíveis no site do TBOC: <http://tboe.army.mil> (acesso em: 17 nov. 2014).

Tradução e Interpretação Militar Brasileira em Missões de Paz da ONU

A Relevância de um Serviço Especializado

Cap Israel Alves de Souza Júnior, Exército Brasileiro

No atual cenário internacional, o Brasil tem se projetado mais e mais, seja através de seus ímpares recursos naturais ou de seus profissionais altamente capacitados. Assim também têm feito nossas Forças Armadas que, por intermédio de profissionais cada vez mais especializados, têm buscado no domínio dos idiomas estrangeiros a mais adequada e estratégica forma de destaque no âmbito das relações internacionais.

Um dos principais fatores que contribui para a impulsionamento de nossas Forças Armadas, junto às organizações internacionais governamentais ou não, é o grau de comunicabilidade apresentado pelos militares. O Exército Brasileiro é parte singular deste processo, haja vista sua participação nas missões de Manutenção da Paz.

Contudo, como nem todos os nossos militares dominam idiomas estrangeiros, fez-se necessário utilizar um profissional que pudesse intermediar as conversas, cursos, reuniões, negociações etc. com militares ou civis estrangeiros, ou, ainda, que pudesse trazer documentos elaborados em outros idiomas para a nossa língua materna. Surge, então, no seio do Exército Brasileiro a figura do militar que atuará como intérprete e tradutor militar.

Atualmente, há uma crescente demanda por enviar tropas¹ para o exterior a fim de prover o apoio requisitado pela Organização das Nações Unidas (ONU) aos países que solicitam tal intervenção.

Assim, diante das dificuldades de comunicação apresentadas no teatro de operações, tornou-se imperativo o emprego de tradutores e intérpretes militares nessas operações militares. Entretanto, nota-se, ainda, um despreparo técnico em sua seleção e utilização, uma vez que deveriam ser profissionais da linguagem com experiência sólida, formação adequada e aptidão para o exercício da arte de traduzir e interpretar em prol da paz mundial.

Pioneirismos – Batalhão Suez

De acordo com Fontoura (2009) e Aguilar (2005), dois episódios marcam o início da participação de militares brasileiros em iniciativas de organismos internacionais voltadas para manutenção da paz: a presença de um oficial da Marinha na Comissão da Liga das Nações que administrou a região de Letícia, entre 1933-34, e de três oficiais², um da Marinha, um da Aeronáutica e outro do Exército, na Comissão Especial das Nações



Figura 1 – Região dos Bálcãs

Unidas para os Bálcãs (UNSCOB), que operou na Grécia, de 1947 a 1951. Esses três observadores militares atuavam apenas no lado grego da fronteira e eram acompanhados por um funcionário civil da Organização das Nações Unidas (ONU), oficiais de ligação gregos e um intérprete local³.

Desde então, o país participou de 27 missões de paz ou civis sob a égide da ONU e de missões estabelecidas pela Organização dos Estados Americanos (OEA), com observadores militares, policiais, peritos eleitorais, especialistas em saúde, tropas armadas, e pseudo ou verdadeiros tradutores e intérpretes⁴, como em Suez, na República Dominicana, Moçambique, Angola, Timor Leste e Haiti.

Durante o estabelecimento da Força de Emergência das Nações Unidas I (UNEF-I), primeira experiência das Forças Armadas brasileiras de ceder tropas para missões de paz da ONU, no contexto da crise de Suez,

no território do Egito, há o Batalhão Suez, com cerca de 600 oficiais e praças do Exército, que em um primeiro momento eram oriundos de unidades do Rio de Janeiro.

Quando a UNEF foi criada e implantada, em fins de 1956, no Oriente Médio e Faixa de Gaza, com a finalidade de intermediar o conflito árabe-israelense, e assim garantir a neutralidade e a paz na região conflituosa, a ONU houve por bem determinar que a língua oficial daquela missão de paz seria o inglês. Assim, esta se tornou a língua oficial de trabalho e de comunicação para todos os Contingentes e para todos os integrantes da UNEF.

O Brasil sabia que toda a comunicação para fora do Batalhão Suez teria que ser na língua inglesa, mas nunca se apercebeu que deveria montar uma estratégia de ordem oficial, isto é, alguém que tivesse o pleno domínio e intercâmbio da língua estrangeira adotada



Gen Werlon Coaracy Roure (esq.) e Cel Inf Haroldo Carvalho Netto (dir.).

(Site da 8ª Bda Inf Mtz, Pelotas-RS; Arquivo pessoal da neta Marcella Cascione Netto)

na UNEF com os interesses do nosso Batalhão. Então, o Contingente Brasileiro valia-se tão somente de militares voluntários com a iniciativa de resolver a intercomunicação com as demais delegações da Missão e, em especial, nos assuntos administrativos junto ao QG da UNEF.

Enfim, aquela era uma falha que um dia deveria ser solucionada, pois a grande maioria do nosso pessoal, incluindo os Comandantes, não tinha o domínio do idioma inglês, e sempre se valia de outro militar que, às vezes, era deslocado, às pressas, para resolver muitos dos problemas que tinham cunho oficial no QG da UNEF, em Gaza. A qualidade do serviço prestado, em muitas ocasiões, era, de certo modo, duvidosa, embora houvesse boa vontade dos envolvidos em resolver a questão.

Ao longo da história, evidencia-se que, por várias vezes, o comando do contingente brasileiro passou por apuros em reuniões no QG de Gaza, justamente por não possuir domínio linguístico adequado; surgiu, então, a ideia de se criar uma condição oficial, que pudesse bem representar o Brasil à altura das reais necessidades que se apresentavam à época.

Embora não se soubesse que a Missão se aproximava do final devido à Guerra dos Seis Dias que se avizinhasse, a criação oficial da Seção de Intérprete no Batalhão Suez aconteceu no período do 18º Contingente, quando foi realizada uma reformulação da UNEF e o Brasil foi indicado para acumular uma nova missão⁵. A Seção de Intérprete era uma necessidade bem antiga e acabou sendo instalada, graças à visão e participação do então oficial de logística⁶ do batalhão. Após sua implantação,

não há como negar os méritos e os bons serviços prestados pela Seção de Intérpretes ao Batalhão Suez e à Missão de Paz da ONU no Oriente Médio⁷.

No entanto, com o intuito de guarnecer a Seção de Intérpretes do Batalhão Suez, e com a devida aprovação da UNEF para designar três capitães para ocupar as funções, fez-se necessária a seleção de militares brasileiros naquele posto, que foram convidados a fazer um concurso no então Centro de Estudos da Linguagem, no Palácio Duque de Caxias (antigo Ministério da Guerra) no Rio de Janeiro. Essa seleção foi realizada por oficiais americanos da Comissão Militar Mista Brasil-EUA. Para tal, apresentaram-se quinze capitães, sendo escolhidos os três primeiros colocados⁸.

A ida dos intérpretes para a faixa de Gaza deu-se juntamente com a 8ª Companhia, que integrava oficialmente o 19º Contingente Brasileiro naquela missão⁹.

Moçambique, Angola e Timor-Leste - Um Salto para Trás

Ao abordarmos a missão em Moçambique, Operação das Nações Unidas em Moçambique – ONUMOZ, cuja atuação brasileira se deu por intermédio do envio de militares em funções específicas como a de comandante do componente militar, observadores militares e uma única Companhia de Infantaria, no ano de 1994, vemos que o uso do intérprete militar retrocedeu, um pouco, em relação à experiência brasileira em Suez. Isso se deu porque o idioma local era o português, facilitando o contato com a população; o inglês seria utilizado em maior escala no contato com o Comando Regional, situado em Beira, já que o *Force Commander* era um General brasileiro¹⁰, com base em Maputo. Era no Comando Regional que ficava o único intérprete militar brasileiro¹¹; não porque tinha formação para tal, mas porque era aquele que melhor podia se comunicar em inglês. Dessa vez, nem concurso ou seleção foram realizados. Simplesmente, enviaram-no da base para o Comando Regional, caracterizando, dessa forma, um enorme passo para trás na importância dada ao serviço de interpretação militar, se comparado ao pioneirismo histórico do Batalhão Suez.

Ao investigarmos o uso do intérprete na Missão das Nações Unidas para Verificação de Angola (UNAVEM), seja na UNAVEM I ou na UNAVEM II, percebemos que o Brasil contribuiu somente com observadores militares, não com tropas — assim, sem a

presença de intérpretes militares. Somente na terceira fase desta missão, UNAVEM III, com mudança no teor do mandato, o Brasil pôde contribuir com observadores militares, equipes de saúde, oficiais de Estado-Maior, um Batalhão de Infantaria, uma Companhia de Engenharia e dois Postos de Saúde Avançados¹². Mais uma vez, como na ONUMOZ, observamos que a questão do uso do intérprete fora relegada a segundo plano no contingente militar, apesar da falta de militares capazes de desempenhar funções que necessitassem de comunicação contínua e frequente em idioma estrangeiro, nesse caso, a língua inglesa. Esse foi mais um recorte no tempo e espaço que representa a notória era do “ei, você, que fala inglês, a partir de agora será meu intérprete!”. Ademais, os militares que eram “escolhidos” para serem os “ditos” intérpretes, ainda que não ultrapassassem o número de 05 no total, tinham que acumular outras funções.

Vejam agora o que aconteceu no Timor-Leste. Sabe-se que o Timor-Leste abrigou seis missões/intervenções sob a égide das Nações Unidas: UNAMET, UNTAET, UNMISSET, UNOTIL, UNMIT; entretanto, foi somente com o advento da INTERFET, diante da incapacidade de o governo da Indonésia controlar a situação, que a ONU decide criar uma força multinacional, composta por dez mil homens cedidos por 22 países, dentre eles o Brasil, com o objetivo de restaurar a ordem e as leis internas naquele país. O Governo brasileiro, ouvido o Congresso Nacional, decidiu enviar um pelotão de 50 policiais do Exército e um oficial superior comandante do contingente brasileiro (CONTBRAS). Esse contingente foi mobilizado em apenas uma

semana, mediante a seleção de militares de uma mesma unidade em Brasília-DF. Fica claro que, mais uma vez, no transcorrer da história da participação militar em missões de paz, a função de tradutor e/ou intérprete fora deixada de lado. Durante a fase de treinamento, os militares receberam instruções sobre as atribuições básicas que teriam no Timor-Leste, mas nada foi falado a respeito do domínio do idioma; até porque, sabemos que para ser tradutor ou intérprete temos que extrapolar a noção de domínio do idioma, chegando a atingir detalhes que permeiam uma cultura que não é a nossa.

Dessa forma, tivemos mais uma edição do “ei, você que fala inglês, a partir de agora será meu intérprete!” ou, ainda, houve aqueles momentos em que militares assumiram a função de outrem que, simplesmente, não conseguia se comunicar. Há relatos de oficiais que foram, de certa forma, substituídos por outros mais modernos, mas que, em contrapartida, se comunicavam no idioma estrangeiro, ainda que não fossem totalmente fluentes.

Parece difícil de acreditar, mas não tínhamos aprendido naquele momento o que deveríamos fazer com a ineficiência linguística de nossas tropas. Ora, se em algum momento tivéssemos nos lembrado do esforço empenhado na Missão de Suez — criar uma Seção de Intérpretes, já que assim, ao longo de dez anos, muita inexatidão de informações e muita incapacidade de comunicação seriam evitadas.

Será que estávamos fadados a perecer diante do processo decisório? Isso porque a falta de habilidade em se comunicar interfere diretamente na participação em momentos de tomada de decisão. Felizmente, veremos



Embarque das tropas do Batalhão Suez no Rio de Janeiro.

(Arquivo pessoal do Cb Theodoro, ex-integrante do Batalhão Suez)

mais adiante que daremos um salto de qualidade enorme; contudo, precisaremos de muita orientação, formação e treinamento para empregar aqueles que nos ajudariam em nossa próxima missão a desenvolver um trabalho que se tornaria um modelo consolidado de eficiência e capacidade operativa no terreno.

Minustah – Dois Saltos para Frente

Em fevereiro de 2004, conflitos armados eclodiram no Haiti, mais precisamente em Gonaïves, espalhando-se por outras cidades nos dias subsequentes. Gradualmente, os insurgentes assumiram o controle do norte do Haiti. Apesar dos efetivos esforços diplomáticos, grupos armados ameaçaram marchar sobre Porto Príncipe (PaP). O então Presidente do Haiti, Jean-Bertrand Aristide, deixou o país em 29 de fevereiro daquele ano, asilando-se na África do Sul. De acordo com as regras de sucessão constitucional, o presidente da Suprema Corte, Bonifácio Alexandre, assumiu a presidência, interinamente. Bonifácio requisitou, de imediato, assistência das Nações Unidas para apoiar uma transição política pacífica e constitucional e manter a segurança interna. Nesse sentido, o Conselho de Segurança (CS) aprovou o envio da Força Multinacional Interina (MIF) que, prontamente, iniciou seu desdobramento, liderada pelos EUA.



Figura 2 – Mapa geral do Haiti

Considerando que a situação no Haiti ainda constituía ameaça para a paz e segurança internacional, o CS decidiu estabelecer a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), que assumiu a autoridade exercida pela MIF em 01 de junho de 2004. Para o comando do componente militar da MINUSTAH (Force Commander) foi designado o General Augusto Heleno Ribeiro Pereira, do Exército Brasileiro¹³.

A partir de então, o governo brasileiro, autorizado pelo Congresso Nacional, passou a enviar tropas para fazer parte do componente militar da MINUSTAH. É fato que tropas em terreno estrangeiro precisariam se comunicar para atingir objetivos táticos, operacionais ou estratégicos. Assim, na concepção do efetivo que iria compor a então Brigada Haiti e, posteriormente, o Batalhão Brasileiro e Companhia de Engenharia de Força de Paz, foi incluída no Quadro de Cargos Previstos (QCP), pela segunda vez¹⁴, na história da tradução e interpretação militar brasileira, a função de intérprete, que muitas vezes, se não quase sempre, exerceria também a função de tradutor.

Ao longo de uma década de desdobramento de tropas brasileiras no Haiti, já enviamos um total de 164 militares, entre homens e mulheres, para exercer a função de tradutores e intérpretes de inglês e de francês em prol da paz naquele país. Vejamos, a seguir, alguns dados estatísticos para compreendermos melhor o perfil desses militares, que diferentemente do que ocorrera para o Batalhão Suez, são selecionados diretamente pelo Gabinete do Comandante do Exército, baseado em seus Índices de Proficiência Linguística (IPL)¹⁵ adquiridos mediante testes de idiomas aplicados pela Seção de Idiomas do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), no Rio de Janeiro.

Apesar de termos enviado um número razoável de militares para atuar junto ao CONTBRAS na MINUSTAH como intérpretes, a maioria desses militares não tem formação na grande área de Letras, seja com o bacharelado ou a licenciatura, seja em tradução ou interpretação.

Dentre os 164 militares (intérpretes) desdobrados em solo haitiano, o número mais expressivo é o quantitativo de praças (cabos, sargentos e subtenentes) enviadas naquela função.

Nota-se, porém, que só o segmento masculino foi considerado como referencial indicador para

o levantamento da quantidade de oficiais e praças empregadas nesta missão. O segmento feminino foi descartado neste quesito, pois não há, oficialmente, nenhum relato de praça feminina que tenha atuado como intérprete, previsto em QCP, no Haiti.

ETIMIL – O Treinamento do Tradutor e Intérprete Militar

Com o passar dos anos, devido à crescente demanda e à efetiva necessidade de se receber, nos contingentes a serem desdobrados no Haiti, militares preparados para atuarem como intérpretes e tradutores, municiados com conhecimento teórico-prático para o exercício da função, e que tivessem a capacidade técnica mínima para superar os desafios que se apresentavam no terreno, no segundo semestre de 2011, foi criado, no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) no Rio de Janeiro, um estágio preparatório¹⁶ de 01 semana para os militares selecionados como tradutores e intérpretes do 16º Contingente Brasileiro que seria empregado no Haiti ao longo do ano de 2012.

A partir daquele pontapé inicial, o Estágio para Tradutores e Intérpretes Militares (ETIM) seria o precursor do ETIMIL, cuja sigla manteria o significado original do estágio embrionário de 2011.

O ETIM, diferentemente do ETIMIL, tinha uma única semana de treinamento focado na prática de interpretação intermitente e consecutiva. Seu Quadro de Trabalho Semanal (QTS) previa instruções de teor variado, mas seu foco principal e permanente era o treinamento de técnicas, independente do conteúdo específico para o preparo de tropas a serem empregadas em operações de paz.

No ano de 2012, houve uma única edição do ETIM, que manteve seu foco nas técnicas para o exercício da função de intérprete, mas, também, abordou detalhes do ofício de tradutor no CONTBRAS da MINUSTAH. Era a vez do 17º Contingente do BRABAT e da BRAENGCOY. Um avanço no treinamento já apontava no horizonte, mas havia muito a ser mudado para que o Exército pudesse contar com militares mais bem preparados para assumir tamanha responsabilidade no que se refere a traduzir e interpretar em cenário internacional.

A partir de 2013, a Divisão de Tradutores e Intérpretes do CCOPAB, após muitas análises e estudos para a melhoria do processo de

Número de Intérpretes Militares

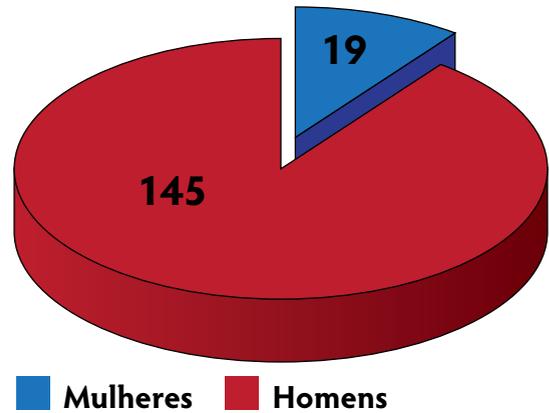


Figura 3 – Número de homens e mulheres empregados na função de intérprete do CONTBRAS

Número de Militares

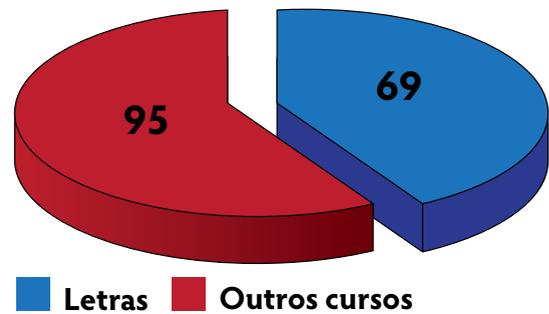


Figura 4 – Número de militares graduados em Letras empregados como intérpretes no CONTBRAS

Homens



Figura 5 – Número de oficiais e praças, do segmento masculino, empregados como intérpretes no CONTBRAS

ensino-aprendizagem dos militares, e alinhada com os padrões de preparo estabelecidos pelo Departamento de Operações de Manutenção da Paz das Nações Unidas (DPKO/UN), resolveu modificar o estágio, devidamente autorizada pelo comandante¹⁷ do CCOPAB, alterando sua sigla para ETIMIL, e dividindo a preparação em 02 fases: uma fase à distância (EAD), com duração de 80 horas e uma fase presencial, com duração de 40 horas, totalizando, assim, 120 horas de estágio, i.e., 1/3 do total da carga horária de um curso de pós-graduação Lato Sensu na mesma área. Visualizou-se a necessidade de estruturar uma ementa de curso, por módulos, que abrangessem a teorias dos estudos de tradução e interpretação. A maior concentração dos elementos teóricos ficou na fase EAD, deixando uma maior oportunidade de prática contínua para a fase presencial, no CCOPAB.

Disciplinas como língua portuguesa, línguas estrangeiras, fundamentos da tradução^{18,19}, fundamentos da interpretação e prática inicial de tradução/versão fazem parte do EAD do ETIMIL. Já as práticas de interpretação consecutiva, intermitente e simultânea sussurrada são exploradas na fase presencial.

A equipe da Divisão de Tradutores e Intérpretes buscou, ainda, inserir no treinamento dos militares, questões do uso de novas tecnologias aplicadas à tradução, i.e., ferramentas CAT (softwares de apoio à tradução), tradução automática, uso de corpora *on-line*, glossários etc. As variedades interpretativas e seus modelos também foram incorporados ao treinamento, contribuindo, sobremaneira, para o aperfeiçoamento do ETIMIL, e, por conseguinte, dos militares estagiários.

Imprescindíveis para o bom andamento dos projetos de tradução, as ferramentas tradutórias vêm viabilizar traduções com rapidez e eficácia, sem perder de vista a qualidade do produto final (CRONIN, 2013). Nas diversas missões de paz, qualidade e rapidez na entrega de documentações traduzidas ou vertidas são primordiais e se tornam um grande diferencial da tropa no terreno.

Com a redefinição do currículo e do QTS do ETIMIL, os procedimentos técnicos da tradução e os diferentes modelos interpretativos foram inseridos no preparo dos militares. Com relação à interpretação, a partir do 16º CONTBRAS, a Companhia de Engenharia de Força de Paz – Haiti (BRAENGCOY)

passou a contar com o equipamento de rádio visitação para realização da interpretação simultânea, mormente em reuniões presididas pelos diversos setores da MINUSTAH ou internas ao contingente. Na missão, o equipamento é de extrema utilidade, dado o caráter multidimensional próprio das missões da ONU e o uso do princípio da economia de tempo.

A interpretação simultânea possui uma dificuldade técnica substancialmente maior para o intérprete, devido ao alto grau de concentração necessário para realizar tal operação (PHELAN, 2001). Assim, na primeira edição do estágio do ano de 2014, a equipe de coordenação do ETIMIL resolveu inserir as técnicas de interpretação em cabine e sua prática efetiva na preparação dos militares a serem desdobrados. Igualmente, a prática da interpretação simultânea também foi explorada na submodalidade sussurrada ou *chuchotage*, pois é mais um recurso a ser explorado pelo intérprete quando estiver desempenhando seu papel na missão.

Também no ano de 2014, foram incorporadas ao ETIMIL as oficinas de tradução à prima vista, interpretação por telefone, técnicas de gerenciamento de estresse e técnicas de anotação.

Devido ao grande volume de conteúdo, e considerando a responsabilidade conferida ao tradutor/intérprete em missões de paz, o ETIMIL conta com 19 avaliações, escritas e práticas, gerando, assim, um resultado mensurável e de grande valia para o assessoramento dos comandantes do BRABAT e da BRAENGCOY, no que tange ao desempenho dos militares selecionados para a função de tradutor/intérprete em missão de paz.

Como o processo de ensino-aprendizagem é, e deve ser sempre, flexível, mais uma vez a equipe da Divisão



Turma do ETIMIL 2013 na aula de Ferramentas CAT.

(Arquivo de fotos CCOPAB)



Turma do ETIMIL de 2014 em prática de interpretação em cabine.

(Arquivo de fotos CCOPAB)

de Tradutores e Intérpretes do CCOPAB, pesquisando novas demandas, e autorizada pelo atual comandante²⁰ do Centro, resolveu incluir no pacote de treinamento dos militares, a partir da primeira edição de 2015, o CPTM²¹ da ONU (*Core Pre-deployment Training Material*). Essa foi uma necessidade que se apresentou ao longo desses 10 anos de emprego na MINUSTAH, pois faltava para esses militares, um conhecimento mais sólido sobre operações de paz da ONU e assuntos correlatos.

Considerações Finais

Fica evidenciado que o militar designado para exercer a função de tradutor e intérprete em missões de paz, ou em qualquer outra missão, precisa ter uma preparação que acolha as especificidades dessa área tão singular da Linguística Aplicada²². De fato, aprendemos com nossas experiências anteriores a não subestimar o serviço de tradução e interpretação prestado por militares em terreno; no entanto, ao longo de décadas de tentativas, tomando por base os erros e acertos, verificamos que não podemos simplesmente enviar qualquer militar para desempenhar função de tamanha responsabilidade. Na história da tradução e interpretação militar mundial, muitos acordos de paz foram selados e conflitos criados por meio de bons e maus serviços de interpretação prestados, respectivamente. Um erro de interpretação em uma negociação do processo de paz pode gerar grande mal-estar entre as partes envolvidas, e definir a solução ou não do problema em questão.

Desse modo, é fácil concordar plenamente com Tassini (2012) e Guillet (2012) que tradutores e

intérpretes nunca poderão ser formados da noite para o dia. A experiência com os pares de idiomas de trabalho, culturas diferentes e conhecimento de mundo contam demasiado na formação desse tipo de profissional, e isso leva tempo.

Segundo Robinson (2003), intérpretes e tradutores precisam ter experiência de mundo real, permeando viagens, moradas ou visitas longas aos países que falam os seus idiomas de trabalho, e acima de tudo, precisam ter curiosidade pelo modo como a língua é utilizada em diferentes contextos, registros, estilos etc. — da linguagem de um encanador à de um *barman*, de um professor à de um médico, de um engenheiro à de militares em operações de paz.

Traduzir não se contém na operação elementar da busca da correspondência dos vocábulos. Arte, muito mais complexa e sutil, deverá harmonizar aquelas duas outras, já de si tão delicadas, a de ler e a de escrever. Nelas, são os pseudotradutores, sem formação, sem preparo, sem experiência, arrastados a pecados veniais muito frequentes, como também aos achismos e traições de pensamento. Era exatamente assim que nós agíamos; entretanto, ao acumularmos nossas vivências em diferentes missões, enfrentando e vencendo desafios, com mais ou menos dificuldades, percebemos a importância de se ter um militar que desempenhasse única e exclusivamente o seu papel como tradutor/intérprete em missões de paz.

O próprio Silveira (2004) declara que, a muita gente, afigura-se extremamente simples a tarefa de traduzir. Para eles, basta que uma pessoa saiba ler em determinado idioma estrangeiro e que, em língua nacional, vá reescrevendo o texto, palavra por palavra, frase a frase, parágrafo a parágrafo. Na aparência, é assim; na realidade, porém, muito mais que isso. O Exército Brasileiro já percebeu essas diferenças e deu um grande passo, nesse sentido, ao permitir que o CCOPAB ofereça, em geral, semestralmente, o ETIMIL.

Samuelson-Brown (2010) corretamente estabeleceu as seguintes habilidades para o tradutor e intérprete: entendimento e consciência cultural, atualização em tecnologia da informação aplicada à tradução/ interpretação, gerenciamento de projetos, domínio linguístico-lexical, conhecimento e prática do processo de comunicação, incluindo expressão oral e escrita, e sólido preparo no processo de tomada de decisões. O CCOPAB realiza o ETIMIL na crença de que contribui

com essas informações, na medida do possível, para reduzir as dificuldades encontradas pelos tradutores e intérpretes militares no terreno, pois entendemos que a designação de um militar para ser tradutor e intérprete não o faz tradutor e intérprete, e, se ele não tiver as habilidades profissionais mínimas necessárias, poderá pôr em risco o objetivo da missão, nos diferentes níveis: tático, operacional e estratégico.

Evidente que, se compararmos a atual preparação dos tradutores/intérpretes militares designados para missão de paz com o que se praticava nas décadas de 50, 60 e 90, teremos 100% de aproveitamento, já que nada existia a respeito.

Bem salientado por Silveira (2004), com autoridade incontestável, a consequente prática da experiência e estudo na formação do tradutor e intérprete é fundamental, e essa não se completa de uma vez por todas; ou melhor, ela demanda adaptação a cada caso especial, no gênero e na espécie, donde a necessidade de estudo e reflexão, e também o aprimoramento de qualidades éticas e de conduta essenciais. Reconhece-se, ainda, que é quase de ordem moral a obtenção dos predicados de preparação técnico-linguística. Ninguém poderá negar

que esta última terá de ser requisito ou condição preliminar para o adequado exercício da função. Não basta saber o idioma, mas, sobretudo, é necessário conhecer profundamente as variantes entre as culturas envolvidas no processo tradutório e interpretativo que permeia as missões de paz no mundo.

Conclusão

Por mais de sessenta e sete anos essa participação tem servido para projetar o Brasil, no âmbito de organismos internacionais, como um país atuante em benefício da paz, coerente com a política externa e de acordo com os preceitos constitucionais de nosso país.

Conforme Aguilar (2005), a participação ativa nos empreendimentos pela paz traz ensinamentos nas mais diversas áreas, que vão desde a criação de uma doutrina militar genuinamente brasileira de emprego em Força Internacional de Paz, passando pelo adestramento nas áreas de pessoal, operações e logística e pela maior integração entre as Forças Armadas e auxiliares até o contato com materiais e profissionais de outros exércitos. Nesta categoria está incluído o emprego do serviço de tradução e interpretação em prol do CONTBRAS nas missões.



Seção de Intérpretes do 16º Contingente da BRAENGCOY.

(Arquivo pessoal do Cap Israel)

A participação do Brasil em operações de manutenção da paz, de organismos internacionais, colabora para a projeção de poder nacional no contexto internacional, permite o reconhecimento internacional quanto ao nível profissional dos militares brasileiros, reforçando o fator de dissuasão e fortalecendo laços de confiança com os países aliados, por meio do serviço de tradução e interpretação.

De acordo com Kelly e Zetzsche (2012), não há desafio intelectual maior do que construir pontes de

significados entre os diferentes idiomas, preservando, porém, suas individualidades linguísticas e suas identidades culturais. É exatamente para superar tal desafio que o Exército Brasileiro, por meio da Divisão de Tradutores e Intérpretes do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil, oferece o ETIMIL, a fim de preparar militares das Forças Armadas e Auxiliares a prover o relevante serviço de tradução e interpretação, com qualidade, em condições extremas, em missões de paz, em prol da paz mundial. ■

O Capitão Israel Alves de Souza Júnior, do Quadro Complementar de Oficiais (QCO) do Exército Brasileiro, é professor, tradutor, intérprete e coordenador do Estágio para Tradutores e Intérpretes Militares (ETIMIL) do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB). Em 2012, chefiou a Seção de Intérpretes do 16º Contingente da Companhia de Engenharia de Força de Paz (BRAENGCOY) na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

Notas Explicativas

1. Pode-se, então, citar o envio do Batalhão de Infantaria de Força de Paz (BRABAT) e da Companhia de Engenharia de Força de Paz (BRAENGCOY) para o Haiti.

2. No total de 36 voluntários de sete países mobilizados, enviamos os seguintes brasileiros: o Capitão-Tenente John Anderson Munro (Marinha), o Capitão Hervé Berlandez Pedrosa (Exército) e o Capitão-Aviador João Camarão Telles Ribeiro (Aeronáutica).

3. Cidadão grego, sem a devida formação em tradução e interpretação. Atualmente, a ONU caracteriza esses auxiliares como assistentes de linguagem (sic).

4. Nem todas as missões em que se desdobrou pessoal militar para, de certa forma, desempenhar as funções de tradutor e/ou intérprete, recebeu militares especializados e formados com o devido conhecimento técnico, i.e., não poderiam ser classificados como verdadeiros profissionais da área; seriam, assim, pseudotradutores ou pseudointérpretes.

5. Guarnecer e garantir a segurança da Unidade Logística em Rafah Camp, até então de responsabilidade do Batalhão Canadense. Por isso, muito da comunicação que já era em inglês se intensificou.

6. Major Aroldo José Machado da Veiga, S/4.

7. Relato do cabo Theodoro da Silva Júnior, ex-integrante do 10º contingente do Batalhão Suez.

8. Os integrantes da 1ª Seção de Intérpretes do III/2ºRI, Batalhão Suez foram o Cap Inf Walter Bazarov Cardoso Pinto, o Cap Art Werlon Coaracy de Roure e o Cap Inf Haroldo Carvalho Netto.

9. Relato do ex-integrante do Batalhão Suez e intérprete pioneiro no 19º contingente, Coronel de Infantaria R1 Haroldo Carvalho Netto que trilhou uma carreira de sucesso como tradutor até o fim de seus dias, deixando inúmeros artigos e obras traduzidas publicadas. De 1974 a 1976, enquanto estava em Fort Leavenworth - EUA, Haroldo Netto traduzia exemplares da revista *Military Review*.

10. O comandante das forças militares era o General Lélío Gonçalves Rodrigues da Silva, do Exército Brasileiro, cuja complexa responsabilidade exigia estruturar e harmonizar uma força que congregava países de cultura e rotinas diversas.

11. Na época, o então Tenente Claudio Henrique da Silva Plácido, atualmente Tenente-Coronel, ex-comandante do 26º Batalhão de Infantaria Paraquedista (26BI Pqdt), no Rio de Janeiro.

12. Inicialmente desdobrado em Cuito, região mais ao centro do país, com o efetivo de 10(dez) oficiais e 10(dez) praças. Posteriormente, o posto de saúde avançado seria localizado em Luena, cidade mais próxima da fronteira com o Congo — relato do então 1º Ten Médico, S3 e Chefe da Cirurgia do Posto Avançado de Saúde, atual Cel Med Theophilo José da Costa Neto, aluno do CPEAEx 2015 na ECEME, Rio de Janeiro.

13. Segundo Fontoura (2009), esta é uma das poucas vezes em que o Brasil participa de uma missão de paz tanto no comando, desde seu estabelecimento em 2004, quanto na condição de importante país contribuinte com tropas (TCC, sigla em Inglês).

14. Primeira inclusão de vagas de intérpretes em QCP de contingentes para missões de paz da ONU data de 1966.

15. O Índice de Proficiência Linguística (IPL) mínimo considerado pelo Exército Brasileiro na seleção de militares para compor a Seção de Intérpretes, seja do BRABAT ou da BRAENGCOY, é 2122; cada dígito, nesse código numérico, representa, respectivamente, as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever.

16. Em novembro de 2011, a pedido do então Cel Inf Francisco Mamede de Brito Filho, comandante nomeado do 16º BRABAT, ao Cel Inf Pedro Aurélio de Pessôa, comandante do CCOPAB, criou-se o ETIM (Estágio para Tradutores e Intérpretes Militares), concebido em sua essência, coordenado e executado pelo Cap QCO Israel Alves de Souza Júnior.

17. Em 2013, o comandante do CCOPAB era o Cel Inf Luiz Fernando Estorilho Baganha.

18. Em BARBOSA, H. G. Procedimentos técnicos da tradução – uma nova proposta. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

19. Em ALVES, I. C. Modalidades de tradução: uma avaliação do modelo proposto por Vinay e Darbelnet. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 1983.

20. O Cel Cav José Ricardo Vendramin Nunes, ex-integrante da equipe do ITS/UN, é o comandante do CCOPAB desde janeiro de 2014.

21. <http://www.peacekeepingbestpractices.unlb.org/PBPS/Pages/Public/search.aspx>, acesso em 26/12/14.

22. Em DUBOIS, J. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1978.

Referências

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (org.). **Brasil em missões de paz**. São Paulo: Usina do Livro, 2005.

CRONIN, Michael. **Translation in the digital age**. 1ª ed. New York: Routledge, 2013.

FONTOURA, Paulo Roberto C. T. **Brasil:60 anos de operações de paz**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2009.

GUILLET, Jaime. **Interpreters and translators: stories of people who've done it**. 101 Publishing. 2012.

KELLY, Nataly et ZETZSCHE, Jost. **Found in translation: how language shapes our lives and transforms the world**. 1ª ed. Perigee, 2012.

NEWMARK, Peter. **Approaches to translation**. Oxford: Pergamon, 1981.

_____. **A textbook of translation**. New York: Prentice Hall, 1988.

PHELAN, Mary. **The interpreter's resource**. UK: Kindle, 2001.

ROBINSON, Douglas. **Becoming a translator: an**

introduction to the theory and practice of translation. 2ª ed. New York: Routledge, 2003.

RÓNAI, Paulo. **Escola de Tradutores**. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SAID, Fábio M. **Fidus interpres: a prática da tradução profissional**. 2ª ed. São Paulo: Kindle, 2011.

SAMUELSSON-BROWN, Geoffrey. **A practical guide for translators**. 5ª ed. UK, 2010.

SANTOS, Agenor Soares dos. **Guia prático de tradução inglesa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SILVA, Mario C. **Usos e normas técnicas para tradutores**. São Paulo: Álamo, 1984.

SILVEIRA, Brenno. **A arte de traduzir**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

TASSINI, Adriana. **The translator training textbook**. GTI, 2012.

TAYLOR-BOULADON, Valerie. **Conference interpreting: principles and practice**. 3ª ed. Austrália, 2011.



Como Preparar os Militares para a Incerteza

Ten Cel Jonathan Due,
Maj Nathan Finney e
Maj Joe Byerly, Exército dos EUA

Não há dúvida de que novas tecnologias, técnicas e capacidades táticas recentes, tendências geopolíticas e estratégicas e o caráter dos conflitos contemporâneos afetam, consideravelmente,

nosso entendimento da profissão militar. Contudo, a natureza constante e os princípios geralmente aceitos da guerra provêm de fontes consagradas, algumas oriundas da Antiguidade, particularmente as obras

Militares de diferentes companhias de engenharia atravessam uma cortina de fumaça a fim de alcançar e vasculhar um edifício, durante competição no Forte McCoy, Wisconsin, 06 Mai 12.

(Foto do 1º Sgt Michel Sauret)

clássicas de Tucídides e de Carl von Clausewitz. Ambas essas célebres figuras do campo da teoria militar podem ajudar a elucidar um elemento da guerra que o Exército precisa enfrentar, conforme se prepara para os atuais e futuros desafios: a incerteza.

O Campo da Incerteza

A incerteza é um fator que está presente em tudo o que as Forças Armadas precisam realizar na qualidade de agentes da vontade nacional. Os efeitos da incerteza — medo, confusão e fricção — são particularmente evidentes em combate. Nossos líderes estratégicos, operacionais e táticos reconhecem a presença generalizada da incerteza. Reconhecem que a guerra sempre existiu dentro de sua esfera, conforme expresso nas conhecidas palavras de Clausewitz: “A guerra é o domínio da incerteza. Três quartos dos fatores em que baseiam-se [sic] os combates na guerra estão envoltos numa névoa de maior ou menor incerteza”¹.

Os comandantes do Exército sabem que precisam preparar as tropas para enfrentar a incerteza ao longo de toda a gama de operações militares. Este artigo examina como realizar esse preparo, de modo que as tropas do Exército estejam aptas a prevalecer nos conflitos armados. A preparação para o combate deve incluir uma formação e autodesenvolvimento rigorosos, aliados a uma instrução que confira aos militares uma letalidade inigualável no âmbito da Unidade.

A obra de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso não trata da incerteza de maneira explícita. Entretanto, o conceito permeia toda a obra: na morte imprevista de Péricles, causada pela peste, e no novo caráter do regime ateniense, evidente no Diálogo Mélio e na expedição da Sicília, por exemplo².

Em *Da Guerra*, Clausewitz é mais explícito ao tratar da incerteza. Ao examinar a natureza humana da guerra, afirma: “Embora a nossa inteligência anseie sempre por clareza e por certeza, muitas vezes a nossa natureza acha a incerteza fascinante”³. Ao longo de todo o texto, Clausewitz demonstra que a guerra é o mais incerto de todos os empreendimentos humanos⁴. Em vários aspectos, os debates recentes sobre complexidade nas operações militares poderiam ser considerados debates sobre a névoa, a fricção e o acaso inerentes à guerra⁵. Em outras palavras, a ideia de *complexidade* é uma forma de reconhecer a incerteza inerente a toda atividade humana, sendo a guerra a mais perigosa e

violenta atividade possível — não só por envolver a vida e a morte, mas, como observa Clausewitz, porque:

A guerra não é [...] a ação de uma força viva contra uma massa inerte [...] mas sempre o choque de duas forças vivas [...] Enquanto eu não tiver derrotado o meu oponente, estarei fadado a temer que ele possa me derrotar.

Assim, não estou no controle da situação. Ele se impõe a mim do mesmo modo que eu me imponho a ele⁶.

Nesse trecho, Clausewitz discute como a força física, assim como o medo da força física de um adversário, leva à incerteza. Todo militar que tenha assimilado a cultura de “obter, manter e explorar a iniciativa” do Exército dos EUA deve considerar a observação do teórico prussiano⁷. Essa interação não linear e dinâmica faz com que o desenrolar do conflito não seja “a mera seqüência de intenções e ações de cada adversário, mas o padrão ou forma gerados por intenções mutuamente hostis e ações simultaneamente consequentes”⁸.

Em outras palavras, a guerra é um choque de vontades entre dois inimigos pensantes. A vantagem de um sistema de armas ou de uma tática é rapidamente neutralizada por uma arma ou tática oposta, desenvolvida pelo inimigo, à medida que esse “choque” se desenrola em todos os níveis da guerra, até que os beligerantes possam chegar a uma resolução por meio da aniquilação ou da exaustão⁹.

A Competência Necessária para Garantir a Prontidão

A capacidade do Exército para adestrar homens e mulheres para a guerra está intrinsecamente ligada ao orçamento dos Estados Unidos da América (EUA) e, atualmente, o país assiste, mais uma vez, a cortes orçamentários, que afetarão a forma pela qual a Força prepara as formações. A redução de verbas para a instrução significa que o Exército precisa ser criativo e ponderado ao estabelecer prioridades e padrões nessa área. Uma coisa é certa: os militares precisam entender a incerteza e como mitigá-la. O Exército pode apoiar seus militares oferecendo uma instrução que lhes permita desenvolver sua competência em três áreas principais:

- ◆ A história da guerra
- ◆ Como adaptar-se à incerteza
- ◆ O emprego de sistemas de armas e equipamentos

Da abordagem padronizada utilizada pelo Exército dos EUA durante a Guerra Fria à atual combinação *ad hoc* de instrução que a Força utiliza para as operações de contrainsurgência e estabilização, o fator incerteza como componente da preparação das tropas para a guerra passou por períodos de maior ou menor importância. Como instruir e ensinar para a incerteza na guerra deve ser um dos principais temas do desenvolvimento de líderes.

Competência na história da guerra. O estudo da história da guerra não significa ter de ler o livro favorito de um comandante, da época em que era tenente, embora esse possa ser um ponto de partida. Em vez disso, os comandantes e subordinados devem adotar uma abordagem planejada e disciplinada com respeito ao autodesenvolvimento. Esse aspecto da formação deve receber a mesma ênfase do superior que a manutenção, as pistas de instrução situacional e a técnica de tiro. Muito já se escreveu sobre o autoestudo planejado, incluindo o artigo clássico “Use and Abuse of Military History” (“Uso e Abuso da História Militar”, em tradução livre), de Sir Michael Howard¹⁰. Howard recomenda três regras:

Primeiro, estudar de maneira *ampla*. [O historiador] deve observar a forma pela qual

a guerra evoluiu no decorrer de um longo período histórico [...] Em seguida, precisa estudar em *profundidade*. Deve selecionar uma única campanha e analisá-la em detalhe [...] até que o contorno bem definido se desfça e ele vislumbre a confusão e o horror da experiência real. [...] Por fim, precisa estudar em *contexto*. As campanhas e batalhas não são como jogos de xadrez ou partidas de futebol, conduzidas com total distanciamento de seu ambiente, segundo regras estritamente definidas [ênfase nossa]¹¹.

A guerra deve ser compreendida em seus contextos histórico, social, cultural, econômico, humano, moral, político e psicológico, porque “as raízes da vitória e da derrota devem ser buscadas, muitas vezes, longe do campo de batalha”¹². Estudar as guerras sem atentar ao seu contexto levará a uma visão superficial do tema, com lições e conclusões isoladas de seu devido ambiente.

O estudo disciplinado da história da guerra cultiva importantes habilidades de pensamento crítico, que ajudam os profissionais militares a lidar com a incerteza nos conflitos e com o desafio da mudança institucional. Como ressalta Williamson Murray, a história

oferece aos “profissionais militares um entendimento de como pensar sobre problemas difíceis, como lidar com a incerteza e como se preparar, ao longo da carreira, para as funções de responsabilidade que, inevitavelmente, terão de assumir”¹³.

Além disso, segundo Paul Van Riper, as experiências indiretas, proporcionadas pelo estudo da história militar, permitem que os “profissionais do combate identifiquem padrões conhecidos de atividade e desenvolvam, mais rapidamente, soluções potenciais para problemas táticos e operacionais”¹⁴. É



Militares norte-americanos executam treinamento virtual em formação de comboio, em Baumholder, Alemanha, 08 Feb 08.

(Foto de Ruediger Hess, Especialista em Informação Visual)

justamente por isso que os militares precisam estudar a guerra, sua teoria e suas instituições militares de maneira minuciosa e crítica¹⁵.

Um entendimento profundo, amplo e contextual da história fornece a perspectiva necessária para compreender e avaliar a teoria e a natureza da guerra. Um exemplo de um programa de autoestudo que inclui a ênfase na história militar consta do guia “Maneuver Self-Study Program” (“Programa de Autoestudo sobre Manobras”, em tradução livre), criado no Forte Benning, no Estado da Geórgia. Esse programa complementa o ensino profissional militar com um curso bem formulado, que pode ajudar os comandantes em sua trajetória pessoal rumo a um entendimento mais amplo, profundo e contextual da guerra e suas teorias¹⁶.

Competência em adaptar-se à incerteza. O estabelecimento adequado de uma defesa é um tema importante, que deve ser ensinado. Contudo, a capacidade de adaptar um plano em resposta a uma nova crise ou para tirar proveito de um ganho imprevisto é ainda mais importante. Conforme observa Williamson Murray, a “adaptação demanda a mudança contínua e incessante, porque a própria guerra nunca permanece estática, mas engloba as complexidades apresentadas pelos seres humanos envolvidos em sua tentativa de sobreviver¹⁷” À medida que estudarem a guerra e refletirem sobre suas próprias experiências em combate, os oficiais provavelmente chegarão à conclusão de que situações em que outros comandantes foram obrigados a tomar decisões rápidas diante de informações conflitantes ou da perda de comunicação com o comando superior eram mais comuns que ações defensivas ou ofensivas perfeitamente executadas.

Uma forma de preparar comandantes para o combate é criar cenários em que a fricção e a incerteza sejam os pilares do exercício. Isso pode ser facilmente realizado com a introdução dos seguintes elementos: informações imperfeitas, prazos apertados, relatórios contraditórios, mudanças rápidas nas operações, perda de comandantes-chave, privação do sono, dilemas éticos e questões de manutenção e logística. As unidades e os comandantes devem ser avaliados segundo sua capacidade para operar efetivamente nessas situações. Após a execução, os instrutores devem conduzir análises pós-ação detalhadas para discutir os exercícios. Questões formuladas antecipadamente, com o intuito de estimular a reflexão dos participantes, contribuirão

para a avaliação. Os avaliadores devem evitar o uso de “mementos” obsoletos, que só servem para simplificar o cálculo de notas. As avaliações precisam ser formuladas de forma tão detalhada quanto os exercícios, para que os benefícios da instrução possam ser ampliados.

Competência no emprego de sistemas de armas e equipamentos. Em sua obra pioneira, “Distributed Manoeuvre: 21st Century Offensive Tactics” (“Manobra Distribuída: Táticas Ofensivas do Século XXI”, em tradução livre), os australianos Justin Kelly e Mike Brennan propõem que a guerra pode ser vista como uma luta dialética entre a ofensiva e a defensiva¹⁸. Descrevem como, assim que uma Força ganha uma vantagem, a outra rapidamente a neutraliza. Acreditam que, como a tecnologia de detecção aumentou tremendamente a efetividade da ofensiva, a defensiva respondeu com as contramedidas tradicionais, como a dispersão e as operações descentralizadas, para operar abaixo do limiar de detecção. Para recuperar a vantagem contra esse tipo de defesa, a ofensiva também precisa descentralizar as operações.

Para o Exército dos EUA, adestrar Unidades letais que possam atirar, movimentar-se e comunicar-se efetivamente em diversos ambientes é algo fundamental para nossa capacidade de enfrentar esse último avanço no confronto entre ofensiva e defensiva. O Exército, sem dúvida, passou anos aprimorando uma abordagem em relação à letalidade e à efetividade, mas perdeu de vista alguns fundamentos ao longo desse processo. O adestramento das Unidades deve englobar muito mais que exercícios de técnica de tiro — que são científicos e previsíveis, mas não levam em consideração a incerteza no campo de batalha. A instrução deve exigir que frações reajam ao desenrolar dos acontecimentos em ambientes múltiplos e adquiram, rapidamente, a superioridade operacional ou de potência de fogo, ao mesmo tempo que limitam as baixas civis na área operacional. Os atuais rodízios de instrução em “ação decisiva” programados para os centros de instrução do Exército decerto rumam nessa direção.

Objetivos do Desenvolvimento de Líderes

Nenhuma dessas abordagens para aumentar o conhecimento e o preparo dos militares para a incerteza funcionará se não houver uma forma de avaliar sua efetividade. Cada componente deve ser avaliado

como parte das atividades normais de desenvolvimento e instrução de liderança. Como parte da orientação de oficiais e graduados, o estudo da guerra deve ser um componente dos objetivos educacionais. Ao redigir as avaliações de liderança, o avaliador deve abordar esses objetivos e determinar se eles foram cumpridos. Da mesma forma, à medida que as frações aumentarem sua capacidade para conduzir operações descentralizadas, seus comandantes devem identificar as falhas, sucessos e lições da instrução. Após eventos de instrução em todos os escalões, os comandantes devem enfatizar as lições sobre o combate e adaptação em um ambiente incerto.

Conclusão

O Exército dos EUA, com frequência, adota o discurso de ressaltar a complexidade dos ambientes em que teve de conduzir o combate durante a última

década, prevendo ambientes ainda mais complexos no futuro. Contudo, para assegurar que os militares estejam preparados para esse futuro, será preciso ir além do mero discurso. O Exército precisa tirar proveito das lições do passado. Como afirma Huba Wass de Czege: “A atividade da guerra nunca foi simples, e os que tentaram, no passado, reduzir essa prática a meras fórmulas foram derrotados”¹⁹.

O Exército precisa achar um ponto de equilíbrio entre a instrução em tarefas e o ensino sobre a guerra. Deve preparar os comandantes, em todos os escalões do Exército — incluindo muitos sem experiência de combate — dentro de ambientes de instrução que reflitam a incerteza inerente à guerra. Ao criar a combinação certa de ensino e instrução, com a incorporação da incerteza, o Exército estará pronto quando chegar a hora de combater e vencer as guerras da nação. ■

O Ten Cel Jonathan Due comanda o 4º/2º Regimento de Cavalaria, em Vilseck, na Alemanha. Possui os títulos de mestre pela University of North Carolina at Chapel Hill e bacharel pela Academia Militar dos EUA, em West Point. É oficial de cavalaria blindada, e suas funções anteriores incluíram comandante de esquadrão, oficial de operações de regimento, e oficial administrativo de regimento.

O Major Nathan K. Finney é estrategista do Exército, baseado na Região da Capital Nacional. Possui os títulos de mestre em Administração Pública pela Harvard University e pela University of Kansas e de bacharel em Antropologia pela University of Arizona. Serviu em missões no Iraque e no Afeganistão.

O Maj Joe Byerly é oficial de cavalaria blindada e aluno do U.S. Naval War College, em Newport, Rhode Island. Comandou um esquadrão de Cavalaria e uma companhia no Forte Stewart, Georgia. É bacharel pela North Georgia College and State University. Foi agraciado com o Prêmio de Liderança General Douglas MacArthur, do Exército dos EUA, em 2011.

Referências

1. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. and trans. Michael Howard e Peter Paret (New York: Alfred A. Knopf, 1993), p. 117. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRM) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de MICHAEL HOWARD e PETER PARET. — N. do T.]
2. Thucydides, *The Landmark Thucydides: A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, ed. Robert B. Strassler (New York: Free Press, 1996), 374-376. Um exemplo sobre como Tucídides trata da incerteza seria seu relato sobre as ações fracassadas de Nícias ao tentar impedir a Expedição à Sicília.
3. Clausewitz, p. 97.
4. Alan Beyerchen, “Clausewitz, Nonlinearity, and the Unpredictability of War”, *International Security*, 17, no. 3 (Winter 1992-1993): p. 59-90, <http://www.jstor.org/stable/2539130?origin=JSTOR-pdf&> (accessed 29 October 2014). Beyerchen oferece uma excelente análise de Clausewitz e a não linearidade.
5. U.S. Army Training and Doctrine Command (TRADOC) Pamphlet 525-3-1, *The U.S. Army Operating Concept: Win in a Complex World* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 2014), <http://www.tradoc.army.mil/tpubs/pamndx.htm> (acesso em 29 out. 2014). Esta publicação oferece um exemplo de uma discussão formal sobre a complexidade e a necessidade de que as Forças norte-americanas se preparem.

6. Clausewitz, p. 86.
7. Army Doctrine Publication (ADP) 3-0, Unified Land Operations (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, October 2011), p. 1.
8. Beyerchen, p. 67.
9. Gordon A. Craig, "Delbrück: The Military Historian", in *Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age*, Peter Paret, ed. (Princeton: Princeton University Press, 1986), p. 341-343.
10. Michael Howard, "The Use and Abuse of Military History", *Royal United Service Institute Journal*, 107 (February 1962), p. 13-14.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. Williamson Murray, "Thoughts on Military History and the Profession of Arms", in *The Past as Prologue: The Importance of History to the Military Profession*, eds. Williamson Murray and Richard Hart Sinnreich (New York: Cambridge University Press, 2006), p. 92.
14. Paul K. Van Riper, "The Relevance of History to the Military Profession", in *The Past as Prologue: The Importance of History to the Military Profession*, eds. Murray and Sinnreich.
15. Peter Paret, "The History of War," *Daedalus* (Spring 1971), p. 381-386.
16. "The Maneuver Self-Study Program" (also called the Maneuver Leader's Self-Study Program) is available online at www.benning.army.mil/mssp (acesso em 29 out. 2014).
17. Williamson Murray, *Military Adaptation in War: With Fear of Change* (New York: Cambridge University Press, 2011), p. 310.
18. Justin Kelly e Mike Brennan, "Distributed Manoeuvre: 21st Century Offensive Tactics", *Australian Land Warfare Studies Centre Working Paper No. 134* (Australia: Commonwealth of Australia, 2009).
19. Huba Wass de Czege, "How to Change an Army", *Military Review* (Nov. 1984): p. 34.



Militares norte-americanos transportam "ferido" para um helicóptero de evacuação aeromédica durante exercício no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto, Forte Polk, Louisiana, 19 Mar 12.

Departamento de Defesa, Especialista Michael Crawford, Exército dos EUA



Voluntários colocam laços azuis em árvores e objetos durante campanha de conscientização sobre a agressão sexual, nas instalações do Exército dos EUA, Presídio de Monterey, Califórnia, 25 Set 13.

(Steven L. Shepard, O Com Soc, Presídio de Monterey)

As Realidades do Programa de Resposta e Prevenção ao Assédio e Agressão Sexual

Perspectivas sobre Como Lidar com a Prioridade Número Um do Exército dos EUA

Ten Cel (Res) Peter D. Fromm, Exército dos EUA

O Programa de Resposta e Prevenção ao Assédio e Agressão Sexual (*Sexual Harassment and Assault Response and Prevention Program — SHARP*) do Exército dos EUA é uma missão contínua de alta prioridade no âmbito de toda a Força. Há um entendimento quase unânime de que a cultura do Exército, a cultura das Forças Armadas, precisa mudar. Considerando essa opinião quase unânime, há relativamente poucos trabalhos ou artigos na mídia profissional militar que examinem o andamento das iniciativas do SHARP de maneira crítica. De modo geral, a instituição tem atacado esse problema com a mesma seriedade dedicada a outros em sua história. Contudo, ao lidar com as questões envolvidas, o Exército ainda tem dificuldades em identificar qual é a cultura que precisa ser modificada e o que deve ser feito, exatamente, para corrigir o problema.

Há diferentes escolas de pensamento em relação a esse esforço. Alguns militares se enxergam, primeiramente, como vítimas do Congresso dos EUA, e não como defensores das verdadeiras vítimas e como líderes e gestores dos ambientes em que esses crimes ocorrem. Alguns sugerem que a situação nas Forças Armadas é, comparativamente, melhor que a do meio universitário, pelo menos em termos de porcentagens brutas. Isso implica que o real problema no âmbito militar é, na verdade, um problema da sociedade, ignorando a questão do que deve ser feito para mudar a cultura.

Outros adotam a postura relacionada de que nós lidaremos com esse problema para a sociedade e mostraremos o caminho, da mesma forma que o Exército o fez em relação à integração racial e de gêneros. A ideia implícita nessa postura é: “Sabemos que não estamos tão mal nessa área quanto os civis, mas aceitamos a missão mesmo assim, porque precisamos corrigir o problema, e estaremos prestando um serviço ao país ao mostrarmos o caminho para o que é correto”. À primeira vista, essa forma de abordar o problema parece menos equivocada, mas deixa, mais uma vez, de compreender a profundidade da tarefa em pauta. Essa abordagem pode indicar ao Congresso que as Forças Armadas estão dispostas e aptas a resolver os problemas de agressão e assédio de uma vez por todas, mas ela não enfoca, diretamente, a cultura que precisamos mudar.

Qualidade X Quantidade

Essas perspectivas são incentivadas e agravadas pelo ímpeto de acompanhar os casos de agressão e assédio sexual (questões de igualdade de oportunidades e igualdade de oportunidades de emprego, além das questões do SHARP) dentro das Forças Armadas, com base em dados estatísticos.

Os indicadores utilizados são enganosos por levarem os responsáveis pelas iniciativas de combate à agressão e assédio sexual a confundir os sintomas com as causas. Abordagens baseadas em indicadores podem criar a ilusão de que os comandantes estejam fazendo algo para influenciar as causas quando esse não é o caso: estão apenas acompanhando o desenrolar do problema. Nesse sentido, embora inegavelmente valiosos para avaliar o problema (mas não para corrigi-lo diretamente), os dados estatísticos são uma espécie de pista falsa. É preciso entender a cultura, e só então será possível transformá-la.

Qual é, exatamente, a cultura que precisa ser transformada? A dimensão qualitativa do problema dentro das Forças Armadas está em sua dinâmica de poder. No segmento civil da sociedade, a dinâmica de poder é, primordialmente, econômica; riqueza equivale a poder. Os funcionários que sejam vitimados podem recorrer a canais jurídicos externos à sua hierarquia para lidar com o assédio e com a agressão. Além disso, não precisam se preocupar com uma cadeia de comando que também detém competência legal sobre eles, como é o caso dos militares. Essa autoridade legal é a razão óbvia por que existe um problema urgente, que se agravou e minou a confiança entre os militares.

Tal autoridade pode transformar a vida de um militar em um inferno, caso ele recuse uma proposta em troca de favores sexuais, por exemplo. Em geral, a vítima é bastante jovem e inexperiente e talvez desconheça os recursos disponíveis fora de sua cadeia de comando. Os dados analíticos utilizados nas comissões de inquérito sobre agressão sexual devem indicar, claramente, as denúncias de abuso da cadeia de comando, já que isso é um reflexo do caráter singular do problema dentro das Forças Armadas. A maioria inclui esse tipo de informação hoje em dia. Para cada caso de agressão relatado, existe a probabilidade (segundo estimativas da Divisão de Investigação Criminal) de que o número real seja 80% maior.



Militar norte-americana representa as vítimas da violência sexual nas Forças Armadas durante coletiva de imprensa realizada em 13 Abr 12, organizada pela instituição Working Against Violence Inc., em Rapid City, Dakota do Sul.

(Sten Michael Beck, Guarda Nacional do Estado de South Dakota)

Assim, o indicador para entender o aspecto qualitativo subjacente também aponta, assustadoramente, para a quantidade de casos de abuso não denunciados, que ocorrem sem serem detectados.

Cultura: a Objetificação Sexual em um Contexto Militar

Quando um indivíduo exerce grande poder, como a autoridade legal sobre outras pessoas, mas não tem um senso moral, maturidade ou sabedoria, o exercício de tal poder se mistura, inevitavelmente, com impulsos básicos. Acaba incorporando uma dinâmica sexual, por mais difícil que seja, para alguns, admitir ou encarar esse fato. Em relacionamentos que envolvem o poder e a autoridade, como a hierarquia militar, o impulso sexual se manifesta abertamente muitas vezes, conforme visto, recentemente, em casos em que superiores se envolveram sexualmente com subordinados, em relacionamentos consensuais, mas ilegais e impróprios. Entretanto, se um indivíduo de escalão subordinado rejeitar um relacionamento consensual, a situação acaba, com frequência, em assédio ou agressão sexual.

Como é de se esperar, esses abusos ocorrem primordialmente nos escalões subordinados, em que jovens ocupam as funções de comando, embora os recentes casos envolvendo integrantes da alta liderança talvez venham mais rápido à mente. A cultura que estabelece as condições para esse tipo de abuso do poder está profundamente arraigada na linguagem. Se chamamos um homem de *stud* (“garanhão”) com base em suas atividades sexuais, a cultura geralmente o enxerga de um modo positivo. A promiscuidade sexual acarreta menor estigma para o homem do que para a mulher. *Slut* (“galinha”) é uma palavra que a cultura, inegavelmente, considera negativa. Assim, é fácil perceber que parte da cultura que precisa mudar desfavorece, de imediato, a mulher. O que isso indica é que, como as mulheres são habitualmente objetificadas por esse tipo de linguagem, predomina uma postura cultural que estabelece as condições para que seu assédio seja tolerado e que até contribui para a agressão. Assim, não surpreende que as mulheres sofram agressões com uma frequência bem maior que os homens.

Entretanto, muitos homens também são vítimas da agressão e assédio sexual e, em números brutos, os ataques contra homens são um problema significativo dentro do Exército dos EUA. Para entender esse aspecto da cultura, é preciso analisar mais a fundo a dinâmica do poder, indo além das situações mais evidentes, como a de homens bêbados que atacam mulheres drogadas, bêbadas ou vulneráveis. Para entender essa parte da cultura, é preciso examinar o denominador comum, que é a questão da dignidade e respeito, como a liderança do Exército dos EUA aponta, com frequência. O Exército precisa considerar a linguagem como um meio fundamental de assegurar que os militares sejam tratados com dignidade. Precisa, ainda, determinar como preparar combatentes fortes e corajosos em um ambiente de respeito. Equilibrar um ambiente de respeito com o preparo de combatentes arrojados é, provavelmente, o maior problema diante das Forças Armadas atualmente. Com frequência, confundem esse preparo com a demonstração de domínio e superioridade por meio de um tratamento cruel ou degradante. Ainda temos comandantes que humilham e desrespeitam seus subordinados como um meio para alcançar fins que imaginam serem bons.

Contudo, esse desrespeito é parte integrante do problema da agressão e assédio sexual nas Forças Armadas. A relação entre o desejo de objetificar os outros e os impulsos do indivíduo que realiza a objetificação é um conceito que foi consagrado por Jean-Paul Sartre em sua teoria psicológica pioneira sobre o autoengano (isto é, “má-fé”) no livro *O Ser e o Nada*¹.

Sua discussão explica bem o fenômeno psicológico por trás dos estupros em presídios, em populações do mesmo sexo, como uma questão de domínio social, e não de orientação sexual. Esses estupros são atos supremos de desrespeito, de privação da dignidade. Também é possível ver a mesma dinâmica nos casos de ritos de iniciação abusivos das fraternidades universitárias.

O impulso de objetificar os outros é sempre o precursor da violência psicológica, que também leva à violência física. Esse impulso tem um componente sexual. Por isso, vale a pena ter em mente que as realidades do SHARP estão ligadas à cultura que toleramos com respeito à liderança e à gestão em geral.

Atacar a dignidade de alguém, demonstrando desrespeito por um subordinado por meio de ataques verbais ou físicos a título de torná-lo mais resistente, é um ato regido pelo mesmo impulso que a agressão sexual. Esse desrespeito está no cerne da cultura que precisa ser mudada, caso queiramos eliminar a agressão e o assédio sexual.

Enquanto os comandantes puderem humilhar outras pessoas, verbal ou fisicamente, sem sofrer nenhuma consequência, enquanto dermos as costas quando um superior abusar um subordinado, estarão estabelecidas as condições para que o abuso seja levado para o campo da dinâmica sexual patente. Os comandantes que conduzem ritos de iniciação ou “corretivos” abusivos estão desempenhando atos sexuais de domínio sublimados. O comandante de um batalhão ou subtenente que diga uma série de grosserias destinadas a humilhar um subordinado está realizando um ato psicologicamente equivalente a agredir aquele soldado. ■

O Tenente-Coronel Peter Fromm, da Reserva Remunerada do Exército dos EUA, serviu, recentemente, como Subchefe da Seção de Pessoal do Exército dos EUA e I Corpo de Exército (Avançado), Camp Zama, Japão. Era responsável pela supervisão do programa SHARP para o comandante da missão.

Referência

1. Jean-Paul Sartre, *Being and Nothingness: a Phenomenological Essay on Ontology*, trans. Hazel E. Barnes (New York: Citadel Press, 1956). Veja a terceira seção do terceiro capítulo, “Concrete Relations With Others” (“As Relações Concretas com o Outro”), e o subcapítulo II, “Second Attitude Toward Others: Indifference, Desire, Hate, Sadism” (“A Segunda Atitude para com o Outro: a

Indiferença, o Desejo, o Ódio, o Sadismo”) [Publicado no Brasil com o título *O Ser e o Nada*. Os títulos da seção e subcapítulo foram extraídos da tradução de Paulo Perdigão — Sartre, Jean-Paul, *O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica*; 15 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. — N. do T.]



Military Review

A Revista Profissional do Exército dos EUA

Cansado de esperar pela próxima edição para ler os artigos da *Military Review*?

Não é preciso mais esperar: a nova seção *MR Spotlight* já está *on-line*! Ela apresenta um novo artigo a cada duas semanas. Assim, você pode acessar mais informações, com mais frequência.

Leia artigos recentes ou de edições anteriores:

Acesse <http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/index.asp> ou clique no link "[MR Spotlight](#)".

Contribua com seus comentários!

As páginas oficiais da *Military Review* estão disponíveis nos sites [Facebook](#) e [Twitter](#), para que os leitores possam contribuir com seus comentários sobre o conteúdo e o visual da revista. Também incentivamos o debate profissional sobre todos os artigos publicados na *Military Review*.

"A *Military Review* é um importante fórum de discussão, que ajuda a direcionar o diálogo da nossa profissão."

—Gen Ex Raymond T. Odierno